

A revista que pensa a Educação.

 MODERNA

ANO 6 • Nº 11 • 2016

EDUCATRIX



➤ **TENDÊNCIAS**

8 ETAPAS PARA SE TORNAR
UM EDUCADOR-CURADOR.

➤ **ESPECIAL PEDRO BANDEIRA**

O PAÍS DE UM LIVRO SÓ.

➤ **CONEXÃO**

VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA DAR
AUTONOMIA PARA SEUS ALUNOS?

PLANEJAR E REPLANEJAR

ELEMENTOS DA MESMA AÇÃO



re

Respeito pela educação


Respeitar a educação é se comprometer com objetivos que promovam o desenvolvimento contínuo das pessoas por meio do conhecimento. Também é entender suas perspectivas para contribuir com **soluções práticas e eficientes**.

É isso que fazemos: consolidar **uma parceria com mantenedores, diretores, coordenadores e professores**, assumindo juntos a arte de educar, abrindo novos caminhos, partilhando experiências, contribuindo com a formação de educadores e elaborando conteúdos alinhados com as necessidades da sala de aula e da vida.



MODERNA

Tradição e pioneirismo que você conhece

 moderna.com.br  0800 17 2002  /editoramoderna

MAIS RESPEITO PELA EDUCAÇÃO

DEPOIS de comemorarmos 5 anos da Educatrix, nosso desafio era ainda maior para buscarmos formas de nos reinventar e oferecer cada vez mais recursos para você. Por isso, colocamos a mão na massa e reunimos uma equipe especial de parceiros para planejar e intensificar a elaboração de artigos escritos por especialistas, reforçando nosso compromisso com a melhoria da educação.

Em tempos de incessantes questionamentos sobre os rumos do país, muitos acabam se apegando a projeções incertas do futuro e aos fantasmas do passado, descuidando do presente. O que nos propusemos nesta edição foi oferecer mais argumentos para o professor e o gestor refletirem sobre o presente e, sobretudo, engajarem-se e agir hoje.

Foi a partir disso tudo que criamos nossa nova campanha *Respeito pela educação*. Tudo para assumir junto com você o compromisso com o desenvolvimento contínuo das pessoas por meio do conhecimento.

Como toda nova ação parte de um planejamento estruturado, fomos desvendar junto com Solange Petrosino e Alexandre Salles Pimenta os desafios da construção de um plano pedagógico bem-sucedido que considere adversidades pelo caminho e que possa ser revisitado e replanejado. Adentramos o universo das avaliações estudantis junto com Juliana Miranda e identificamos as possibilidades que elas representam para o planejamento do gestor escolar.

Wagner Sanchez trouxe à tona a discussão sobre a necessidade de a educação entrar de uma vez por todas no terceiro milênio, já que já estamos vivendo a quarta revolução industrial com

nostros *smartphones*, *tablets* e esta enxurrada de informações a que temos acesso em tempo real. Aliás, foi muito gratificante também contar com um panorama apresentado por Simone André, Maria Claudia Lopes Silva e Cynthia Sanchez, do Instituto Ayrton Senna, sobre a formação de professores e os desafios que a escola precisa perpassar para desenvolver docentes que falem a mesma língua dos alunos.

Tivemos a rica contribuição de Priscila Cruz, do Todos pela Educação, que nos ajudou a entender o engajamento juvenil, as reais necessidades de protagonismo dos nossos estudantes e as diversas lutas que eles têm travado em todo o Brasil para ter voz ativa nas discussões sociais. Rebecca Otero, da Unesco, complementa esta edição com uma bela reflexão sobre a educação cidadã, focada no respeito às diferenças e na pluralidade.

Diante deste universo com tantas referências, planejamos desbravar os mares da curadoria de conteúdos e apresentar orientações que auxiliem nossos leitores a se tornar educadores-curadores, sem perder

de vista a importância da alfabetização gráfica.

E como esquecer da ilustre presença de Pedro Bandeira em uma reflexão crítica e atual sobre o retrato da leitura no nosso país?

Ufa! Estamos orgulhosos dessa nova edição e esperamos que ela seja uma ferramenta diferenciada para formação e reflexão, respeitando sempre os protagonistas da educação. ●

IVAN AGUIRRA IZAR

Gerente de Comunicação e Marketing



SAIBA +

Tempo de professor Pág. 6

FIO DA MEADA

Planejar é preciso Pág. 10

RETRATO

As histórias de Débora Pág. 12



LINHA DE RACIOCÍNIO

Um olhar para os valores da escola



PERSPECTIVAS

O mundo mudou. E agora?



PENSAMENTO ACADÊMICO

O planejamento na Educação infantil



NA TELA

A quarta revolução industrial e seus impactos na educação



FOCO Planejar e replanejar. Elementos da mesma ação



CONEXÃO Engajamento juvenil. Importante e necessário



ESPECIAL PEDRO BANDEIRA O país de um livro só



GESTÃO ESCOLAR Avaliar para quê?



POR DENTRO O caminho para a alfabetização gráfica



TENDÊNCIAS Somos todos curadores



PLENOS SABERES Educação para a paz



PANORAMA O que é educação moderna?



CIDADANIA Cidadania global

FAVORITOS

Publicações que potencializam o dia a dia do professor Pág. 102

TRAJETÓRIA

Alexander Neill. Liberdade para aprender: utopia ou realidade? Pág. 106



SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

A sua Instituição de Ensino quer **AVANÇAR** no *ranking* de aprovações do **ENEM** e dos principais vestibulares do país?

NASCE UM NOVO SISTEMA DE ENSINO QUE IRÁ PROMOVER
E GARANTIR UMA EDUCAÇÃO DE RESULTADO.

4 GRANDES PILARES:



ASSESSORIA PEDAGÓGICA

com foco na formação e motivação da equipe docente.



FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM

incluem recursos digitais e simulados idênticos ao ENEM.



MATERIAIS DIDÁTICOS

da Educação Infantil ao Pré-vestibular, os materiais são orientados para uma aprendizagem efetiva.



ASSESSORIA DE MARKETING

disponibiliza campanhas institucionais e de matrículas para auxiliar na captação e retenção de alunos.



RESULTADOS

que demonstram
EFICIÊNCIA E CREDIBILIDADE

2º DO BRASIL
NO ENEM 

1º DO BRASIL
IME E ITA 
92 APROVADOS

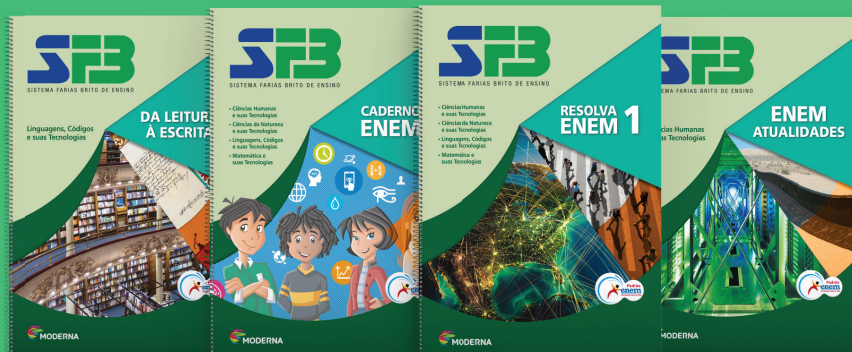
1º DO BRASIL
NA OLIMPIADA
INTERNACIONAL DE
FÍSICA 

1º DO BRASIL
NA OLIMPIADA
INTERNACIONAL DE
INFORMÁTICA 



O SISTEMA FARIAS BRITO

oferece, além dos materiais didáticos,
cadernos exclusivos que preparam os
alunos para o momento da avaliação.



TEMPO DE **PROFESSOR**

Bons tempos “daquela” boa educação. Tempos que não voltam mais... Será que o tempo sempre tem que tocar o mundo?

—
POR *Ivan Aguirra Izar*



O PROFESSOR é um termômetro das novas gerações, mas, intrinsecamente, sempre foi um ser mais de passado que de futuro. Um ser mais de memória que de articulações. Mais de referências que de projeções. Mas sempre existiram os pioneiros do presente, precursores entre gerações que viveram o seu tempo e experimentaram todo um legado para redefinir tempos e espaços.

Vindo de uma família de professores, sempre ouvi conversas de corredor e reuniões de amigos acabarem num reticente “tempo que não volta mais”. Toda nostalgia carrega um ar de perda e de idealismo de uma época em que éramos, de fato, “felizes”. As pessoas se apegam a um passado de certa forma inventado, meio idealizado, até certo ponto inspirado. Realmente, cada tempo é fruto de sua geração. Cada nova geração de alunos, de professores, deixa um legado que é reflexo de sua sociedade. Algumas pessoas podem até tentar forçar que o passado se imponha sobre o presente. Na verdade, o passado existe e está por todo lado: o passado é o presente resignificado.

O tempo é uma das maiores incógnitas do mundo, o que pode justificar nosso hábito de estar sempre com a cabeça voltada ao passado. Acontece que, lá, nada se compartilha, nada se objetiva, a não ser reminiscências. Retomando o passado, Santo Agostinho deixou uma contribuição essencial para o presente: “é impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.” Disso, podemos depreender a fundamental necessidade de termos os olhos voltados ao presente das coisas,

às transformações do mundo, ao movimento das pessoas e das organizações e às ferramentas e tecnologias que nos são oferecidas hoje. Não há tempo algum senão o presente, o instante em que devemos agir e nos posicionar no mundo.

É aí que o planejar se torna peça-chave para o professor, visto como unidade fundamental de um todo que é a escola. Planejar visto como dividir objetivos e metas definidos no presente e dispostos dentro de um período de tempo, com vistas à realidade atual dos alunos. Já ouvi muito “ora, mas como planejar com tantos detalhes se terei que mudar tudo no primeiro ‘não entendi’ dos alunos, na primeira mudança de rota exigida pelo contexto de aprendizagem de cada um?”

O grande desafio do planejar se dá justamente porque ele é um verbo que nos encontra no futuro, escancara nossos fracassos caso não possamos atingir um tal objetivo projetado. Até aí imagino que todos concordem, mas o que esse verbo esconde, e o ponto em que ele nos engana, é que ele não pode ser um verbo com raízes no passado, no momento e no plano original em que nasceu. Planejar é um verbo do presente, que deve ser revisitado e resignificado a cada instante diante do comportamento do mundo e dos agentes envolvidos, que podem ser os alunos, outros professores, o espaço escolar, a comunidade.

Manoel de Barros, um poeta que tem a cara das novas gerações por seu caráter genuíno e transformador, deixou uma experiência de mundo que nos faz refletir ao dizer que “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”. É vital viver o presente das coisas presentes. Planejar e replanejar dia a dia com vistas a um bem maior. Viver o instante, o redor de si e do mundo para, assim, transver: explorar a criatividade desenvolvida ao longo do tempo para ver além. ●

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Igor Mauro
Ivan Aguirra Izar
Luciano Monteiro
Solange Petrosino
Sônia Cunha de Souza Danelli

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cauê Cardoso Polla, Ivan Aguirra Izar, Daniel Brito, Paulo de Camargo

ARTICULISTAS

Alexandre Salles Pimenta, Ana Claudia Ferrari, Andréa de Fátima Dias, Cynthia Sanches de Oliveira, Eduardo Amos, Gabriela Dias, Ivonete Lucirio, Juliana Miranda, Maria Claudia Leme Lopes, Miruna Kayano, Pedro Bandeira, Priscilla Cruz, Rebeca Otero, Rosana El-Kadri, Simone André, Solange Petrosino, Wagner Sanchez

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Ricardo Davino Fonseca

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ivan Aguirra Izar
Ricardo Davino Fonseca

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Shirô

COLABORADORES

Eduardo Santana
Rosana Bernardes Fernandes

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL EM:

www.moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação continuada nas escolas. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.

ISSN: 2447-4991

Tiragem: 45 mil exemplares.

✉ educatrix@moderna.com.br

© Direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

PLANEJAR É **PRECISO**

*Sobre precisão e
necessidades*

Estar à frente
de possíveis (e prováveis)
imprevistos em seu
planejamento pode garantir
bons resultados com a turma.

POR *Cauê Cardoso Polla*



ILUSTRAÇÃO ILYALIREN / ISTOCK

QUANDO queremos que algo dê certo, planejamos – embora, muitas vezes, nem tudo saia como o planejado. No mundo da educação não é diferente: os dias letivos, as atividades extracurriculares, as aulas, tudo precisa ser muito bem planejado. Mas, afinal, por que esta palavra é tão necessária?

O verbo planejar deriva do latim *planus*, que quer dizer... plano! Isso mesmo, plano como em planície, em superfície plana. Quando algo é plano, fica mais fácil de observarmos detalhes, compreender melhor sua extensão. Planejar é como colocar em uma superfície plana – uma folha de papel – tudo o que precisamos para atingir o objetivo que desejamos. Isto não quer dizer que tudo tenha que ser planejado. Muitas vezes acontecem coisas que nos desviam de nossos planos e nos levam por um outro caminho que, no final, pode até se mostrar melhor.

Quando um professor entra em sala, ele já planejou a aula com um objetivo e à luz das necessidades da turma, seja para ajudar a desenvolver determinada competência, seja para trazer alguns conteúdos que colaborem na construção do conhecimento do aluno. Escolheu um método mais adequado para abordar o tema, como dividir o capítulo de um livro em mais de uma aula, como essa aula fará ligação com outra, e ainda com as demais no decorrer do ano. Pesquisou referências e ferramentas eficientes para diversificar sua metodologia, pensou quais ati-

vidades extracurriculares podem complementar o que foi trabalhado em sala e previu formas de avaliar tudo isso ao longo do processo e no final de tudo. Elaborou, em conjunto com os colegas, propostas para atividades interdisciplinares. E, então, prepara-se para implementá-la! No dia em que havia programado uma aula expositiva fundamental haverá treinamento na escola para prevenção de incêndio! No outro dia, depois de reordenar suas aulas e se preparar para continuar suas atividades, acorda se sentindo mal e não pode ir à escola...

Mesmo quando planejamos, algumas coisas podem impedir que nossos planos sejam colocados em prática da maneira que queremos. Por isso, é fundamental estar preparado para pensar, reorganizar o plano original e fazer ajustes o tempo todo. Um planejamento não pode se tornar um ideal tão cristalizado que dê ordens às realidades da vida. O inesperado está sempre por perto, e por isso, planejar também significa tentar prever as possibilidades de não realização plena, de um retorno da turma diferente do previsto ou de realizar de outro modo aquilo que se planejou.

O planejamento é uma parte fundamental para organizar o processo educativo. Não há uma única forma de planejar, e é possível que existam diversos planejamentos diferentes para se atingir um mesmo objetivo. Flexibilidade e perseverança são as palavras de ordem: todo planejamento deve ser suficientemente flexível para que seja viável, e temos que ser persistentes para levar adiante o planejado. Esperar muita precisão entre o que é planejado e o que é executado pode nos levar a consequências desastrosas. É preciso também que o planejamento não seja apenas individual, pois quando se trabalha em grupo, partilhar experiências pode ser muito frutífero. O essencial é lançar mão, no dia a dia, das nossas ideias no plano inicial, lá do início do ano, para termos muita clareza de onde partimos e onde queremos chegar. Só assim saberemos abrir novos caminhos para atingir as mesmas conquistas. ●

CAUÊ CARDOSO POLLA

▼ *é Doutor em Filosofia, com ênfase em Filosofia da Educação e História da Filosofia pela USP.*



AS HISTÓRIAS DE DÉBORA



“
Nunca estudei
em escola
especial, só em
escola regular.
A inclusão começa
na família”.

Débora Seabra, professora na
Escola Doméstica em Natal, RN.

Débora Seabra é um exemplo de que uma sociedade igualitária e inclusiva deve ser uma lição diária, ensinada e aprendida na escola, em família e em comunidade.

POR Daniel Brito

“**PAPAGAIO**, respeite o cachorro com seu pelo e seu latido. Cachorro, respeite o papagaio com suas penas e suas falas”. Este é um trecho do livro *Débora conta histórias*, escrito pela professora de Ensino Fundamental Débora Seabra. Mas a autora é também protagonista de uma história única, da qual sua obra torna-se apenas um dos capítulos. Trata-se da história de uma mulher com uma necessidade especial: a de se expressar.

O primeiro capítulo da história de Débora se dá no momento de seu nascimento, há 33 anos, em que Margarida e Robério Seabra de Moura se deparam com uma reviravolta em suas vidas: uma filha com síndrome de Down. A situação de estranhamento inicial, muito por causa da falta de informações a respeito na época, foi se tornando amena graças à ajuda do tempo e dos amigos – entre eles, alguém bastante especial.

Henfil foi um dos cartunistas mais famosos do Brasil. Seus desenhos satirizavam a situação política do país e, vez ou outra, cobravam a população a sair

de uma situação de inércia. Henfil era também um grande amigo da família Seabra e padrinho de Débora. Desde cedo, suas brincadeiras com a afilhada provocavam o mesmo efeito, fazendo com que ela, instintivamente, superasse as limitações da síndrome.

Com o apoio de sua família, Débora se deu conta de que poderia estudar numa escola regular. A decisão não foi fácil. Como era de se esperar, enfrentou uma série de dificuldades, sendo a mais difícil de todas o preconceito de alguns colegas. E foi justamente aí que surgiu uma importante personagem em sua história: sua professora. Débora se lembra até hoje quando foi chamada de “mongol” por um menino. A professora, atenta a essa situação, ensinou logo em seguida a toda a sala que mongóis eram os habitantes da Mongólia, diferente das pessoas com síndrome de Down, que são de todas as nacionalidades e iguais a qualquer um. O exemplo da pedagoga ajudou Débora não apenas a terminar a escola regular, como também a se formar no nível médio do magistério, tornando-se, assim, professora. Ou melhor, a única professora no Brasil com síndrome de Down.

Tornar-se professora foi uma conquista e tanto, mas ainda havia muito por vir. Débora, assim como Henfil, tem necessidade e vocação para se expressar, e dar aulas é um meio de fazê-lo, mas não o único. Desta forma, a pro-

fessor tornou-se também atriz e, por fim, escritora de fábulas inclusivas, como ela mesmo define sua obra.

Acompanhando as conquistas, veio o reconhecimento. Débora passou a incorporar em sua rotina entrevistas a jornais e revistas e aparições em programas de TV, chegando até a discursar na ONU no dia 21 de março de 2014, o Dia Internacional da Síndrome de Down. Em sua fala, a professora contou um pouco de sua história, pressionou os governos a assinarem a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e deixou uma mensagem de inclusão social: “O importante é garantir a saúde de todos, sem discriminação”.

Seja por meio de um personagem literário ou teatral, como palestrante ou professora, Débora Seabra hoje consegue levar o que pensa a milhões de pessoas em todo o mundo. Sua história segue em construção: é escrita e encenada por uma escritora que também é atriz. Um papel apropriado para uma mulher que é só uma, mas que representa tantos.

PARTICIPE:

➤ **E você, tem ou conhece uma história inspiradora? Compartilhe com a gente! Envie sua história para: educatrix@moderna.com.br**

Travessias

a literatura
para o vestibular
com explicações
tim tim por tim tim



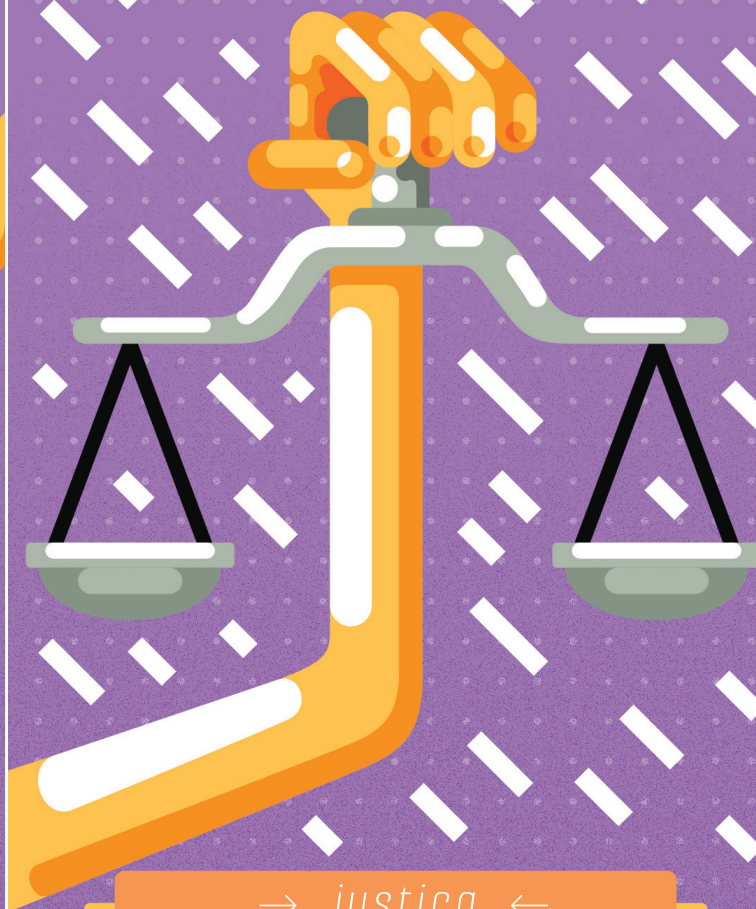
O autor Douglas Tufano revisita as principais obras da literatura brasileira e portuguesa e traz dicas, orientações pedagógicas e notas de leitura para os adolescentes compreenderem melhor as obras mais requisitadas dos exames vestibulares do Brasil.



Tradição e pioneirismo que você conhece



→ respeito ←

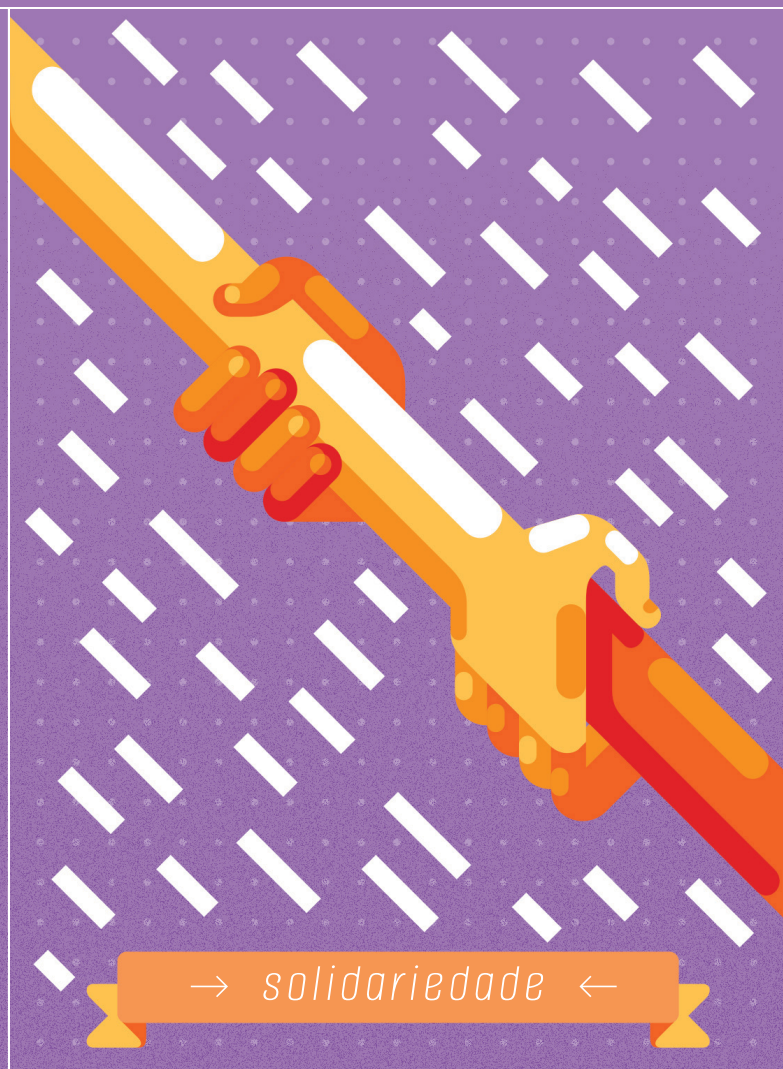


→ justiça ←

UM OLHAR PARA OS **VALORES** DA ESCOLA

Estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas mostra que escolas têm desafios importantes para avançar no desenvolvimento moral.

POR Paulo de Camargo



DA INCIVILIDADE cotidiana ao *bullying*, do conflito à violência escolar, da escola autoritária à gestão democrática – as escolas contemporâneas vêm sendo desafiadas pelo complexo tema da educação moral. Ao lado do trabalho acadêmico e das aprendizagens curriculares do ensino regular, a sociedade espera da escola algo que aparentemente (e apenas aparentemente) é uma atribuição exclusiva dos pais: formar valores.

A questão é que valores não são ensinados. “Os valores são construídos a partir da interação do sujeito com os diversos ambientes sociais. Assim, para que a criança construa valores como honestidade, respeito e justiça, ela necessita interagir com situações em que a honestidade, a justiça ou o respeito estejam presentes”, explica a pesquisadora Telma Vinha, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). “Assim como não se pode ensinar o raciocínio, a moralidade também não se aprende apenas por meio de transmissão verbal”, diz.

Da mesma forma, o objetivo da educação moral não é o de produzir comportamentos politicamente corretos, baseados na obediência cega, mas de desenvolver uma efetiva autonomia moral e pessoas capazes de cooperar por vontade própria, ou seja, compreendendo as regras e aceitando-as de forma livre. »

» Assim, escolas que efetivamente querem conquistar avanços nesta área precisam se tornar espaços de interações saudáveis e democráticas, em um projeto de desenvolvimento com a participação de todos – diretores, professores e, ao seu lado, as famílias. Decisões tomadas coletivamente, conflitos mediados de forma intencional, estímulo à participação por meio de grêmios e assembleias, reuniões de pais mais dialogadas surgem como caminhos assertivos em livros, consultorias e palestras.

Assim como valores não se ensinam, tampouco as escolas mudam pelo discurso ou por adotar soluções de forma isolada. É preciso um esforço consciente para reconhecer os desafios, um olhar para dentro, ou seja, uma reflexão sobre os próprios valores dos profissionais envolvidos e da instituição. Mas afinal, quais são os valores da escola?

Um importante passo nesse sentido foi dado recentemente, com a publicação de uma das mais amplas pesquisas já feitas sobre o tema no Brasil, conduzida pela Fundação Carlos Chagas com a participação de diversas universidades, como a Unicamp e a Unesp.

O objetivo do estudo “Construção e validação de uma escala de valores sociomoraís”, publicado em 2016, foi o de construir e validar uma escala para mensurar a adesão aos valores de justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática. Quase 10 mil pessoas foram ouvidas, entre alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, alunos do Ensino Médio e professores. Participaram 76 escolas, respondendo a 125 questões.

Por conta do ineditismo do trabalho e da busca por apreender valores que não se revelam em um questionário simples, a pesquisa partiu de uma metodologia na qual os entrevistados se posicionavam em relação a pequenas narrativas minuciosamente construídas. Não se trata de encontrar uma moral da história, mas de identificar a postura de crianças, adolescentes e adultos no que se refere à autonomia. Além disso, o estudo incorporou o recurso da Teoria da Resposta ao Item (TRI), que permitiu construir uma escala comparativa e eliminar questões respondidas aleatoriamente.

Os valores estudados foram solidariedade, respeito, justiça e convivência democrática. A matriz de valores escolhida seguiu parâmetros conhecidos para as escolas, já que foi retirada dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Dessa maneira, por exemplo, ser solidário é partilhar de um sentimento de interdependência; reconhecer a pertinência a uma comunidade de interesses e de afetos; tomar para si questões comuns, responsabilizar-se pessoal e coletivamente. A pesquisa mensurou, no entanto, não propriamente o raciocínio moral, mas a perspectiva social em que os entrevistados faziam escolhas sobre valores, ou seja, o quanto eles levavam em conta o posicionamento em relação a si e aos outros para uma escolha entre possíveis atitudes morais.

Para entender melhor, vamos tomar como base o valor da solidariedade. Por exemplo, o nível I refere-se a alguém que

RESULTADOS

Os resultados obtidos pela pesquisa se baseiam em 4 níveis de adesão – o *contravalor* (Nível 1); a *perspectiva egocêntrica* (Nível 2); a *perspectiva*

OS NÍVEIS DE ADESÃO AOS VALORES



1

CONTRA-VALOR
Não leva o valor em conta ao tomar decisões.



2

EGO-CÊNTRICA
Leva em conta apenas seu interesse e interpretação pessoal do valor.

sociocêntrica (Nível 3) e a perspectiva moral (Nível 4), sendo este último o que considera o valor em si, para além da convenção social, ou seja, o ideal a ser alcançado e executado pela sociedade.

3

SOCIO- CÊNTRICA

Decisões centradas nas relações grupais, familiares e em normas sociais convencionais.

4

PERSPECTIVA MORAL

Mais descentrada socialmente e baseada na garantia da dignidade do ser humano, uma vez que se refere a seguir leis ou regras baseadas em princípios universais.

prefere não reconhecer o outro, não sendo solidário; no nível II, opta pela solidariedade por interesse pessoal; no nível III, manifesta solidariedade para agir conforme o socialmente esperado; por fim, no nível IV, manifesta adesão ao valor da solidariedade por acreditar e buscar a igualdade, o bem comum. Neste caso, caminha-se para a autonomia moral, “assumindo valores que, por si mesma, reconhece como bons para si e para qualquer outra pessoa”, assinala a publicação.

Os dados mostraram que, em todas as escolas, os adolescentes e adultos mostraram relativamente maior adesão aos valores de solidariedade e respeito, seguidos por justiça e convivência democrática. “De modo geral, há o predomínio de um modo de adesão relacionado à obediência às normas e às convenções sociais”, ressalta Telma. Ainda no que se refere à solidariedade, a pesquisa concluiu que crianças e adolescentes não conseguem atingir o nível IV. Nesse tema, os professores também situam-se quase na totalidade no campo da ação pela convenção social (Nível III) e não se caracterizam, portanto, pela conquista da autonomia que se busca na educação.

Já o estudo sobre o tema da justiça levou em conta três aspectos – a justiça retributiva (a consequência de infrações), a distributiva (a distribuição de bens, direitos e deveres) e a processual (relacionada às formas de julgamento entre as pessoas). Neste caso, como era de esperar, os adolescentes apresentam maior nível de adesão do que as crianças. No entanto, em ambas as faixas etárias, predomina o nível egocêntrico (Nível II). Apenas 46% dos adolescentes alcançam o nível III, que se refere à perspectiva dos comportamentos socialmente esperados. É notável que nem crianças, nem adolescentes alcançam o nível mais alto.

Mais preocupante é que tampouco entre os professores há o predomínio do nível IV. “Trata-se do valor de adesão mais difícil para os professores, ou seja, foi o valor em que eles se posicionaram em perspectivas sociais menos descentradas, chegando a ter 6% de professores em nível II, de perspectiva social egocêntrica, e 0,3% em contravalor”, diz a pesquisa.

Da mesma forma, no quesito respeito, enquanto as crianças estão predominantemente no nível pessoal, adolescentes e professores se atêm à perspectiva da convenção social.

O aspecto mais crítico do estudo, no entanto, é o que se refere à convivência democrática, que reflete a dificuldade das escolas em trabalhar para o desenvolvimento da autonomia moral. Este se mostrou o aspecto mais difícil para crianças e adolescentes. Há uma porcentagem alta, que chega a quase 10%, que ainda está no nível do contravalor, assumindo valores autoritários.

Além disso, a grande maioria de crianças e adolescentes entende a convivência democrática no plano egocêntrico, como um benefício pessoal. Todos os professores ficaram restritos à perspectiva sociocêntrica. Nenhum adulto entrevistado alcançou o nível IV, que significaria a adesão livre a valores que presidem a convivência democrática. »



ADESÃO AO VALOR DE **RESPEITO**

POPULAÇÃO	N	MÉDIA	MÍNIMO	MÁXIMO	DESVIO PADRÃO
Crianças	2266	100,0	3,0	163,9	25,0
Adolescentes	2133	117,2	39,1	176,7	24,8
Professores	667	168,9	159,1	173,4	2,4
Total	5066				



ADESÃO AO VALOR DE **JUSTIÇA**

POPULAÇÃO	N	MÉDIA	MÍNIMO	MÁXIMO	DESVIO PADRÃO
Crianças	2266	100,0	20,4	151,1	25,0
Adolescentes	2031	118,6	39,6	155,9	20,9
Professores	1313	157,8	107,0	173,3	12,2
Total	5710				

Obs.: O N se refere ao número de participantes que responderam aos itens desse valor. Fonte: Dados da pesquisa (elaboração dos autores).

» CONSEQUÊNCIAS

Chamou a atenção dos pesquisadores a dificuldade dos professores no que se refere ao valor da justiça. Há docentes inclusive situados na perspectiva do contravalor, e 6% dos docentes no nível pessoal. Muitos conteúdos das perguntas versavam sobre penalidades aplicadas na escola e o uso de regras para os alunos. “Nessas situações, raramente as escolhas foram por alternativas que indicavam soluções pautadas nos valores de igualdade e equidade, ou mesmo o emprego de sanções por reciprocidade”, informa a pesquisa.

A única dimensão em que os resultados apontaram maior nível de adesão aos valores foi o da solidariedade, e ainda assim apenas para um pequeno grupo de professores.

O trabalho mostra que as crianças e adolescentes das escolas brasileiras ainda estão longe da desejada autonomia moral, o que indica “a necessidade de interação com ambientes em que tais valores estejam presentes e sejam efetivamente vivenciados”, conclui.



A educação moral deve apreender o significado das normas que definem a vida social e também construir novos sentidos de vida.”

Telma Vinha, pesquisadora da Unicamp.



ADESÃO AO VALOR DE **DEMOCRACIA**

POPULAÇÃO	N	MÉDIA	MÍNIMO	MÁXIMO	DESVIO PADRÃO
Crianças	2214	100,0	20,2	155,8	25,0
Adolescentes	2046	105,2	11,7	178,3	29,4
Professores	1310	197,2	166,1	207,7	6,9
Total	5070				



ADESÃO AO VALOR DE **SOLIDARIEDADE**

POPULAÇÃO	N	MÉDIA	MÍNIMO	MÁXIMO	DESVIO PADRÃO
Crianças	2217	100,0	18,0	164,1	25,0
Adolescentes	2046	111,4	27,2	172,7	23,8
Professores	643	166,7	155,2	177,4	8,4
Total	4906				

Obs.: O N se refere ao número de participantes que responderam aos itens desse valor. Fonte: Dados da pesquisa (elaboração dos autores).

O estudo faz questão de lembrar que não se desconsidera o papel formativo da família, mas situa a escola como um espaço fundamental para oferecer às novas gerações um ambiente adequado para o desenvolvimento moral, pelas relações estabelecidas no seu interior.

“É no ambiente escolar que o sujeito irá conviver com o âmbito público, estabelecer relações de igualdade e conviver com a diversidade. As escolas, quer queiram, quer não, influenciam de maneira significativa a formação moral das crianças e adolescentes, todavia nem todas o fazem na direção da autonomia”, afirma o trabalho, nas suas conclusões. Afinal, as relações internas dos ambientes escolares se baseiam em imposição de normas, regras e comportamentos, além de juízos de certo e errado, bom e mau, adequado e inadequado.

Embora no plano dos projetos pedagógicos e

dos discursos as escolas estejam conscientes desse papel, as práticas ainda estão longe dessa prática, como o estudo comprova. Solidariedade, respeito, justiça, convivência democrática só se tornam valores assumidos de forma autônoma a partir do amadurecimento proporcionado pela convivência. “Mas, nas escolas, a baixa autonomia moral das crianças e adolescentes são fruto de relações baseadas na imposição da autoridade e de regras unidirecionais, não compreendidas e construídas de forma pouco ou nada participativa – e assim não fazem sentido para os alunos”, finaliza Telma Vinha, uma das autoras do trabalho. ●

SAIBA MAIS

➤ Estudo “Construção e validação de uma escala de valores sociomorais” disponível na íntegra em goo.gl/8lmVlg.



O MUNDO MUDOU E AGORA?

São muitas e profundas as transformações no início deste século incerto. Um olhar mais analítico identifica as novas configurações; um olhar de sobrevoos nos mostra pistas que apontam para novos desdobramentos e tendências.

POR *Cynthia Sanchez de Oliveira, Maria Cláudia L. Lopes da Silva e Simone André*

O MUNDO mudou. As gerações jovens mudaram com o mundo. Comparados às gerações adultas, são decididamente **digitais e tecnológicas**. Relacionam-se mais: colaboram, comunicam-se, se divertem, aprendem e produzem – tudo ao mes-

A esse respeito, muito tem sido escrito e estudado. O filósofo Michel Serres contribui com originalidade na abordagem dessa reflexão, nomeando a geração atual como “polegarzinha” (referência ao uso intensivo dos polegares na comunicação). No vídeo abaixo, Serres fala sobre o ensaio Polegarzinha: goo.gl/nzr6Y1



mo tempo agora – em redes, mais virtuais do que físicas. Abrem-se mais: o novo é bem-vindo e o mundo ao seu redor é o planeta. Questionam mais: querem respostas rápidas sobre o que está por trás, por dentro e além das hierarquias, convenções e instituições. Diferenciam-se mais: personalizam identidades, sexualidades, conhecimentos, produtos, imagens, máquinas e tudo o que cai em suas mãos. Autorizam-se mais: pais, professores e padrões não metem medo, nem são vistos como detentores de suas escolhas na vida. Não fazem conflito com as gerações adultas, distanciam-se. Ocupam a noite, a rua, as redes sociais, a escola.

O conhecimento mudou com o mundo. Hoje, ele está acessível em qualquer hora e lugar, basta um leve toque na tela do *smartphone* para inúmeras janelas e possibilidades de pesquisa se abrirem aos nossos olhos. A esse novo ritmo de exploração, vemos acompanhar o ritmo de produção:

a cada dois anos, a quantidade de conhecimento disponível dobra no mundo. Hoje, somos todos potencialmente autores, dos mais jovens aos mais velhos, dos mais escolarizados aos menos escolarizados. E isso não é algo ruim, como muitas vezes o senso comum apre-

goa. Essa liberdade e democratização da produção e do acesso rompe com estruturas verticalizadas e polarizadas, constrói um poder sistêmico para a criação e a renovação. O conhecimento hoje escapa das certezas absolutas do pensamento dualista, do certo e do errado, da **história única**, e, ao mesmo tempo em que se especializa, exige colaboração de diferentes áreas, máquinas, tecnologias e pessoas para ser produzido e compreendido. O conhecimento, alargado e transbordante, relaciona-se amplamente com a emoção, o contexto, a prática, o sentido e o significado. Não cabe mais na memória de nin-

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie trata do perigo da história única na construção da identidade pessoal. Sua inspirada palestra no TED já foi vista por mais de 10 milhões de pessoas. goo.gl/kDOKGW



guém e exige a curadoria constante de todos nós. É a principal moeda da economia.

E a escola? Mantém seus espaços e formatos praticamente iguais a quando foi inventada, no século XIX. Baseia-se no conhecimento acumulado e historicamente validado, repartido em disciplinas, numa grade de aulas teóricas de 50 minutos. Centrada em professores a quem foi atribuída a tarefa – hoje tão questionada – de ensinar dezenas ou centenas de alunos por dia, a quem pouco conseguem ter tempo para conhecer, ouvir, motivar e engajar. Aos estudantes, perfilados, são destinados 50 centímetros de espaço, com o professor à frente, os pais por trás, a prova no meio e escassas possibilidades de descoberta da própria escrita, da própria fala, do próprio desenho, do próprio gesto, do próprio movimento... Faltam espaço e tempo para ler, escrever, falar, resolver problemas, navegar, narrar, pesquisar, descobrir, criar, raciocinar, problematizar, conversar, colaborar, participar... E essa “lição” acontece durante 5 ou até 10 horas por dia, ao longo de 12 anos de escolarização básica.

Dá para entender porque a cada 10 crianças que entram na escola, apenas 3 jovens terminam o Ensino Médio. E dos que terminam, 2 aprenderam português e 1 aprendeu matemática. E porque tão poucos se veem preparados para escolher seus caminhos na vida e na profissão.

Dá para entender, também, porque os professores afirmam que essa escola não responde a seu projeto de vida. Se em algum momento de sua formação e percurso profissional eles se perguntaram o que os levou a ser professor, seguramente a resposta não foi “formar alunos obedientes e esforçados para seguir até o final da educação básica, não importa o quanto aprenderam ou se desenvolveram nesse caminho”.

E AGORA, PROFESSOR? A ESCOLA ACABOU?

A escola, tal qual conhecemos hoje, fatalmente irá acabar, afirma o brilhante professor português **António Nóvoa**. São muitos os sinais de que está perdendo o sentido para professores e estudantes. Pode sucumbir totalmente a formas alternativas de educar, perdendo seu caráter de espaço público e democrático de convívio e aprendizagens. Pode se tornar uma opção pobre para os filhos dos mais pobres, enquanto os mais ricos criam novos modelos de escola. Ou pode se reinventar, a partir do desejo »

Nóvoa aborda rapidamente algumas reinvenções fundamentais na relação professor-conhecimento-aluno-espaço na entrevista disponível em: goo.gl/aE2ROj



» e dos projetos de vida de educadores, decisores, cidadãos, pesquisadores e organizações que apostam no potencial dessa instituição de formar plenamente crianças e adolescentes, valorizando e desenvolvendo, também, os professores e familiares.

Nossa aposta é na reinvenção da escola, do professor e do estudante. Não se trata apenas de crenças ou opções políticas, mas do otimismo de quem faz, apoia e testemunha essa reinvenção. Ainda que não existam atalhos, soluções mágicas ou fáceis para transformar a educação, existe, hoje, conhecimento e experiências para criar e concretizar uma escola que faça sentido.

A reinvenção da escola e do estudante passa, necessariamente, pela formação – reinvenção – do professor. Por onde começar? Pela formação do professor. Por onde continuar? Pela formação do professor. A prática e a pesquisa apontam para alguns princípios promissores para (trans)formação do professor e vamos abordar aqui alguns deles.

PARCERIA

Uma das mais marcantes características do fazer do professor no modelo atual de escola é a solidão. A começar pelo modelo turma-aula-espaco da aula e muitas vezes passando pelo planejamento que privilegia o trabalho individual, o professor experimenta muitas vezes uma solidão profissional, ainda que cercado por dezenas ou centenas de alunos, dúzias de colegas e vários gestores. No entanto, pequenas e grandes reinvenções podem ser realizadas para que os professores tenham os estudantes, seus pares e gestores como parceiros e interlocutores privilegiados e seu trabalho ganhe novos alcances, dentro e fora da sala de aula.

Como tornar estudantes parceiros e interlocutores dos professores? Unindo a razão, os sentidos, o gesto e a emoção. Olhar para os estudantes reconhecendo que, todos eles, sem exceção, têm potencial e direito de aprender, conviver, conhecer-se e produzir. Não existe criança ou jovem que não seja capaz disso. O que existe são crianças e adolescentes que foram levados a deixar de acreditar em si mesmos. Mostrar com atitudes, gestos e palavras que acredita no potencial de cada estudante, torna o professor um candidato a parceiro no desenvolvimento desse potencial. Ouvir os estudantes, com interesse e abertura genuínos, em uma escuta aberta à singularidade e à diversidade, sem preconceitos ou julgamentos. Abrir a alma e a mente para ser investigador de outras almas e mentes: como os estudantes pensam, pelo que se interessam, como aprendem, o que já sabem o que ainda não sabem, como podem se ajudar e me ajudar a ajudá-los? Estimular que eles colaborem entre si, que se reconheçam como diferentes, mas iguais no direito de existir e ser o que são. Que se ouçam e interajam com respeito. Que recorram uns aos outros para aprender e resolver problemas, antes mesmo de recorrer ao professor. Que sejam um time, em que a aprendizagem de um seja tão importante quanto a do outro e de todos. A descoberta a ser feita aqui pelo professor é o prazer de ter os estudantes ao seu lado como colaboradores e protagonistas em favor da aprendizagem, do convívio, da produção e do desenvolvimento pessoal de todos. É aprender a olhar, ouvir e fazer junto.

A colaboração entre professores é igualmente importante e prazerosa. Aprender a aprender, conviver e trabalhar com pares de disciplinas comuns, áreas de conhecimento comuns, projetos comuns, estudantes comuns, escola com projeto educativo comum. Construir redes de aprendizagem, troca de experiências e produção de conhecimento. O que pode ser mais forte do que redes produtivas entre pessoas que têm objetivos comuns? Redes de colaboração podem dar aos professores mais sentido, propósito, autonomia e poder do que qualquer outro meio de **agremiação**.

PERSONALIZAÇÃO

Mas como fazer parte de uma rede quando estamos desconectados com o nosso próprio fazer? Mais do que dominar conteúdos e metodologias, o professor se faz professor na reflexão constante de sua prática. Essa reflexão passa necessariamente pelo conhecimento de si e do seu projeto de vida, do propósito que o fez ingressar e permanecer na carreira docente. O professor vem, ao longo do tempo, carregando a responsabilidade do insucesso dos alunos e do fracasso do sistema. Nesse contexto de culpabilização e vitimização, é fundamental que o professor possa, de tempos em tempos, resgatar sua história e reafirmar seus desejos na elaboração de sua identidade profissional. Como? Na interação com pares é possível reconhecer os elementos da profissão com que se sente engajado e se identifica, como também reencontrar elementos que remontam à sua disposição pessoal inicial de ser professor, que o reconectam com suas aspirações.

Todo percurso formativo deve possibilitar que o professor, empoderado de seus propósitos, seja autor ou coautor do seu processo formativo. Seus interesses e a resolução de problemas de sua prática devem ser os guias norteadores da formação.

Assim como a educação faz sentido quando significativa para os estudantes, a formação de professores só atenderá seu objetivo se olhar para a diversidade dos docentes. Assim como a escola não pode mais pretender ensinar todos da mesma forma, ao mesmo tempo, uma forma-

O mundo não comporta mais um profissional isolado em sua sala com seus estudantes e ser professor hoje envolve rejeitar a naturalização desse isolamento. A experiência portuguesa Movimento da Escola Moderna, idealizada pelo educador Sergio Niza desde meados de 1970, revela que o processo de cooperação formativa em que professores organizados em redes de trabalho planejam e avaliam suas práticas, elaboram e compartilham materiais didáticos, se propõem a resolver conjuntamente questões práticas à luz das contribuições teóricas e metodológicas das Ciências, tem se mostrado bastante consistente para a formação continuada.
goo.gl/BG112L

ção docente não pode pretender formar professores como se fossem todos o mesmo. Se almejamos um professor autônomo, o processo formativo passa necessariamente pela possibilidade de ter sua visão, sua voz, e oportunidades de escolha como elementos centrais de percursos formativos.

A tecnologia contribui de modo inovador ao possibilitar o desenho de itinerários formativos personalizados e adaptativos, que partem dos interesses potenciais de cada professor para articular conhecimentos conceituais e didáticos e outros saberes que o apoiem na resolução de problemas da sua prática. Ao mesmo tempo, plataformas adaptativas promovem o registro com diferentes recursos midiáticos, a circulação das aprendizagens, a possibilidade de fruição e compartilhamento de produtos culturais, condições indispensáveis na construção ativa do conhecimento e da identidade docente.

PROFISSIONALIZAÇÃO

Como aprender a profissão? A escola, lócus privilegiado para a formação docente, deve possibilitar a formação na e pela cultura profissional. É na escola e no colegiado de professores que o profissional vai encontrar marcas e características profissionais que são referências para o seu percurso.

Mas, para colocarmos a formação nessa dimensão faz-se mais que urgente a retomada da imagem e do prestígio da profissão tão devastada pelos aspectos sociais e econômicos do nosso país, pois, antes de tudo, é preciso desejar ser professor.

O desenvolvimento profissional passa pela constituição de um professor investigativo no seu campo de atuação, que alcança seus objetivos quando os outros também alcançam, porque não trabalha mais isoladamente. Um professor que estabelece laços de aprendizagem e de estudos com colegas e estudantes e que assume uma identidade profissional em sintonia com sua identidade pessoal.

PRÁTICA

Como elaborar e reelaborar saberes e fazeres? O pensamento de Dewey ilumina essa questão ressaltando a importância do aprender fazendo, resolvendo problemas reais. A formação continuada do professor deve seguir a mesma lógica, proporcionando situações em que ele produz para pessoas reais, ou seja, para apoiar seus estudantes e não para responder a uma demanda da formação; que seja vinculada aos seus interesses profissionais; que o convoque a resolver problemas do seu cotidiano escolar. A proposta de formação na e pela prática, em torno da ação escolar, pressupõe que o professor acesse seus conhecimentos, teste suas ideias e construa novos fazeres por meio de estudos de casos e resolução de problemas concretos.

É na prática, na relação com os estudantes, no espaço da escola, que se faz possível a transformação e a inovação docente. Muitos professores têm agido de forma criativa e inventiva para reconfigurar o espaço da sala de aula e promover outros modelos de trabalho pedagógico centrados

no estudante. No entanto, muitas vezes, ainda se veem solitários nessa empreitada. O ambiente colaborativo e a troca entre pares e com os gestores são fundamentais para reinventar também, a cultura docente e seus valores, conhecimentos e competências necessárias.

Acompanhando essas mudanças, ao longo dos últimos 20 anos, o Instituto Ayrton Senna vem apoiando a formação continuada e em serviço de inúmeros professores e gestores da rede pública do Brasil. A sistematização desses conhecimentos produzidos a muitas mãos organizou um conjunto de **princípios e metodologias** que colaboram para a integração da equipe escolar, para a integração do currículo, para a reorganização da sala de aula e para o desenvolvimento dos estudantes considerando suas singularidades e diversidade no contexto do presente século. Do mesmo modo, nossa experiência aponta que o campo dos saberes, conhecimentos e competências docentes também passa por uma reinvenção para atender aos propósitos de uma educação que contemple o desenvolvimento integral dos alunos ao mesmo tempo que confere aos professores novos propósitos que considere a plenitude profissional. ●

No link goo.gl/5XjGrl, encontra-se o segundo volume da coleção “Diretrizes para a Política de Educação Integral” que sistematiza o modelo pedagógico construído em parceria entre o Instituto Ayrton Senna e a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC.

SIMONE ANDRÉ

▶ É psicanalista e educadora. Atua no Instituto Ayrton Senna, desenvolvendo e implementando projetos educacionais e, parceria com profissionais de educação, pesquisadores e redes públicas de ensino.

MARIA CLAUDIA LOPES DA SILVA

▶ Cacau Lopes da Silva, é psicóloga com especialização em Psicoterapia da criança e mestre em Educação. Atua no Instituto Ayrton Senna na formação de equipes de redes públicas de ensino para implementação de programas educacionais.

CYNTHIA SANCHES DE OLIVEIRA

▶ Arte-educadora e pedagoga, especialista em Arte Integrativa. Atua no Instituto Ayrton Senna com produção de conhecimento e sistematização.

COMO SUA ESCOLA INTEGRA
TECNOLOGIA, CONTEÚDO E
FORMAÇÃO DE EDUCADORES
A FAVOR DO APRENDIZADO?



Integramos **conteúdo** produzido pela Editora Moderna à *formação de educadores e infraestrutura tecnológica* para **potencializar a aprendizagem** dos estudantes por meio da inserção da tecnologia educacional.

Considerando as diferentes nuances do contexto escolar, estabelecemos uma **parceria**

com a equipe de gestão pedagógica e seus professores para oferecer flexibilidade na escolha de conteúdos e ferramentas didáticas além da orientação em sua aplicação.

Propomos o desenvolvimento de um **aluno autônomo e protagonista**, que amplie o seu potencial e que esteja engajado com o estudo.



Saiba como o Moderna.Compartilha pode transformar sua escola:

comercialcompartilha@modernacompartilha.com.br

O planejamento na Educação *infantil*

Como programar atividades respeitando
o projeto político-pedagógico da
escola e tornando o aprendizado uma
experiência única para as crianças?

POR *Andréa de Fátima Dias,
Miruna Kayano e
Rosana El-Kadri*

BRINCADEIRA

APRENDIZAGEM



DESENVOLVIMENTO

INTERAÇÃO

» **PLANEJAR** é essencial em qualquer etapa educativa. Mesmo quando se tem um material de apoio, o planejamento se faz necessário. Segundo o professor Celso dos Santos Vasconcellos (2009), especialista em planejamento escolar, planejar é antecipar ações para atingir certos objetivos, que vêm de necessidades criadas por uma determinada realidade. É impossível realizar um processo de ensino e aprendizagem sem planejar, porque o planejamento é inerente ao ser humano.

Não há uma maneira única de planejar, nem um modelo único a se seguir. O planejamento deve ser uma ferramenta flexível que permite ao professor fazer ajustes a depender do desenrolar das propostas e momentos vivenciados pelos alunos. Depois de elaborado, não deve ser visto como uma receita que deve ser seguida passo a passo, sem poder ser alterada. Também não deve ser algo que cumpra uma exigência burocrática. Ele deve ser uma ferramenta, composta por reflexões anteriores e objeto de constante reavaliação e reformulação.

A função do planejamento é imprimir uma intencionalidade que favorece as intervenções do professor a serviço das aprendizagens e do desenvolvimento dos alunos, antecipando e proporcionando as condições mais adequadas a cada tipo de situação, além de oferecer um olhar amplo em busca da regulação de todo o processo.

O planejamento permite ao professor:

- Tomar decisões refletidas e fundamentadas;
- Considerar as capacidades e os conhecimentos prévios dos alunos;
- Garantir uma continuidade na ação educativa;
- Antecipar as possíveis dificuldades de alguns alunos;
- Pensar em agrupamentos e parcerias a favor das aprendizagens;
- Organizar o espaço e materiais necessários para cada atividade;
- Controlar o tempo respeitando as possibilidades dos alunos, oferecendo dinâmicas diferentes para melhor administrar o tempo de per-

manência em cada atividade;

- Prever momentos de observação dos alunos, sobre cada eixo do trabalho;
- Garantir uma progressão a favor do ensino e da aprendizagem;
- Distribuir as etapas dos projetos e sequências didáticas ao longo do ano.

Entre outras possibilidades, que devem ser analisadas e retomadas a partir das necessidades de alunos e educadores.

É preciso reavaliar constantemente os planejamentos realizados, buscando considerar se sua organização, estruturação e especialmente as decisões que retrata, permitiram que os diferentes objetivos fossem alcançados.

O planejar revela o que se pretende em sala de aula e a maneira com a qual se trabalha em busca de um ensino coerente, por meio de uma reflexão que permita fundamentar as decisões tomadas, garantindo uma continuidade no processo. O professor precisa ter claro o que pretende em cada momento na escola – como favorecer propostas de interação entre as crianças, o que ler, como inserir a criança na cultura do escrito, diversificação nas propostas de arte e do corpo etc.

O QUE CONSIDERAR PARA PLANEJAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A Educação Infantil nas últimas décadas tem se consolidado como uma etapa da educação básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em estudo – e antes dela as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI) – determina a principal finalidade desse segmento: o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Essa nova concepção busca romper com dois modos de atendimento marcados na história da Educação Infantil: o primeiro, que desconsidera o potencial educativo das crianças dessa faixa etária, limitando o espaço educativo a tarefas de controle e de cuidados ditos básicos (higiene e alimentação, especialmente) e o segundo, que se orienta por práticas descontextualizadas, centradas em con-



Respeitar as necessidades da faixa etária e o ritmo de aprendizagem das crianças colabora para o sucesso das diversas atividades planejadas para a Educação Infantil.

teúdos fragmentados e na decisão exclusiva do(a) professor(a), sem considerar as possibilidades dos alunos.

O planejamento na Educação Infantil deve considerar o projeto político-pedagógico da instituição, as experiências das crianças e o conjunto de conhecimentos sistematizados pela humanidade - o patrimônio cultural. Neste sentido, é preciso que as escolas tenham um planejamento geral, do que se espera de cada área, e que contemple objetivos claros, mesmo que pensados para alunos iniciando seu processo de escolarização. Assim, um planejamento da área de Linguagem, por exemplo, considera que as crianças chegam à escola com muitas hipóteses e conhecimentos acerca do sistema de escrita; em Natureza e Sociedade, que têm curiosidade acerca do meio que as cerca, dos animais com os quais convivem, dos fenômenos naturais; em Matemática que podem interpretar o universo numérico, estabelecendo hipóteses sobre quantidades, grandezas e valores.

Cabe à escola ampliar esses conhecimentos, sempre de forma respeitosa com o desenvolvimento infantil e com variadas estratégias, considerando as especificidades dessa faixa etária e de cada criança, conforme explicitado na BNCC:

O compromisso dos(as) professores(as) e das instituições de Educação Infantil está em observar e interagir com as crianças e seus modos de expressar e elaborar saberes. Com base nesse processo dinâmico de acolhimento dos saberes infantis, está a ação dos(as) docentes em selecionar, organizar, refletir, mediar e avaliar o conjunto das práticas cotidianas que se realizam na escola com a participação das crianças. A partir disso, o(a) professor(a) promove interações das crianças com conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico por meio do planejamento de possibilidades e oportunidades que se constituem a partir da observação, dos questionamentos e do diálogo constante com as crianças. (BNCC, versão 2, p. 60-61).

A partir, então, de todas estas considerações, e utilizando os documentos que

configuram o projeto político-pedagógico da instituição, o professor da Educação Infantil elabora de forma mensal e/ou semanal, seus planejamentos pessoais, que devem ser pensados considerando aspectos fundamentais a todo e qualquer educador:

➤ **Não existe um modelo único de planejamento.** Este instrumento pode ser feito como um texto corrido, que descreve as atividades a cada dia da semana, ou pode ser feito semanalmente, distribuindo as atividades ao longo dos dias. O que fundamenta esta escolha? O olhar do professor para qual é o registro com o qual se identifica mais.

➤ **É preciso considerar os tempos de cada faixa etária;** enquanto que aos 3 anos os alunos permanecem em uma atividade por 15 a 20 minutos, aos 5 este tempo pode quase dobrar. Isso modificará bastante a quantidade de atividades na semana e o tipo de proposta que pode ser apresentada.

➤ **Em um planejamento semanal** na Educação Infantil é preciso definir os tempos de atividades envolvendo os conteúdos formais e os tempos de propostas que contemplam as outras necessidades da infância (brincadeira, higiene, autonomia, relacionamento social...). Assim, mais do que colocar em oposição o brincar com o aprender, se trata de colocar o brincar de forma consciente e o aprender, em tempos adequados, de forma bem planejadas para que sejam potentes.

Finalmente, é preciso que o professor da Educação Infantil assuma o protagonismo enquanto profissional da educação. Enquanto tal, possui conhecimentos valiosos sobre a faixa etária dos alunos, suas necessidades e seus saberes, conhecimentos estes que devem se aliar com materiais de referência (planejamentos, relatórios, textos, livros didáticos, materiais de suporte da escola) para que as decisões sejam pensadas para uma criança que desde pequena tem seu valor de protagonismo e de possibilidades reconhecido e trabalhado cotidianamente dentro do espaço escolar. ●

ANDRÉA DE FÁTIMA DIAS

➤ **Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário FIEQ. Licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade Santa Marcelina. Professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental 1. Formadora de professores na área de Práticas de Linguagem.**

MIRUNA KAYANO

➤ **Licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Alfabetização. Mestranda em Escrita e Alfabetização pela Universidade Nacional de La Plata, Argentina. Professora do Ensino Fundamental 1. Formadora de professores na área de Língua Portuguesa.**

ROSANA EL-KADRI

➤ **Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação pela mesma universidade. Professora de Língua Portuguesa e assessora no Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas. Especialista em Educação Infantil.**



BASES SÓLIDAS PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL

O novo **Projeto Presente Educação Infantil** permite guiar os primeiros desafios da aprendizagem com segurança e flexibilidade, valorizando a convivência e o brincar e desenvolvendo habilidades essenciais para os nossos pequenos aprendizes.



Nível 1 – alunos de 3 anos



Livro-texto em dois volumes semestrais nas disciplinas de Linguagem, Matemática e Natureza e Sociedade, seleção de contos (em Linguagem), material de apoio, jogos e CD de áudio.

Nível 2 – alunos de 4 anos



Livro-texto em dois volumes semestrais nas disciplinas de Linguagem, Matemática e Natureza e Sociedade, seleção de contos (em Linguagem), material de apoio, jogos e CD de áudio.

Nível 3 – alunos de 5 anos



Livro-texto em um único volume anual nas disciplinas de Linguagem, Matemática e Natureza e Sociedade, seleção de contos (em Linguagem), material de apoio, jogos e CD de áudio.



Tradição e pioneirismo que você conhece

A QUARTA

REVOLUÇÃO

INDUSTRIAL E SEUS

IMPACTOS NA EDUCAÇÃO



Já estamos vivenciando a quarta revolução industrial em nosso dia a dia e principalmente em nossas escolas. A ação adaptativa no processo de ensino-aprendizagem deve ser urgente!

POR *Wagner Sanchez*

ESTAMOS vivendo a quarta revolução industrial. Uma economia influenciada pela forte presença de tecnologias digitais, pela mobilidade e pela conectividade entre as pessoas, na qual as diferenças entre homens e máquinas se dissolvem e cujo valor central é a informação.

Presenciamos uma evolução exponencial da tecnologia, com mudanças profundas no mercado de trabalho, na economia e nos formatos das empresas. Tais transformações são tão profundas que, da perspectiva da história humana, nunca houve um tempo de maior promessa ou potencial perigo. Eu acredito na tecnologia como ferramenta fundamental para se enfrentar os grandes problemas do mundo e encontrar soluções jamais pensadas, aproveitando assim as oportunidades que surgirão.

As três primeiras revoluções industriais foram marcadas pelo aparecimento da máquina a vapor, pelo descobrimento do potencial da eletricidade e da cadeia de montagem e pela aplicação da eletrônica e da robótica, respectivamente. Agora, a quarta revolução industrial chega com a promessa de combinar numerosos fatores como a internet das coisas ou a “*big data*” a processos do cotidiano para transformar a economia.

Imaginem vocês que 65% das crianças que entram hoje na escola primária irão trabalhar em empregos que ainda nem existem!

Por todo esse cenário, é urgente uma ação adaptativa de todos e principalmente das escolas.

Estamos vivendo uma fusão de tecnologias, borrando as linhas divisórias entre as esferas físicas, digitais e biológicas. As redes digitais ampliam possibilidades de interação, mas com o ônus da redução do contato físico, da conversa presencial, do olho no olho. Que tipo de adultos (profissionais) serão as crianças que já nasceram rodeadas de *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e aplicativos para, virtualmente, resolver qualquer coisa?

O último Fórum Econômico de Davos, que aconteceu no início do ano e reuniu os principais líderes políticos e inves-

tidores do planeta, retratou como tema central a quarta revolução industrial e seus impactos no mundo. Verifica-se uma forte mudança estrutural na economia mundial com um grande aprofundamento das tecnologias exponenciais. A discussão no Fórum se pautou no fato de que a revolução trará benefícios aos países que mais investirem em educação, enquanto minará empregos nos países subdesenvolvidos e com pouco investimento em formação de sua população, como o Brasil, a África do Sul e os países do Sudeste da Ásia. Segundo cálculos apresentados no evento, mais de 7 milhões de empregos podem ser eliminados por inovações tecnológicas até 2020. Por outro lado, estas mesmas inovações tecnológicas irão criar novos tipos de trabalho, já que as empresas necessitam de mão de obra qualificada para tocar os novos projetos cobrados pela quarta revolução industrial. Neste panorama, o investimento em capacitação dos jovens para as novas carreiras representa uma grande oportunidade.

EDUCAÇÃO ANALÓGICA VERSUS GERAÇÃO DIGITAL

Muito se fala sobre o impacto da tecnologia na educação. Mas existe uma questão muito importante e que não podemos deixar de lado: a tecnologia é relativa.

Quando o fax foi inventado em 1974 e começou a ser usado em larga escala no Brasil, no início de 2000, era uma das maiores invenções nas telecomunicações. Poucos anos se passaram e ele foi aposentado. Hoje, temos gerações de jovens nos bancos escolares que nunca viram um fax funcionando e sequer sabem o que é. Como este exemplo, podemos citar vários outros.

Já formamos, no ensino médio, as primeiras gerações que nasceram com a internet consolidada. Elas não tiveram que aprender a usar a internet, as redes sociais já fazem parte do cotidiano e estar sempre conectado está no seu contexto diário. Estes jovens se desenvolveram com um modelo mental diferente, as sinapses aconteceram de forma diferente em relação às gerações analógicas.

Pensando nestes aspectos, a nossa sala de aula não pode ser uma poltrona de avião em decolagem, »

» em que tudo deve ser desligado, desplugado do mundo. Imaginem como é, para esta geração *touchscreen*, ficar em uma poltrona de avião por 3 a 4 horas, sem ao menos postar uma *check-in* no Facebook, enviar uma mensagem pelo WhatsApp ou compartilhar o momento pelo Snapchat.

O nosso modelo pedagógico não evoluiu como o nosso cotidiano nem como o nosso ambiente de trabalho. Atrevo-me a fazer uma comparação entre os modelos educacionais e corporativos. No século XVIII, o ambiente de trabalho era baseado em pequenos grupos, trabalhos manuais, mix de idades, conteúdos finitos e específicos. Poderíamos chamar este modelo de *Workplace 1.0*, enquanto a educação seguia os mesmos moldes, ou seja, estávamos na *Education 1.0*.

Depois veio a primeira revolução industrial e alcançamos o *Workplace 2.0*, com o uso de ferramentas mecânicas, linhas de produção, grandes grupos, uniformidade de comportamento e tarefas repetitivas. Presenciamos a mudança na educação nos mesmos moldes, iniciando o processo do *Education 2.0*.

Atualmente, temos um ambiente corporativo – *Workplace 3.0* – em que se verifica o prazer no aprendizado. O luxo e a ostentação gratuita perderam espaço para os conceitos, para a alta relevância no significado das tarefas e, especialmente, para o aprendizado baseado em projetos. Fazendo um paralelo com a nossa escola, concluímos que estamos ainda na versão 2.0. Temos um modelo educacional analógico para uma ge-

ração digital, já que o serviço prestado não está de acordo com o comportamento do aluno, refletindo também nos resultados obtidos.

Precisamos entender que as nossas aulas precisam de um novo DNA. Elas precisam ser planejadas com as características que as novas gerações estão esperando: prazer, sentido no aprendizado, competição, enredo, aventura. Enfim, a transmissão do conhecimento precisa estar na “vibe” da nova geração (Vibração, Importância, Belo e Entretenimento)

Se conseguirmos que as nossas aulas tenham esta “vibe”, traremos para o dia a dia acadêmico tudo aquilo que os jovens adoram nas trilologias campeãs de audiência, bem como nas redes sociais e nos *games* de sucesso. Até porque, quando o aprendizado se dá com prazer ele se torna muito mais significativo.

Pegando uma carona nesta nova “vibe” do aprendizado, temos os aplicativos para dispositivos móveis (*apps*) que estão a cada dia mais presentes nas mochilas escolares virtuais. Por serem focados, simples de se usar, ágeis e muito conectados às novas gerações, contribuem muito na formação dos jovens, pois resolvem os problemas ou solucionam as dúvidas de forma direta e rápida.

Além do conteúdo específico, os aplicativos são muito usados na organização do estudante, que faz questão de estar sempre conectado e com o seu *smartphone* ao alcance. Assim, os aplicativos podem, por exemplo, ajudá-lo a acordar para ir a escola, avisar sobre os livros que deve levar para a aula, sinalizar sobre a entrega de trabalhos, controlar o dinheiro do lanche, avisar sua mãe que irá para a casa de um colega depois da aula para fazer trabalho e lembrá-lo do remédio que precisa tomar no intervalo etc.

Mas apesar da relevância dos aplicativos no nosso dia a dia, não se espante se ouvir falar que a era dos *apps* está terminando. Estamos falando dos *bots*, robôs virtuais que já são considerados os substitutos dos aplicativos e que facilitarão todo o trabalho que precisamos fazer. Novamente podemos afirmar como a tecnologia é relativa. Se há dez anos, sequer ouvíamos falar em aplicativos móveis, talvez daqui a mais dez anos eles já não existam mais. Os *smartphones* se popularizaram rapidamente e com eles os *apps*, cada qual com sua função específica. Mas, ao que tudo indica, a tendência é que nossa interação com as máquinas, se torne ainda mais natural em um futuro mais próximo do que a gente imagina. Neste contexto, entram os *bots* que serão os nossos “faz-tudo” e que nos ajudarão a resolver tudo que precisamos em um único ambiente, sem ter que baixar diversos aplicativos.

WAGNER SANCHEZ

- ✚ **Diretor acadêmico da Faculdade FIAP.**
- ✚ **Doutorando em Engenharia Biomédica.**
- ✚ **Mestre em Engenharia Biomédica. Mestre em Sistemas de Informação (PUC-Campinas)**
- ✚ **Especialista em Engenharia de Software, Psicopedagogo (PUC/SP).**
- ✚ **Bacharel em Análise de Sistemas, atuando há mais de vinte anos como consultor nas áreas de Tecnologia, Gestão, Inovação e Educação.**
- ✚ **Coautor de diversos livros, tais como “Como ensinar bem a crianças e adolescentes”, em parceria com Leo Fraiman, “Tecnologia Inovação e Empreendedorismo”, entre outros títulos nas áreas de Gestão, Educação e Tecnologia.**
- ✚ **Professor da Universidade Corporativa do SEMESP e Consultor Internacional para negócios relacionados a Educação pela GUIDEPOINT GLOBAL. LLC**
- ✚ **Prêmio “Líder Empresarial” do setor Educação atribuído pelo Fórum de Líderes Empresariais.**
- ✚ **Entusiasta e Pesquisador de metodologias ativas de aprendizagem: Project Based Learning, Game Based Learning, Case Based Learning, entre outros.**

METODOLOGIAS ATIVAS

As metodologias ativas de aprendizagem possuem um papel importante na transformação do formato de transmissão de conhecimento para as novas gerações. Existem diversas metodologias que podem ser utilizadas, porém o mais importante é adequar o conteúdo a ser ministrado à metodologia mais eficiente.

Outro aspecto interessante a ser ressaltado é o aprendizado de conteúdos subjetivos, como conceitos de força, aceleração e massa, em que somente com GLS (giz, lousa e saliva), o professor pode levar horas para que o aluno consiga entendê-lo. Ao passo que quando o professor utiliza um aplicativo dinâmico e expõe o mesmo conteúdo à turma, o aprendizado pode se tornar mais simples, direto e eficiente.

Podemos assim concluir que estamos vivenciando dia após dia a concretização de uma percepção já muito discutida: que as aulas expositivas tradicionais desaparecerão ou estarão acessíveis na internet. Pensando nisto, o professor precisa abandonar o papel de somente repassar conhecimento e assumir um papel de inspiração e mediação do conhecimento.

Investir e implementar as mais diversas formas de se transmitir o conteúdo com eficiência, saindo da caixa, e, neste ponto, acredito que o segredo é a alternância de várias metodologias, tais como: *Peer Instruction, Case Based Learning, Team Learning, Problem Based Learning, Project Based Learning e Game Based Learning.*

Os métodos de transmissão de conhecimento presentes em nossas escolas precisam ser modificados rapidamente para uma versão digital, em que as gerações *touchscreen* consigam navegar tranquilamente, pois só assim conseguiremos estabelecer um protocolo de comunicação eficiente com eles para atingirmos o sucesso no aprendizado.

PAPÉIS

O professor é o facilitador do processo de ensino-aprendizagem como já diziam Emília Ferreiro e Paulo Freire. Concordamos que as teorias já existentes podem ser perfeitamente aplicadas às novas formas de aprendizagens. Conforme acreditava Paulo Freire, “ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.” A partir dessa premissa, estabelecemos que a interação entre as pessoas, no caso professor e alunos ou alunos entre si, é fator importantíssimo para a aprendizagem. Freire dizia que cabia ao professor selecionar os conteúdos, organizá-los, sistematizá-los didaticamente para facilitar o aprendizado dos alunos e demonstrá-los. Para ele, todo tipo de conhecimento era importante, sendo assim todos os participantes da sala de aula são agentes ativos para que a aprendizagem aconteça.

O papel do professor é muito importante e nunca irá desaparecer, mas precisa ser modificado a cada dia, passando de detentor do conhecimento para facilitador e inspirador

do aprendizado. O aluno precisa do mestre para mostrar o caminho correto e mais assertivo a fim de garimpar as informações certas espalhadas pela internet para, aí sim, elaborar e assimilar os conceitos e conteúdos úteis para o seu dia a dia. O professor precisa estar atento e disponível a estas mudanças, para que possa se inundar de coragem e mergulhar profundamente neste universo tecnológico. O aluno já se tornou protagonista na aprendizagem e não simplesmente consumidor de informação.

A escola precisa estar disponível e com vontade de mudar, estimulando a formação de seus professores, para que deixem de vez a era analógica e adentrem o contexto digital dos seus alunos. Por isso, o investimento precisa ser intenso e constante, proporcionando os equipamentos necessários e principalmente treinamentos que auxiliem os professores na busca por esta quebra de paradigma na forma de ensinar.

Pais e responsáveis precisam estar atentos ao alinhamento das instituições de ensino com o seu lar e seu modelo educacional. O caminho do sucesso para que as famílias estejam felizes com a educação de seus filhos é escolher a escola que emprega um ritmo educacional mais próximo ao dado pelos pais, o mesmo se aplica ao uso da tecnologia nas aulas.

Atrevo-me a concluir que esta “vibe” não irá desaparecer e tão somente aumentar e evoluir a cada dia com a quarta revolução industrial, exercendo fortemente uma necessidade de mudanças no processo de ensino-aprendizagem, e abrindo inúmeras oportunidades de inovação que podem ser usadas por nós, educadores, para propiciar um aprendizado mais eficiente e significativo para os nossos alunos. ●

PARA SABER MAIS

- [O Fórum Econômico de Davos desenvolveu um sumário executivo sobre o futuro dos empregos. Uma perspectiva para empresas e profissionais perante a quarta revolução industrial.](#)
- [Acesse o conteúdo completo de The Future of Jobs - Employment, Skills and Workforce Strategy for the Fourth Industrial Revolution em: \[www3.weforum.org/docs/WEF_FOJ_Executive_Summary_Jobs.pdf\]\(http://www3.weforum.org/docs/WEF_FOJ_Executive_Summary_Jobs.pdf\)](#)

PLANEJAR E REPLANEJAR

ELEMENTOS DA MESMA AÇÃO

Para um professor, estar preparado para replanejar é tão importante quanto um novo planejamento. Você está pronto para colocar seu plano inicial de volta nos trilhos?

POR *Alexandre Salles Pimenta e Solange Petrosino*

ENSINAR: agir na urgência, decidir na incerteza. Esta frase, título de um livro do sociólogo suíço Philippe Perrenoud, nos aponta a complexidade da profissão docente, mas, também, nos causa uma certa estranheza, já que a atividade docente é tão pensada, planejada e organizada. De que se trata tal volatilidade que ele nos apresenta?

Próprios da práxis educativa, o estudo e o planejamento resolvem essa equação ao contemplar o entendimento de que a sala de aula tem que abrir espaço para o inusitado e ser capaz de mudar sempre que preciso. Por isso, o replanejar contínuo é parte essencial do próprio planejamento.

Ora, se planejar é “analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados”, conforme afirma a especialista em Educação, Regina Haydt, em seu livro “Curso de Didática Geral”, podemos deduzir que planejar exige diagnóstico, reflexão e previsão. Tomando esta ideia como ponto de partida, criar estratégias para cumprir cada uma das três etapas será o desafio inicial para um planejamento bem-sucedido. »



» Parte-se então para o levantamento de questões essenciais sobre contexto, histórico, resultados alcançados e frustrações que ajudarão a contextualizar e definir os objetivos do novo plano. Como prever e planejar em uma sociedade em constante mudança e, especificamente, na atualidade, em que as transformações ocorrem em uma maior velocidade e impactam a rotina escolar de forma direta? Afinal de contas, como as práticas de ensino e aprendizagem devem ser pensadas levando em consideração características sociais, comportamentais, econômicas e políticas, sem perder de vista o projeto político-pedagógico da instituição? E se estamos falando de um contexto mutante, como ser assertivo ao planejar?

Em essência, o planejamento escolar deve tentar prever a melhor estratégia para atingir os objetivos propostos pelo professor, em determinado contexto e para determinados alunos. Nesse sentido, o acesso intenso às novas tecnologias cada vez mais cedo, por exemplo, tem interferido diretamente no cotidiano da sala de aula e gerado novas demandas. Em especial para a equipe pedagógica, que precisa se adequar de maneira rápida e eficiente a essas novas formas de contato com o conhecimento e à grande quantidade e circulação de informações. Tudo isso contribui e deve basear a construção de uma prática pedagógica que permita ao professor promover o desenvolvimento das capacidades e habilidades do pensamento dos alunos.

Outro aspecto importante é traçar objetivos convergentes ao projeto-pedagógico da escola, já que muitas são as demandas institucionais que interferem no planejamento e nas decisões dos professores. No entanto, é preciso considerar que a ação de ensinar é uma prática social permeada por múltiplas articulações entre professores, alunos, instituições e comunidade, impregnadas pelos contextos socioculturais a que pertencem. Essa conexão de saberes forma um jogo de múltiplas confluências que ampliam o horizonte de possibilidades num dado tempo e espaço social, que constituem a realidade existencial do professor.

Segundo a especialista Maria Amélia Franco, a prática docente é um trabalho que se organiza em vários tempos e espaços. Tempo e espaço de pensar a aula; tempo e espaço para a pré-organização; tempo e espaço de propô-la e negociar com as circunstâncias; tempo e espaço formal da aula; tempo e espaço de avaliá-la; tempo e espaço de revê-la; tempo e espaço de reestruturá-la; tempo e espaço de pensar de novo...

Há de se considerar no planejamento a mutabilidade do tempo na sociedade atual, e cabe ao professor contemplar os novos elementos que compõem esse cenário. A autora Vani Kenski, em sua obra “Tecnologia e tempo docente”, distingue os tempos docente e discente e determina que a relação harmoniosa é fundamental para um plano exitoso. Para o pesquisador espanhol Joan Rué, o planejamento deve ser visto como criação de oportunidades para a aprendizagem. Ou seja, uma programação que procura prever o que alguém vai aprender no contexto de uma interação, em determinadas condições.

Cabe reafirmar que a sondagem e o diagnóstico, etapas que



O ato de planejar é coletivo e requer pesquisa, criatividade, foco e flexibilidade para corrigir as aparas e alcançar os objetivos previstos.

precedem a elaboração do planejamento, colaboram para o atingimento dos objetivos propostos. Envolver a comunidade é uma estratégia interessante para obtenção de dados mais fidedignos acerca do contexto e das relações existentes, embora não elimine a necessidade de o planejamento ser flexível e com espaço para redirecionamentos. Estas novas direções precisam ter como ponto de partida as avaliações constantes previstas no caminho de aprendizagem traçado.

REPLANEJAMENTO, UMA DAS FINALIDADES DA AVALIAÇÃO

O replanejamento tem sua origem nos resultados obtidos pelos alunos nas avaliações realizadas ao longo do processo de aprendizagem e que ajudam a estabelecer quais rotas devem ser corrigidas ou repensadas.

E o que avaliar? Conhecer bem o contexto escolar, como são as relações interpessoais, ter dados significativos sobre indicadores do desempenho dos alunos e seu percurso escolar, ter clareza das intenções pedagógicas e dos recursos disponíveis para atingi-los são, sem dúvida, um bom começo. Porém, é somente na execução do planejado que temos como avaliar o êxito do previsto e, por isso, essa avaliação deve ser contínua, olhando para

cada etapa como possibilidade de redirecionamento, se necessário. Acompanhar os resultados e detectar possíveis problemas abrem oportunidades para corrigi-los e, conseqüentemente, caminhar para o cumprimento do planejamento.

O trabalho desenvolvido na sala de aula não é uma sucessão de eventos lineares, o que demanda constantemente o exercício da capacidade de construir replanejamentos incorporando diferentes variáveis. Ou, nas palavras de Cipriano Luckesi, sumidade em avaliação educacional no Brasil, “ação planejada, sem acompanhamento, pode chegar a resultados que não desejamos. Toda ação, para atingir os fins desejados, necessita de um rigoroso acompanhamento.” Posto isso, podemos propor que a avaliação abarque, além dos resultados, quais imprevistos influenciaram. Eles foram pontuais ou esquecidos na hora da elaboração do plano de ação? Devem ser contemplados no próximo plano?

Temos que considerar que há objetivos muito próprios da atividade docente e que podem ser avaliados no dia a dia da sala de aula e rapidamente repensados. Já outros, que envolvem o grupo de professores, devem fazer parte das discussões nas reuniões docentes e os de longo prazo, via de regra, previstos no projeto político-pedagógico. Estes últimos demandam um monitoramento e um diálogo que impacte positivamente os futuros planejamentos. O fluxo institucional para essa ação deve ser parte do planejamento macro, prevendo espaços e voz para todos os envolvidos na ação educativa, sob responsabilidade do gestor a

implantação e alinhamento de todos os setores.

Em suma, tenha sempre em mente que planejar requer um trabalho frequente de pesquisa, uso da criatividade na elaboração das aulas, definição constante de prioridades e limites, além de, fundamental e essencialmente, diálogo com a realidade dos alunos.

O PLANEJAMENTO E O DESAFIO DA PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A personalização do ensino tem se apresentado como forte tendência em educação. O termo remete ao desenvolvimento individual dos estudantes, à aplicação de estratégias pedagógicas que levem em conta os talentos e limites, as facilidades e dificuldades e as competências e interesses de cada um dos alunos.

Esse movimento surge com a introdução das TICs (Tecnologias da Informação e do Conhecimento) na sociedade e no espaço escolar. Os alunos sempre aprenderam de diferentes maneiras e ritmos, mas a inserção de novas tecnologias para aprendizagem desabrocha novas possibilidades, até então reprimidas pela falta de recursos que a viabilizassem. Obviamente, a introdução da tecnologia digital por si só não significa qualquer mudança nos resultados de aprendizagem. Escolher quando e quais recursos utilizar para atingir os objetivos desenhados, a partir de condições e contextos reais, é a carta na manga que pode garantir grandes resultados em um modelo de aprendizagem personalizada.

Essa tendência traz mais um componente a ser considerado no planejamento e que nem sempre é de fácil incorporação. Inicialmente pela necessidade de recursos digitais e de infraestrutura, mas, também, pela criação de estratégias adequadas e exequíveis em determinado contexto escolar, considerando número de alunos, diversidade do grupo, tempo docente e discente e relações existentes.

Para que todos os alunos possam atingir os objetivos elencados no planejamento, por meio de diferentes estratégias, de acordo com o perfil do estudante, o educador deve considerar avaliações constantes e diferenciadas, com flexibilidade suficiente para mudanças individuais no proposto para cada um. Essa condição só é possível em processos com grupos muito pequenos ou mediado pelas tecnologias. Em qualquer uma das situações, o planejamento deve ser estruturado pensando nessa possibilidade e nas possíveis redefinições.

Possíveis intervenções pedagógicas com alguns alunos que, porventura, não apresentem a aprendizagem esperada devem ser previstas no planejamento, não necessariamente levando a um replanejamento, mas sim à previsão de novas estratégias para que todos possam aprender. O considerado no planejamento é o fluxo de aprendizagem do grupo, previsto e depois avaliado. Se a maioria alcançou o estabelecido no programa, há um bom indício da assertividade do plano. Entretanto, cabe ressaltar a atenção devida aos alunos ou classes que ficaram marginais ao processo e contemplar alterações de rotas durante o processo. »

SOLANGE PETROSINO

- *É formada em Biologia e Pedagogia com especialização em Formação de professores (ISEVEC)*
- *É gerente de Serviços Pedagógicos da Editora Moderna e atua como conselheira do ICLOC (Instituto Cultural Lourenço Castanho).*

ALEXANDRE SALLES PIMENTA

- *É formado em História com especialização em Educação pelo Instituto de Educação Continuada PUC/Minas, onde também dá aulas de História da Educação.*
- *É coordenador da equipe de Assessoria Pedagógica da Editora Moderna.*

COM O PROMOVER UMA EDUCAÇÃO PERSONALIZADA?

Para demonstrar como a personalização acontece na prática, o portal *Porvir* levantou algumas características recorrentes utilizadas e priorizadas por escolas que já implantaram modelos de educação personalizada.

1

AUTONOMIA

As escolas que se propõem a oferecer um ensino mais personalizado colocam **o aluno no centro de sua proposta pedagógica** e criam oportunidades para que ele se torne o principal agente do seu aprendizado. A autonomia é estimulada a partir de diferentes estratégias. Em algumas escolas, os alunos elaboram seus planos individuais de aprendizado, outras dão ao estudante a liberdade de fazer escolhas ao longo de sua trajetória escolar.

2

AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Para que os alunos tenham a possibilidade de aprender de diferentes maneiras, **as escolas reorganizam seu espaço físico**. Na maior parte das vezes, a opção é por mobiliário flexível, que permite diferentes arranjos, capazes de abrigar atividades diversas (on-line, experimentações, debates e até aulas expositivas), tanto realizadas individualmente, quanto em grupos. Há escolas que aboliram as salas de aula tradicionais.

3

MENTORIA: O APOIO INDIVIDUAL

Oferecido por um adulto de referência, o apoio individual é outra das estratégias usadas no ensino personalizado. Normalmente, cada professor tem um número máximo de alunos que acompanha em diferentes níveis: **rotina acadêmica, projeto de vida, dificuldades fora do âmbito escolar e articulação com família**. O mentor também pode ajudar o aluno a descobrir seus talentos e se conectar com pessoas de fora da escola que podem apoiá-lo no desenvolvimento dessas habilidades.

4

PLANOS INDIVIDUAIS DE APRENDIZADO

Os planos individuais de aprendizado são instrumentos pedagógicos desenvolvidos com ou sem o apoio da tecnologia, mas **sempre a partir do que o aluno precisa e deseja aprender**. De maneira analógica, costumam tomar a forma de roteiros de aprendizagem, definidos periodicamente pelo aluno com a ajuda do tutor. Com a tecnologia, plataformas inteligentes entendem como cada aluno aprende e sugerem caminhos para que ele cumpra seus objetivos educacionais.

MODELO DE ROTAÇÃO

determina que, dentro de um curso ou disciplina, os alunos se revezem entre atividades pré-determinadas, sendo uma delas necessariamente virtual.

MODELO FLEX

certas disciplinas e cursos têm o ensino on-line como sua espinha dorsal, mas os estudantes comparecem diariamente à instituição, com uma agenda flexível a ser cumprida, de acordo com os objetivos previamente estipulados. Aqui há um alto grau de personalização, uma vez que estudantes têm roteiro individual de aprendizagem e não são agrupados por séries.

MODELO À LA CARTE

os alunos fazem cursos inteiros de maneira virtual. Têm um tutor on-line e, ao mesmo tempo, continuam a ter experiências educacionais em escolas tradicionais. Esse modelo pode ser aplicado, por exemplo, em uma disciplina avançada de língua estrangeira, em que o professor esteja disponível apenas virtualmente.

MODELO VIRTUAL APRIMORADO

trata-se de um modelo que ocorre basicamente on-line, em que encontros presenciais para acompanhamento ocorrem de maneira agendada entre tutores e alunos. Nele raramente alunos e professores se encontrarão todos os dias da semana.

5

AVALIAÇÃO INDIVIDUALIZADA E DE PROCESSO

Uma vez que cada aluno segue seu próprio percurso pedagógico, respeitando ritmo, características e interesses distintos, as provas padronizadas deixam de fazer sentido. Com isso, as avaliações passam a ser feitas de forma contínua, com o intuito de **acompanhar a evolução de cada estudante e garantir que ele aprenda**. A tecnologia tem permitido que algumas dessas avaliações aconteçam em tempo real, gerando dados que orientam a ação imediata de professores e dos próprios alunos para assegurar que a aprendizagem aconteça.

6

APRENDIZADO POR PROJETOS

As experimentações concretas e atividades mão na massa apresentam grande efeito sobre o engajamento dos alunos. Geralmente, **os projetos são interdisciplinares e buscam resolver problemas da vida real, conferindo sentido ao que se aprende**. Tais projetos ajudam a compreender conceitos mais complexos ou abstratos e permitem o desenvolvimento de outras competências, como liderança, criatividade, capacidade de resolver problemas e trabalhar em grupo.

7

DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

A educação personalizada tem um olhar integral para o aluno, assegurando que **os conteúdos e estratégias de aprendizagem dialoguem com o perfil e o projeto de vida de cada um**. Para isso, podem ser desenvolvidas atividades educativas em diferentes dimensões (acadêmica, física, socioemocional e cultural).

8

TECNOLOGIA E ENSINO HÍBRIDO

O uso mais intensivo e estratégico de recursos tecnológicos na educação gerou uma nova abordagem pedagógica denominada ensino híbrido, que **mescla atividades on-line e off-line**. Os especialistas dividem os tipos de ensino híbrido em quatro grandes modelos, conforme o esquema acima.

» AS REFORMAS CURRICULARES NA ESCOLA E O PAPEL DO GESTOR

Primeiramente, há a necessidade de conceituar currículo. Para Branca Jurema Ponce, o currículo não é mais considerado apenas como documento-base no qual se pauta a educação durante o ano letivo, mas é visto como um processo completo, que passa pela sala de aula e pela relação entre todos os envolvidos: professor, aluno, gestor e família, tendo como resultado a aprendizagem.

Nos últimos anos, as mudanças curriculares têm interferido fortemente na organização escolar. As reformas geram, normalmente, expectativas de uma solução rápida dos desafios e problemas da educação, porém, a adaptação às mudanças, para serem sólidas, demanda tempo. Mas precisam ser implantadas, sejam elas vindas das políticas públicas ou as que surgem da cotidianidade escolar.

É o gestor escolar, com habilidade de análise, previsão e decisão (seja ele coordenador, diretor ou supervisor), o responsável por incentivar, mediar e efetivar essas mudanças. Após discussão e reflexão, as ideias devem ser colocadas em um documento de fácil acesso, útil ao fazer didático, e que responda aos anseios da comunidade educativa, tornando-se um guia orientador das atividades, concreto e com objetivos traçados.

Nem sempre é fácil esse percurso. “A imposição de um currículo assume a transcendência de um certo conhecimento que tem potencial para conseguir uma sociedade melhor; contudo, propor um currículo é eliminar estruturalmente outras possibilidades. Esse processo nunca é neutro e desprovido de implicações sociais. O conhecimento está sempre inserido num mundo material e social”, destaca a pesquisadora Cecília Mate em sua obra “O coordenador pedagógico e o espaço de mudança”.

Todas as atividades escolares devem estar previstas e organizadas em um planejamento; o repentino pode fazer parte do cotidiano, mas não deve ser regra já que ensinar exige preparo, intencionalidade e organização da ação.

Para elaborar o planejamento, o gestor precisa prever espaços de discussão com os docentes, desde a construção do projeto político-pedagógico da escola até o plano de aula a ser executado. E zelar para que haja coerência entre as diferentes dimensões do planejamento, que estas estejam alinhadas com as necessidades da comunidade educativa e que as ações traçadas sejam efetivas na sala de aula.

Para o pesquisador Celso Vasconcelos, há três dimensões do planejamento escolar que devem ser profundamente consideradas: o planejamento da escola, o planejamento curricular e o plano de ensino. O planejamento da escola é o projeto político-pedagógico ou projeto educativo propriamente dito e, por isso, deve envolver tanto a dimensão pedagógica quanto a comunitária e a administrativa da instituição. “Sendo esse plano integral da instituição, o mesmo é composto por marco referencial, diagnóstico e programação”, destaca.

A dimensão do planejamento curricular diz respeito às atividades que serão de fato realizadas e que terão a participação de todos os elementos da vida escolar. Segundo Vasconcelos,

trata-se da “proposta geral das experiências de aprendizagem que serão oferecidas pelas escolas incorporadas nos diversos componentes curriculares, sendo que a proposta curricular pode ter como referência os seguintes elementos: fundamentos da disciplina, área de estudo, desafios pedagógicos, encaminhamento, proposta de conteúdos, processos de avaliação.”

Segundo Vasconcelos, o projeto de ensino-aprendizagem está intimamente ligado ao dia a dia em sala de aula e tem características didáticas e metodológicas de cada docente. É a dimensão mais próxima ao planejamento proposto pelo professor e pode ser subdividido em projeto de curso e plano de aula.

O processo de construção do planejamento é a parte mais importante e é iniciado a partir do confronto dos objetivos propostos e os atingidos, dados obtidos por meio de um processo de avaliações preciso e adequado ao contexto. Cabe um apontamento para as avaliações externas que podem contribuir muito com dados relevantes para essa elaboração.

É um trabalho complexo, coletivo, que requer pesquisa, criatividade, prioridade e foco, clareza com o que se pretende alcançar, flexibilidade para replanejar caso seja preciso e que considere as características do grupo de alunos e seu histórico de aprendizagem, as condições de trabalho e recursos disponíveis, mas que é imprescindível para alcançar uma educação de excelência. ●

PARA SABER MAIS

- ↘ HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de Didática Geral*. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- ↘ FRANCO, Maria Amélia. *Pedagogia Universitária: caminhos para formação de professores*. Cortez Editora, 2011.
- ↘ KENSKI, Vani. *Tecnologia e tempo docente*. Editora Papirus, 2014.
- ↘ RUÉ, Joan. *O que ensinar e por quê?*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- ↘ MATE, Cecília. *O coordenador pedagógico e o espaço de mudança*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ↘ VASCONCELOS, Celso. *Planejamento Plano de ensino*. Editora Libertad, 1995.
- ↘ Branca Jurema Ponce – *Entrevista para o site Nova Escola goo.gl/57Y0mT*. Acesso em 12/09/2016.
- ↘ *Parvir – Especial Personalização parvir.org/especiais/personalizaao*. Acesso em 12/09/2016.

Há 15 anos formando professores, transformando a sociedade!

O Singularidades é referência em Educação. Focado em modelos didáticos inovadores, desenvolve programas que ampliam a investigação sobre a prática e o repertório cultural do educador.

O nosso compromisso é com a transformação social.

• Graduação • Pós-Graduação • Extensão • EAD

NOTA MÁXIMA NO ENADE

Acesse: institutosingularidades.edu.br



facebook.com/singularidades

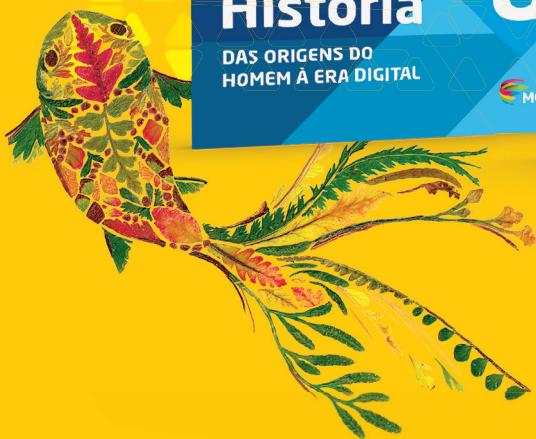
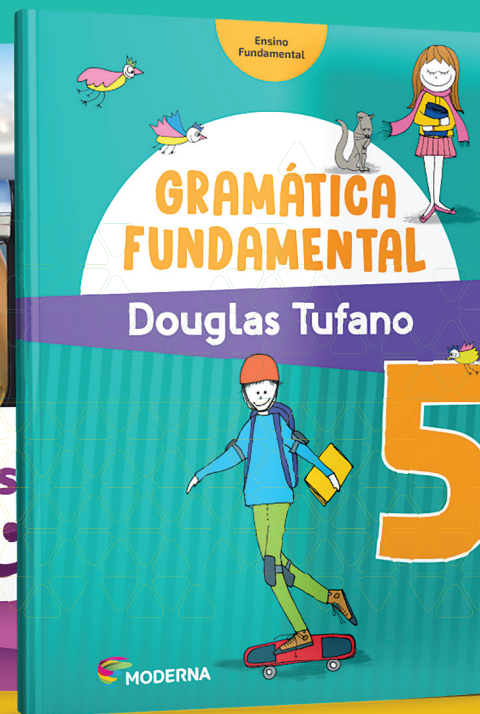
Mantenedor
**instituto
península**



**instituto
SINGULARIDADES**
Formando professores, transformando o futuro

15 anos

UM GRANDE TIME DE
AUTORES CONSAGRADOS
EM COLEÇÕES E CONTEÚDOS
TOTALMENTE ATUALIZADOS.



Edições repletas de novidades garantem uma metodologia eficiente, com foco nos procedimentos e linguagens, desenvolvendo valores e atitudes.

Conheça cada detalhe
em redes.moderna.com.br

novas
EDIÇÕES





ENGAJAMENTO JUVENIL IMPORTANTE E NECESSÁRIO

Diversos movimentos mostram a luta dos jovens por mais participação nas decisões que afetam seu cotidiano. Está na hora de darmos voz e protagonismo aos nossos adolescentes!

POR Priscila Cruz



➤ **EM BUSCA DA AUTONOMIA** Alunos da escola Manuel Girdião Buarque, em São Paulo, durante a ocupação, em 2015. Oficinas de arte, música e cartazes foram produzidos no espaço para manifestar pacificamente as insatisfações dos jovens.

AS OCUPAÇÕES das escolas em diversos estados do país – iniciadas em São Paulo no final de 2015 como resposta dos alunos à proposta de reorganização planejada pela Secretaria Estadual de Educação – parecem ter colocado, finalmente, o ativismo jovem no centro do debate nacional. Há muita dificuldade em entender como dar respostas à vontade da juventude de participar mais das decisões e ações que impactam a sua vida, a escola, a cidade e a sociedade.

No Brasil, embora haja meios institucionais para a participação dos jovens, eles acabam não sendo espaços de engajamento efetivo. De acordo com um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Conselho Nacional da Juventude (Conjuve), por exemplo, que deveria ser um desses ambientes de deliberação junto aos jovens, falha em representar esse público.

Como em muitos outros países, no Brasil esse tema tem sido objeto de reflexões, já que eventos

de várias partes do mundo têm mostrado o poder de mobilização dos jovens. Neste artigo, exponho algumas dessas reflexões com o objetivo de levantar o tema entre gestores e educadores, acreditando que o apoio ao protagonismo dos jovens fará com que toda a sociedade ganhe.

POR QUE O ENGAJAMENTO DOS JOVENS É IMPORTANTE?

O engajamento dos jovens em questões reais e relevantes pode mudar vidas – e, como já apontam algumas evidências, de fato, muda. Todos os jovens têm o direito de ser mais proativos em relação ao seu projeto de vida, de tomar as decisões referentes àquilo que terá impacto no seu dia a dia e no seu futuro.

Já é tempo de a sociedade compreender que os jovens podem e devem contribuir com seus próprios conhecimentos, visões e habilidades, fazendo com que as soluções propostas estejam mais de acordo com os desafios por eles enfrentados e as ações sejam mais bem implementadas, contando com o seu engajamento. »

» QUAIS OS PRINCIPAIS RESULTADOS DO ENGAJAMENTO PARA OS JOVENS?

O efetivo envolvimento dos jovens em políticas, programas e projetos proporciona diversos resultados muito positivos para eles. Na dimensão pessoal, ajuda a desenvolver competências importantes para a escola e para a vida, como a habilidade de fazer escolhas mais conscientes e aprender suas consequências, e também de se colocar em situações diversas, promovendo assim o autoconhecimento.

Na dimensão social, fortalece as relações entre amigos, colegas, educadores, família, comunidade. Assim, o jovem é protagonista também na formação de sua rede comunitária.

Por fim, na dimensão mais sistêmica, o jovem aprende a se engajar cívica e socialmente, a exercer a cidadania ativa e a expressar e defender seus direitos e desejos.

QUAIS SÃO OS TIPOS DE ENGAJAMENTO JUVENIL?

Há várias formas de engajamento, com diferentes níveis de complexidade, dependendo do tipo de ação e de seu processo e frequência ao longo do tempo. Mas engajamento é diferente de participação passiva.

Um modelo que nos ajuda a entender melhor esses diferentes níveis é a Escada da Participação Juvenil (*Ladder of Young People's Participation*), desenvolvida por Roger Hart, pesquisador e codiretor da City University of New York para assuntos relacionados à aprendizagem infantil. Nela há oito degraus que descrevo a seguir, sendo o primeiro o mais baixo e o oitavo, o mais alto da figura de uma escada:



Ladder of Young People's Participation, modelo desenvolvido por Roger Hart.

A imagem de uma escada pode ser uma boa forma de nos ajudar a avaliar se realmente há protagonismo juvenil ou se estamos apenas envolvendo os jovens sem dar espaço para sua participação efetiva, ou nem isso.

QUAIS OS PRINCÍPIOS QUE DEVEM GUIAR O ENGAJAMENTO JUVENIL?

Na Nova Zelândia, o projeto de desenvolvimento dos jovens maoris (*Youth Development Strategy Aotearoa*) procura apoiar os adultos educadores que lidam com garotos e garotas na faixa dos 12 aos 24 anos, ajudando-os a se desenvolver plenamente, considerando inclusive as habilidades e atitudes necessárias para que eles possam contribuir positivamente com a sociedade enquanto jovens e depois como adultos. Abaixo, apresento os seis princípios que norteiam esse projeto, que versam sobre o desenvolvimento da juventude:

- 1. O contexto todo forma.** desde valores e crenças inerentes à família até contextos sociais, econômicos e culturais da sociedade em que ele cresce. A Nova Zelândia, apesar de pequena, tem uma questão importante relacionada à diversidade – o respeito e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da população nativa da ilha. Nesse tópico, vale uma boa reflexão sobre como o Brasil (não) aborda a diversidade étnica e cultural da sua população jovem.
- 2. A conexão entre os jovens e outras pessoas** (ou os bons exemplos). O desenvolvimento saudável dos jovens depende de que eles tenham conexões positivas com outras pessoas, bons exemplos de atitudes, incluindo sua família, os amigos, a comunidade, a escola e o ambiente de trabalho.
- 3. Abordagem dos pontos fortes.** Os programas e as políticas devem ajudar os jovens a desenvolver a capacidade de evitar fatores de risco, ou resistir a eles, e fortalecer os que podem garantir mais segurança. Isso envolve a expectativa que criamos em relação aos jovens, conscientizando-os do seu próprio papel nas escolhas que afetam sua vida presente e futura.
- 4. Relacionamentos de qualidade.** Além do relacionamento dos adultos com os jovens, que é fundamental, é importante que também haja qualidade no contato entre os educadores, pais e familiares, para que a própria conexão deles com os jovens se sustente.
- 5. Participação efetiva.** A juventude precisa ter mais controle sobre sua vida, com apoio, orientação, participação e engajamento dos educa-

dores e familiares, porém mantendo o protagonismo. Além de conferir maior responsabilidade sobre seus atos e suas escolhas, demonstrar suas habilidades ao tomar decisões sobre si próprio vai aumentar sua autoconfiança.

- 6. Informação de qualidade.** É fundamental colher e compartilhar pesquisas, avaliações – aprendendo, inclusive, com o nosso próprio dia a dia – e informações sobre tendências e descobertas relacionadas aos jovens com as equipes que atuam com eles.

COMO VALORIZAR E INCENTIVAR O ENGAJAMENTO JUVENIL?

Temos a tendência de achar que os jovens são irresponsáveis e preguiçosos por esquecerem de fazer suas tarefas, mas é importante lembrar que o nosso sistema, de maneira geral, não valoriza o seu protagonismo e acaba exigindo que eles respondam a estímulos que, na verdade, não os incentivam, pois não levam em conta seus interesses e experiências.

Alguns modelos de interação, no entanto, valorizam a bagagem já adquirida pelos jovens e podem ajudar os educadores a estabelecer um relacionamento mais autêntico. Um exemplo é o modelo para engajamento de crianças e jovens (*Orsini Model for Child and Youth Engagement*), dos Urban Thinkers, iniciativa que busca incentivar ideias para apoiar uma vida mais sustentável. Esse modelo tem seis passos, que resumo a seguir:

- 1. Recrutamento.** Quando a participação do jovem no grupo em questão é voluntária, é importante estabelecer rapidamente um processo que valorize a contribuição de cada integrante, oferecendo, ao mesmo tempo, a oportunidade de desenvolver competências e de se divertir, com ações concretas para manter o interesse do grupo. Quando a frequência é obrigatória, no caso da sala de aula, por exemplo, criar motivação logo nos primeiros contatos é fundamental.
- 2. Motivação.** Partir dos interesses do jovem, daquilo que ele considera importante e acredita que terá um impacto positivo em si ou no seu entorno. Além disso, há motivação quando a contribuição do jovem é relevante no projeto e para ele.
- 3. Colaboração.** Ela estará presente se o jovem sentir que as suas contribuições são respeitadas, apreciadas e válidas para o projeto ou a comunidade. Para isso, a crença do adulto no valor das contribuições do jovem deve ser sincera.
- 4. Desenvolvimento de habilidades.** Com as etapas anteriores bem pavimentadas, o jovem

certamente desenvolverá habilidades importantes para a sua vida escolar e em sociedade. Os educadores devem ter especial atenção às habilidades de comunicação, trabalho em grupo, tomada de decisão, planejamento.

- 5. Alcance das metas.** Um grupo de jovens motivados, colaborativos, com as habilidades em desenvolvimento, terá muitas chances de obter resultados que devem ser celebrados!
- 6. Reconhecimento.** É muito importante reconhecer e celebrar os resultados dos times e de cada membro dos times. Além disso, dar retornos objetivos em relação ao seu desempenho vai ajudá-los a melhorar em ações futuras.

ENFIM, ENGAJAMENTO JUVENIL!

Em um mundo tão complexo, conectado e em constante movimento como este em que vivemos, desconsiderar ou não incentivar o protagonismo dos jovens – tanto nas questões mais simples do dia a dia quanto naquelas que podem mudar o rumo de uma política pública, por exemplo – significa certamente desperdiçar a oportunidade de termos adultos mais engajados e comprometidos com seus próprios planos de vida e com um projeto maior de nação.

Trabalhar na escola com projetos nos quais os jovens sejam protagonistas e se sintam verdadeiramente incluídos certamente vai lhes proporcionar aprendizados para o resto da vida de maneira divertida e comprometida, além de melhorar a relação dentro da escola e na família e ajudá-los a fazer mais amigos. ●

PARA SABER MAIS

- *Todos Pela Educação, junho de 2016. Estudo mostra que Conselho Nacional de Juventude não aproveita o potencial que tem (goo.gl/CgXVZH).*
- *Ladder of Young People's Participation (www.freechild.org/ladder.htm).*
- *Ministry of Youth Affairs, January 2002 – Youth Development Strategy Aotearoa (goo.gl/uSzhyr).*
- *Urban Thinkers é uma iniciativa desenvolvida por Arthur Orsini (www.urbanthinkers.ca).*

PRISCILA CRUZ

- *É fundadora e presidente executiva do movimento Todos Pela Educação e mestre em Administração Pública pela Harvard Kennedy School.*

PAÍIS

DE

UM

LIVRO

SÓ

O Brasil ainda engatinha em índices de leitura e número de leitores. Mas afinal de contas, o que está por trás dos baixos índices e quais são as perspectivas para as próximas gerações?

POR *Pedro Bandeira*

NO FOLCLORE do Nepal, se não há, deveria haver um ditado popular que diria: “Só se escala o Everest aos bocadinhos”. Tentemos então refrear nossa ansiedade de melhorar do dia para a noite o lastimável estado do nível educacional brasileiro e aceitemos que metas ousadas como chegar ao cume da montanha mais alta do mundo só se atingem passo a passo, aula a aula, leitura a leitura, criança a criança. Não podemos desanimar em nossa jornada, pois, ao contrário da escalada do Everest, quanto mais se sobe a montanha da educação, mais oxigênio de desenvolvimento e felicidade nosso país encontra para alimentar os pulmões de nossos habitantes.

Para avaliar nossa caminhada, é claro que precisamos de informações, de pesquisas que nos mostrem de que ponto saímos, em que patamar estamos e quais deverão ser nossos próximos passos. Para nos ajudar, uma das mais sólidas informações que temos é o último relatório da pesquisa Ibope “Retratos da Leitura no Brasil”. Examinando-o, os primeiros dados nos enchem de esperança! Começemos pelos progressos em nossos níveis de escolaridade nos últimos 13 anos (2002 a 2015):

O analfabetismo brasileiro caiu
43%.
Oba!

Formados no Ensino Médio subiu
74%.
Oba!

Diplomados no Ensino Superior subiu
43%.
Oba!

Os livros lidos pelo menos em parte subiu
0,26%.
O... o quê?!!

Quer dizer que em 13 anos quase dobramos o número de formados na universidade, mas aumentamos tão pouco o consumo de livros?

PROGREDINDO SEM LER

Pesquisas são fotografias de um momento, e fotografias nada explicam, só podem mostrar. Vamos então raciocinar sobre esse período de 13 anos, discutindo alguns dos passos que demos nessa trajetória.

A pesquisa Ibope considera como “leitora” aquela pessoa que tenha lido pelo menos parte de um livro nos últimos três meses, e revela que, dentre as que alegam ser alfabetizadas, 56% declaram-se “leitores” e 44% se dizem “não leitores”. Em 2002, segundo a pesquisa, esses “leitores” declaravam ler (pelo menos em parte) em média 4,7 livros por ano, e, em 2015, essa média teria subido para 4,96 livros (o triste crescimento relatado de apenas 0,26%). »



» Vejamos, em primeiro lugar, as razões apontadas por quase metade daqueles que dizem saber ler para se declararem não leitores:



Ora, vamos e venhamos! “Falta de tempo”, “falta de paciência”, “cansaço” e “falta de gosto”! Tudo isso não passa de sinônimo de “ter dificuldade para ler”! Muita gente alega “não ter tempo para ler”, quando 73% dos brasileiros, na mesma pesquisa, informam que assistem TV em seu tempo livre! Na verdade, a única razão para a não leitura se explica pela triste conclusão apresentada por uma pesquisa anterior: de cada quatro brasileiros que dizem saber ler, apenas um compreende bem um pequeno texto, sabe escrever pelo menos um bilhete e é capaz de realizar operações simples de aritmética. Os outros três, infelizmente, são o que se chama “analfabetos funcionais”.

Quem não lê é porque tem dificuldade para entender o que lê. Eu, por exemplo, tenho dificuldades imensas de tocar violoncelo, não tenho paciência para tocar violoncelo, fico cansado na hora de tocar violoncelo e definitivamente não gosto de tocar violoncelo! E você adivinhou: a verdade é que eu não tenho a menor ideia de como tocar violoncelo!

O QUE SE LÊ?

A pesquisa em pauta pergunta quais são os livros que foram lidos pelo menos em parte nos últimos três meses e, soberanamente na liderança, está a Bíblia. Bem à frente mesmo de todos os outros livros citados. Bom, no caso deste grande livro, compreende-se que ele seja lido “em partes”, e não inteirinho, como um romance.

Vamos então a uma avaliação da leitura da Bíblia ao longo dos séculos, já que sem se conhecer o passado não se pode compreender o presente.

Até a metade do século XV, a Bíblia somente sobrevivia enclausurada nos mosteiros, em poucos exemplares caprichosamente reproduzidos pelas magníficas letras góticas dos frades. E essas cópias eram redigidas apenas em latim,

uma língua já morta e exclusiva do clero católico. Por séculos, a Bíblia foi preservada como um tesouro de propriedade exclusiva do Vaticano. Para um leigo ter conhecimento de seu conteúdo, era necessário que ouvisse as prédicas dos sacerdotes na hora da missa. Para facilitar a compreensão do que era dito nos sermões, as igrejas exibiam pinturas de cenas bíblicas ilustrando o que era oralmente relatado e até foi inventada a primeira história em quadrinhos, que se chamou “A via dolorosa”.

Assim, além dos padres, ninguém precisava saber ler. Para divulgar o conteúdo da Bíblia, não era necessário criar escolas para os outros, bastava que esses “outros” ouvissem e aceitassem literalmente o que lhes era informado nos sermões. E quem eram esses “outros”? Eram todas as pessoas, até mesmo os senhores feudais. Durante toda a Idade Média, para que oferecer escolas? Quem nascia senhor de terra morreria senhor de terra e quem nascia para mourejar na terra dos senhores era o povão que morreria como servo analfabeto. Saber ou não ler não mudava a condição social de ninguém.

Foi aí que, na metade do século XV, um alemão chamado Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis e possibilitou que novos exemplares da Bíblia pudessem ser re-

produzidos aos milhares! Logo em seguida, no início do século XVI, Martinho Lutero, um padre alemão, resolveu brigar com as verdades do Vaticano. Dentre elas, ele discordava de as palavras da Bíblia serem de propriedade única do clero e a interpretação do que estava escrito naquele livro ser também uma só e incontroversa. Para ele, para que alguém se afirmasse cristão, não lhe bastava a oitiva das interpretações bíblicas ditas por um padre ou por um pastor. Era necessário que esse alguém conhecesse pessoalmente o que estava escrito. Assim, para ler a Bíblia, tornou-se necessário que as pessoas aprendessem a... ler! Um dos principais ensinamentos desse pregador dizia: “A coisa mais perto da igreja deve ser a escola”.

Muita gente aceitou suas ideias e, para que sua indicação de leitura pudesse ser seguida, Lutero traduziu a Bíblia do latim para o alemão. Seu seguidor, Calvino, a traduziu para o francês e o rei Jaime da Inglaterra a fez verter para o inglês. Enquanto isso, em Portugal, já no final do século XIX, o escritor Almeida Garrett queixava-se de naquele país só haver exemplares em latim!



Formar novos leitores e despertar o gosto pela leitura são desafios fundamentais para o desenvolvimento do Brasil em todos os aspectos.

A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DO PODER

As coisas mudaram por causa disso e mudaram muito! Naqueles países que seguiram a Reforma, qualquer fiel, fosse pobre ou fosse rico, esforçava-se para que seus filhos frequentassem a escola e aprendessem a ler. Após o trabalho de cada dia, obrigatoriamente os membros da família se reuniam em torno da mesa, iluminados por uma vela, para em conjunto lerem alguma passagem da Bíblia. Assim, noite após noite, foram criando algo que podemos chamar de... o hábito de ler. E as noites se sucediam, a leitura da Bíblia chegava ao fim e o hábito já estava implantado. A partir daí, as pessoas pediam mais textos, ocasionando uma verdadeira revolução editorial: queriam livros sobre comentários religiosos, sobre guerras, sobre aventuras cavalheirescas, sobre romances, sobre tudo o que lhes fosse oferecido pelas tipografias que se multiplicavam aos milhares. O rádio, a televisão, os *games* e o Facebook ainda demorariam muito para surgir e era a leitura que imperava!

Muitos países europeus adotaram as ideias de Lutero, abraçaram o hábito de ler as palavras da Bíblia e assim criaram uma cultura diferente daqueles outros, para quem a interpretação das palavras de Deus ouvida dos lábios dos sacerdotes era suficiente. E quais as nações que cresceram capazes de criar a Revolução Industrial, de tornarem-se ricas, de reproduzirem suas descobertas e seus pensamentos nos livros, de buscarem esses conhecimentos, e que compõem hoje o Primeiro Mundo, senão a Inglaterra, a França, a Alemanha e os Estados Unidos? E quais permaneceram menos desenvolvidos, senão Portugal, Espanha e os países da América espanhola e portuguesa?

Não estou aqui falando em escolhas religiosas ou opinando sobre ser esta ou aquela a melhor maneira de ensinar a fé cristã. Estou argumentando que certo modo de propagar ideias por escrito e tomar conhecimento delas permitiu que algumas nações progredissem mais do que outras no Ocidente europeu. Forte exemplo é de um outro povo, numericamente menor, mas de uma cultura fortemente alicerçada na leitura da Bíblia. O primeiro povo a adotar o Pentateuco, o conjunto dos primeiros cinco livros que compõem a Bíblia cristã, chamado de Torá. Trata-se do povo judeu. Mesmo sendo eles nômades, por séculos condenados a vagar entre a Babilônia, o Mediterrâneo e o Egito, mesmo sem terem direito à terra, mesmo sendo várias vezes submetidos à escravidão, mantiveram-se unidos em torno de seu livro sagrado e das palavras nele inscritas. Em sua tradição, todo menino, ao chegar à puberdade, era obrigado (e ainda é) a ler em voz alta trechos da Torá para toda a comunidade reunida à sua frente. Só assim ele se tornava um judeu, só assim ele era aceito na comunidade, só lendo ele se tornava um homem. E, talvez somente devido a essa tradição cultural e religiosa podemos tentar entender por que esse povo, numericamente composto menos de 0,5% da população da Terra, tenha conquistado mais de 30% de todos os prêmios Nobel.

UM FIO DE ESPERANÇA

Professores, escritores, meus colegas: sem a compreensão leitora, sem o acesso ao que está registrado nos livros, nos textos da internet, no Google, na Wikipedia, não há como ter acesso ao desenvolvimento, não há como pedir assento nas poltronas do Primeiro Mundo. A pesquisa IBOPE “Retratos da Leitura no Brasil” nos informa que 8% da população brasileira é analfabeta, que do restante quase metade se declara não leitor, que $\frac{3}{4}$ daqueles que se declaram leitores são analfabetos funcionais, que esse leitores leem menos de cinco livros no ano, que...

Mas as conclusões dessa pesquisa deixam-nos um detalhe importante: a maioria daqueles brasileiros que leram, pelo menos em parte, algum livro, declararam ser este livro a Bíblia. Um livro que é praticamente afirmado como o livro único. Mas essa única leitura, aos poucos, não se multiplicou ao longo da história, criando potências culturais, que, por isso, se tornaram potências políticas, milionárias? Será então que o Brasil começa agora a trilhar o caminho que as grandes nações vêm trilhando desde o fim da Idade Média? Será que a leitura da Bíblia, cinco séculos depois da Alemanha, da França e da Inglaterra, criará em nós o hábito de ler? E será que então tentaremos, aceleradamente, sair da rabeira e chegar às primeiras posições na maratona do desenvolvimento?

Não sei. Sou apenas um escritor, um escritor somente ligado à escola, à mesma escola que Lutero pedia que se multiplicasse para que cada pessoa pudesse ter a capacidade de ler, de entender a palavra de Deus, de compreender todas as palavras. Não sou um religioso, não sou um padre, não sou um pastor. Sou um professor.

A grande verdade do subdesenvolvimento brasileiro é apenas esta: nossa triste história da educação. Aqui, a escola só surgiu tardiamente e para acolher somente a elite. Até meados do século XX não havia vagas nas escolas fundamentais para bem mais da metade da nossa população. Sempre vivemos sob algum tipo de ditadura, começando pela colônia escravista, passando para o império escravista, em seguida construindo uma república oligárquica que excluía a maior parte da população de quaisquer direitos, fosse à terra, fosse ao conhecimento, fosse à escola! E logo desembocamos em ditaduras, como a do Estado Novo, para ter um curto interregno e para arcarmos com mais duas décadas de ditadura militar. Assim, somente há pouco mais de três décadas estamos experimentando viver numa democracia e já conseguimos criar vagas nas escolas para a totalidade de nossas crianças. Está bem, a qualidade de nossas escolas ainda não é de dar inveja a ninguém, mas milagres como sair de quatrocentos e tantos anos de desprezo educacional e erigir o alto edifício do ensino é um milagre que demora mais um pouquinho... ●

SAIBA MAIS

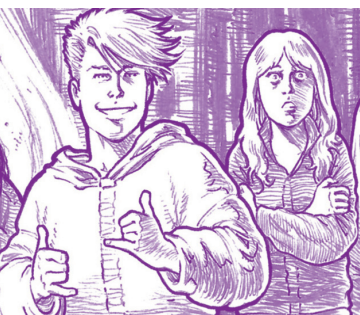
▼ **Pesquisa IBOPE**
“Retratos da Leitura no Brasil”
- produzida pelo Instituto
Pró-livro, com acesso
e download gratuito em
goo.gl/M1igxl.

LANÇAMENTOS

PEDRO BANDEIRA



Desperte o prazer da leitura com histórias queridas por gerações de leitores.



Você sabe por que os personagens de Pedro Bandeira são tão cativantes? Porque vivem as mesmas descobertas que o leitor infantojuvenil está vivendo. Suas histórias, que estiveram e continuam presentes na formação de diversas gerações de leitores, falam sobre valores e sentimentos com todo cuidado que esta faixa etária merece.

22 Milhões de livros vendidos!
Publicações exclusivas da Editora Moderna.



Pedro Bandeira



www.bibliotecapedrobandeira.com.br



Tradição e pioneirismo que você conhece

moderna.com.br [0800 17 2002](tel:0800172002) [/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)

Como sua escola estimula a leitura e o repertório cultural dos alunos?

O **Projeto Meu Autor**, aproxima o autor dos seus leitores, ampliando o desenvolvimento da leitura e motivando as novas gerações a se envolverem com obras de autores consagrados, como **Eva Furnari, Pedro Bandeira, Ruth Rocha e Walcyr Carrasco**.



OS BENEFÍCIOS DE TRABALHAR COM UM AUTOR EXCLUSIVO



PARA O PROFESSOR

- O acesso a uma seleção de livros de autores consagrados.
- A possibilidade de trabalhar a biografia desses autores e seu estilo literário.
- A discussão de valores relativos a ética, solidariedade e respeito pelos dilemas humanos.
- Material para envolver a comunidade educativa em um projeto de leitura.



PARA O ALUNO

- Facilidade de acesso a todos os títulos dos autores exclusivos.
- Engajamento na leitura de obras bem aceitas pelo público leitor.
- Projetos gráficos atraentes para a juventude atual.
- Ampliação do repertório cultural.
- Contato com obras premiadas e de qualidade literária.

Para saber mais, entre em contato com o consultor que atende a sua escola.



O PROJETO CONTEMPLA:

Carta aos alunos,
escritas e assinadas
pelos autores - para
a escola reproduzir.



Livros exclusivos
com a biografia do
autor escolhido.



DVD com arquivos
digitais de comunicação
visual para a escola,
projetos de leitura e
vídeos do autor.



AVALIAR PARA QUÊ?

Como o uso de dados auxilia a gestão e as práticas pedagógicas das escolas e de redes de ensino?

POR *Juliana Miranda*



NOS ÚLTIMOS 25 anos, as avaliações educacionais externas têm sido cada vez mais presentes no cotidiano de escolas públicas e privadas brasileiras e foram responsáveis por um imenso número de debates sobre o que avaliar, como avaliar, e principalmente, para quê avaliar a educação básica.

Dedicadas a realizar um diagnóstico macro dos resultados dos alunos, as avaliações externas servem (ou deveriam servir) para que equipes pedagógicas e de gestão de escolas e redes dos ensino fossem capazes de tomar decisões mais assertivas, subsidiadas em diagnósticos feitos a partir de dados concretos. Contudo, o que transparece ao longo dos anos de aplicação de inúmeros testes, regionais, nacionais e internacionais, é que os resultados das avaliações pouco têm sido utilizados e incorporados no dia a dia dos profissionais mais diretamente envolvidos com o trabalho em sala de aula.

No contexto da formação profissional formal, o uso de dados no meio educacional é uma quebra de paradigma para muitos gestores e professores que aprenderam a desenvolver suas atividades com base em experiências pessoais, justamente porque estão muito envolvidos com métodos tradicionais de organização escolar. No entanto, a pressão exercida pela sociedade, pelos grandes veículos de comunicação, e muitas vezes, pelas próprias famílias dos alunos, impõem o desafio de criação de práticas cada vez mais profissionalizadas e auxiliadas por dados.

Mas se os resultados das avaliações dificilmente influenciam mudanças nas práticas de gestão e de sala de aula, afinal, avaliamos para quê? Para conhecer a nota dos alunos? Para verificar a posição da escola comparada com um conjunto maior? »



» A crença de que a contínua realização de exames e a verificação do posicionamento das escolas em *rankings* fariam, por si só, com que a qualidade da aprendizagem dos alunos melhorasse, esconde em si a concepção de que a simples existência de uma concorrência incentivaria mudanças nos processos e, conseqüentemente, nos resultados dos alunos. Essa convicção, por mais que seja verdadeira no meio empresarial, tem demonstrado ser bastante equivocada no meio educacional.

Na gestão de salas de aula, de instituições escolares e de redes de ensino, as avaliações só fazem sentido se consideradas como parte integrante e essencial do processo educacional ao fornecerem dados sobre em que medida os objetivos de aprendizagem dos alunos têm sido alcançados e, quando não, quais são as deficiências que precisam ser corrigidas.

Nesse sentido, para que a resposta à pergunta “avaliar para quê?” seja, efetivamente, “para melhorar o processo educacional e a aprendizagem dos alunos”, é condição *sine qua non* que as informações provenientes das avaliações sejam consideradas, compreendidas e utilizadas no desenvolvimento dos planos de ação dos profissionais comprometidos com a educação. Para tanto, promover formalmente estudos aprofundados sobre os resultados de desempenho, os indicadores contextuais, a correspondência entre o que é avaliado e o que é realizado em sala de aula, só acontecerá com a estruturação de momentos de formação e de apoio promovidos pelas equipes de gestão em favorecimento dos grupos pedagógicos.

Assim, quais seriam os exercícios de reflexão e de ação a serem aplicados por gestores educacionais para promover processos de inclusão de dados de avaliações nas práticas educacionais? Vamos a alguns...

1 VÁ ALÉM DAS MÉDIAS E RESULTADOS GERAIS

Os resultados gerais de desempenho dos alunos, apresentados por meio de médias ou da distribuição em níveis de aprendizagem, são muito úteis para perceber se o trabalho da escola ou da rede se desenvolve em uma tendência positiva ou negativa. Contudo, ao serem observados apenas esses dados, a avaliação fica limitada a simples comparação entre instituições, o que fortalece um comportamento baseado na competitividade, demonstrado principalmente pela atenção dada indevidamente aos famosos *rankings*.

A crença de que a contínua observação de resultados gerais de desempenho dos alunos seria, por si só, o motivo para o desenvolvimento de um sistema de avaliação, tira do processo todo o seu potencial para reorientar ações políticas e pedagógicas. Isto é, a rasa comparação de dados gerais considera a avaliação como tendo um fim em si mesma e não a insere no processo educacional.

Para ir além das médias e resultados gerais, é necessário um aprofundamento nos dados relacionados às competências, habilidades e conhecimentos aferidos na avaliação. Por-

tanto, por mais que desempenhos gerais baixos evidenciem alunos sem o domínio de conteúdos esperados para sua faixa etária, a discussão precisa ir adiante no sentido de responder à pergunta “qual é exatamente esse conteúdo que ficou para trás?”.

2 OS DADOS CONTEXTUAIS NÃO FORAM COLETADOS POR ACASO...

Os dados sobre o contexto em que as escolas estão inseridas, o perfil de comunidade que atendem, a percepção de gestores, professores e funcionários sobre os processos educacionais, todos esses são dados fortemente relacionados ao desempenho dos alunos nos testes cognitivos, afinal, essas informações mostram como é construído um ambiente capaz de propiciar a aprendizagem em maior ou em menor grau e como ele pode ser melhorado.

Por exemplo: a infraestrutura física da escola está adequada? Há um processo de comunicação eficiente entre a escola e as famílias? Os professores sentem que seu trabalho é reconhecido e valorizado pelos gestores? Os professores indicam a necessidade de programas de formação profissional? Uma vez diagnosticados os pontos de melhoria, começa o exercício de reconhecer o que priorizar na lista de mudanças necessá-



A atuação colaborativa e responsável entre escola, família e aluno, com transparência e comprometimento, cria um relacionamento de confiança que pode gerar grandes resultados.

rias. Muitas vezes, os esforços requeridos não se relacionam necessariamente a investimentos financeiros, mas sim a uma reorganização de processos para maior efetividade.

3 TEM DÚVIDAS? PROCURE AJUDA!

Os relatórios de avaliação são recheados de números, gráficos, tabelas e textos montados com o objetivo de apresentar às equipes gestoras das escolas diferentes visões sobre o desempenho dos alunos e o contexto social em que as instituições estão inseridas. Contudo, é comum que esses materiais requeiram um conhecimento prévio sobre conceitos de avaliação, tratamento estatístico das informações, estratégias para leitura de dados quantitativos, dentre outros.

Nesse sentido, é importante que os gestores educacionais se sintam capacitados para ler, compreender e se debruçar sobre os relatórios de avaliação. E caso tenham alguma dúvida, é necessário que uma rede de apoio e suporte possa ser acionada: técnicos das secretarias de educação, representantes das empresas de avaliação ou materiais informativos disponibilizados na internet etc. Os caminhos são muitos, e a superação das dificuldades conceituais é uma condição fundamental para que gestores e professores efetivamente se apropriem das novas oportunidades de aprendizado que as metodologias de avaliação oferecem.

4 LUTE CONTRA A RESISTÊNCIA AO USO DE DADOS QUANTITATIVOS

É comum hoje em dia ainda nos depararmos com profissionais da educação, dos mais diferentes níveis, ainda bastante resistentes e temerosos em trabalhar com informações provenientes de avaliações educacionais. Na verdade, durante muito tempo a área educacional manteve uma postura bastante contrária à utilização de dados quantitativos como recurso para compreensão de aspectos importantes dos processos escolares, uma vez que esses são frutos, basicamente, de interações humanas.

Em muitos momentos esse descaso com os números prejudica a percepção de que a união de informações qualitativas e quantitativas possui muito mais benefícios do que a priorização de um ou outro método específico de avaliação. Bem por isso, é papel dos gestores educacionais auxiliar as equipes pedagógicas constituídas por professores das áreas de humanas, biológicas e exatas a realizar a transposição didática dos resultados de avaliação.

Essa “tradução” dos números, gráficos e tabelas em uma interpretação pedagógica capaz de identificar as competências e habilidades que os alunos demonstraram dominar em maior ou menor grau trata-se de um importante exercício a ser realizado nos horários de trabalho coletivo, em que o grupo poderá associar as descrições das habilidades aferidas às práticas cotidianas e aos objetivos presentes em seus programas de ensino e materiais didáticos, instrumentos de uso mais familiar.

Tudo isso determinará o sucesso da incorporação dos resultados de avaliação às práticas docentes e permitirá traçar estratégias para o desenvolvimento de programas de formação continuada, a busca por novas metodologias de ensino, a alteração de aspectos organizacionais da escola e muito mais.

5 DIVULGUE OS RESULTADOS PARA AS FAMÍLIAS DOS ALUNOS

Os pais e responsáveis pelos alunos constituem um grupo importante de apoio para tirar do papel planos de ação definidos pela escola. Dessa maneira, mostrar às famílias os resultados da avaliação, demonstrar comprometimento com os resultados, e atribuir a elas a parcela de responsabilidade que lhes é devida, cria um relacionamento baseado na confiança e no entendimento de que o desempenho dos alunos só melhorará se houver uma atuação colaborativa de todos os membros da comunidade escolar.

Nesse sentido, a realização de reuniões para exposição e explicação dos resultados de avaliação para os pais e responsáveis é uma das estratégias que podem ser utilizadas. As dificuldades com leitura de dados quantitativos serão um desafio, mas com o apoio didático dos profissionais da escola, as prioridades de trabalho poderão ser devidamente compreendidas.

ENFIM...

O processo de transformação da forma como gestores e professores se relacionam com dados provenientes de avaliações (internas da escola ou programas externos, não importa) tem se configurado como uma demanda de membros da sociedade e de profissionais da área educacional preocupados em oferecer aos alunos meios para uma aprendizagem emancipadora e crítica, que lhes faça superar desafios e dificuldades.

É muito válido, portanto, o esforço empreendido por gestores e professores que já reconhecem esse processo de transformação e optam por fazer parte dele, afinal, esses profissionais assumem uma posição inovadora, corajosa e enriquecedora de eternos aprendizes dedicados à reflexão contínua sobre práticas que favoreçam a aprendizagem, que sejam flexíveis e que coloquem os alunos verdadeiramente no centro dos processos educacionais ao compreenderem a diversidade humana presente em cada sala de aula. E assim, por mergulharem na reflexão sugerida pela questão “avaliar para quê?”, eles se tornam agentes responsáveis pela construção das ações que definirão a educação para o século XXI. ●

JULIANA MIRANDA

✎ **Bacharel em Ciências Sociais pela USP,
mestre em Educação pela PUC-SP e gerente
de Avaliação da Avaliação Educacional.**

ANA

ENEM

PROVA
BRASIL

PROVINHA
BRASIL

**Leve as principais
avaliações nacionais
para sua escola!**



0800 77 33990

atendimento@avaliaeducacional.com



 **avalia**
educacional

O CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO GRÁFICA





O uso de infografias na educação está transformando o modo como os alunos se relacionam com a linguagem e com o conhecimento. Descubra todos os benefícios de explorar esse super-recurso em sala de aula.

POR Editora Moderna

VIVEMOS em um mundo de imagens que ganham cada vez mais importância. Muitos criticam a época em que vivemos como uma fase de empobrecimento da linguagem, esquecendo-se de que a linguagem verbal não é a única maneira que o homem tem de se expressar e comunicar. Como salienta Alberto Cairo, professor de Infografia da Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos, e da Universitat Oberta de Catalunya, na Espanha, “o ser humano é uma espécie visual. Mais da metade do nosso cérebro está relacionada com atividades que têm a ver com o processamento de informação visual”, e por isso “gostamos de mapas, porque eles são uma forma natural de representar áreas. Interpretamos gráficos estatísticos tradicionais com facilidade porque são metáforas visuais com as quais nosso cérebro é capaz de estabelecer uma conexão conceitual entre uma abstração (uma quantidade) e outra abstração (a representação proporcional da primeira abstração)”.

Ao integrar imagens, ilustrações, textos e números, os infográficos tornam-se aliados poderosos na organização, apresentação e transmissão de informações. Os materiais didáticos já apresentam infográficos, e compreender seu funcionamento é uma necessidade. Um dos muitos motivos para sua utilização é que hoje “as ferramentas para criar gráficos estão cada vez mais fáceis de usar, e muitas delas são gratuitas”, diz Cairo, possibilitando aos professores fazer amplo uso desse recurso também no desenvolvimento de seus próprios conteúdos. »

» Contudo, o infográfico não é um mero agregado e, para que seja eficiente, são necessários alguns cuidados, como a escolha de bons dados (corretos), interpretar essas informações, com vistas a expressar bem aquilo que se quer dizer, e escolher as formas gráficas que facilitem a leitura e estejam adaptadas à natureza dos dados expostos. Como diz Cairo, “a melhor maneira de criar um gráfico informativo é planejá-lo como se fosse uma ferramenta que um público usará para responder a algumas perguntas”.

Ao mesmo tempo que ajudam na compreensão de conteúdos, os infográficos cumprem uma função tão crucial quanto esta: a “alfabetização gráfica”. Por meio da familiaridade com esses recursos visuais riquíssimos em informação, o aprendiz conquista a habilidade da leitura não linear. Passa a ver sentido em imagens, gráficos, diagramas e ilustrações e a perceber que, ao formar um conjunto coeso, esses elementos constituem uma narrativa. “Essa é uma das habilidades mais importantes nos dias de hoje em que todos vivemos imersos em informações”, afirma William Taciro, especialista em infografia na área de educação.

A leitura linear de textos e outros recursos verbais ainda é a mais valorizada em sala de aula. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que ainda é predominante a ideia de

que a inteligência opera ou de forma verbal, ou de forma lógico-matemática. Contudo, teóricos como Howard Gardner, que propôs a teoria das múltiplas inteligências, tornaram visível o fato de que cada criança aprende de um modo particular e, sendo assim, “se as informações são apresentadas ao mesmo tempo como texto e como imagens gráficas, facilita-se a vida dos estudantes com diferentes estilos cognitivos de aprendizagem”, diz Cairo.

O primado da leitura linear está mudando. As evidências dessa mudança estão por toda a parte, e não faltam depoimentos de professores que obtêm bons resultados recorrendo à infografia, presente, por exemplo, nos livros didáticos. Vale lembrar também que a habilidade de ler gráficos é cobrada nas avaliações educacionais, como a Prova Brasil e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

BATE-PAPO



EDUCATRIX *Quais as principais vantagens dos infográficos na comunicação?*

MARIO KANNO Enquanto o texto descreve, o infográfico mostra. Essa é sua principal vantagem sobre o texto e mesmo sobre a foto. Sobre o texto porque várias coisas ficam mais claras, mais fáceis de serem explicadas e compreendidas com o uso de diagramas (mapas, gráficos, esquemas) do que apenas com texto corrido. E sobre a foto porque a infografia utiliza não apenas a imagem, mas a combinação de imagem e texto, permitindo uma narrativa visual orientada.

EDUCATRIX *E como você vê a utilização dos infográficos no processo de ensino e aprendizagem?*

MARIO KANNO A infografia usada como ferramenta jornalística é um fenômeno relativamente recente, mas os recursos de visualização de dados precedem a escrita. E sempre estiveram presentes nos livros didáticos. Mais recentemente, observa-se o uso mais

sistemático, quase obrigatório, da infografia nesses livros, para que sejam mais atraentes aos jovens leitores. Essa é a “novidade”. Os livros didáticos certamente ficam melhores com o uso da infografia, mas, como nos jornais e nas revistas, os infográficos têm de ser produzidos para melhorar a informação para o leitor, não para decorar a página com cores e ilustrações sem sentido.

EDUCATRIX *O que caracteriza um bom infográfico?*

MARIO KANNO Sua eficiência. Se as pessoas olham e entendem, ele é bom.

EDUCATRIX *Como o profissional dessa área vence o desafio de sintetizar um grande número de informações num espaço visual limitado?*

MARIO KANNO Não há fórmulas prontas. Você vai testando várias soluções até chegar a uma que seja eficiente. O desafio principal de todo

FORÇA DO CONJUNTO

Taciro explica que uma das principais vantagens dos infográficos é apresentar diferentes elementos (definições, listas, tópicos, mapas, gráficos etc.), que são distribuídos ao longo das páginas, em um mesmo espaço. E mais: formando um conjunto coeso, que dá ao estudante a possibilidade de, muito facilmente, estabelecer relações e fazer comparações. “O que o infográfico mostra é uma narrativa, mas que permite leituras não lineares”, diz ele.

Num primeiro momento, a tendência é que se dê uma leitura macro, ampla, de todo o infográfico. Em seguida, pode-se ler cada elemento em detalhe. “Quando se observa uma obra de arte, é comum olhar primeiro o todo, depois se aproximar para ver detalhes, se distanciar novamente e assim por diante. O mesmo acontece com um infográfico. A cada movimento de aproximação e afastamento, encontram-se novas informações e novos significados”, compara Taciro.

Da mesma forma que a apreciação de uma obra de arte pode ocorrer de maneira instintiva, a utilização do infográfico é muitas vezes o caminho mais natural e eficiente. Por exemplo, ao tratar da evolução do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil ao longo dos anos, faz mais sentido apresentar os números na forma de um gráfico. “Nesse caso, o texto verbal, linear, é que seria artificial”, reflete Taciro. ●



trabalho é combinar texto e imagem em um diagrama e criar uma narrativa, uma história visual. Não basta saber ilustrar ou diagramar, tem de saber apurar, tem de saber escrever e trabalhar em sintonia com a edição.

EDUCATRIX *Quais as tendências futuras da área?*

MARIO KANNO Parece que as pessoas estão ficando mais “visuais”, então grande parte do noticiário, dos livros e mesmo dos materiais das empresas (impressos e digitais) está migrando para uma linguagem mais infográfica, com farto uso de diagramas.

MARIO KANNO

- ✔ Infografista com ampla experiência na imprensa.
- ✔ Foi vencedor do primeiro Prêmio Folha de Jornalismo na categoria Artes Gráficas, do jornal Folha de S.Paulo, e deu aulas no Instituto Europeo de Design (IED).

HOWARD GARDNER

(1943–), professor de cognição e educação na Universidade de Harvard, propôs um forma inovadora de analisar o fenômeno da inteligência. Opondo-se à ideia tradicional de que se podia medir o nível de inteligência de um indivíduo com testes que avaliavam somente a capacidade verbal e lógico-matemática, ele delineou, em 1983, uma teoria de múltiplas inteligências. Para Gardner, o que define a inteligência única de cada indivíduo é a combinação dessas múltiplas inteligências, com maior ou menor presença de cada tipo. A teoria sofreu questionamentos e é extensamente discutida até hoje, mas é aceita por boa parte dos teóricos da educação.

AS INTELIGÊNCIAS DE GARDNER

VERBAL/LINGÜÍSTICA

Habilidade no uso da linguagem oral ou escrita.

LÓGICO-MATEMÁTICA:

Capacidade de raciocínio e de uso de números.

MUSICAL:

Sensibilidade ao ritmo, ao tom e à melodia.

ESPACIAL/VISUAL:

Sensibilidade à forma, ao espaço e à cor.

CORPORAL/SINESTÉSICA:

Habilidade para expressar ideias e sentimentos com o corpo.

INTERPESSOAL:

Habilidade para entender o outro.

INTRAPESSOAL:

Habilidade para entender a si mesmo.

NATURALÍSTICA:

Capacidade de reconhecer, categorizar e descrever certas características da natureza.

Como funciona um infográfico



Algumas histórias são mais bem contadas com palavras. Outras, com imagens. Mas, para os casos mais complicados, pode ser preciso usar de tudo um pouco, e, nesses casos, o melhor jeito de contar a história é com infográficos.

A infografia é uma maneira multimodal de contar histórias, descrever estruturas, processos e conceitos, representar redes de relacionamentos e outras informações complexas, combinando em um texto as melhores qualidades e recursos oferecidos pela comunicação verbal e não verbal.



LEITURA

A INFORMAÇÃO É RECONSTRUÍDA GRADUALMENTE PELA EXPLORAÇÃO DOS SIGNIFICADOS DE SUAS PARTES E POR SUA ARTICULAÇÃO POR MEIO DA DISTRIBUIÇÃO DOS COMPONENTES NA PÁGINA, PELO USO DE MARCADORES GRÁFICOS E POR REFERÊNCIAS ESCRITAS E VISUAIS CRUZADAS.



INFOGRÁFICOS ESTIMULAM A LEITURA E O ESPÍRITO DE INVESTIGAÇÃO

AS IMAGENS ABAIXO REPRESENTAM O MOVIMENTO DOS OLHOS SOBRE DUAS PÁGINAS DE JORNAL. ELAS CONTAM A MESMA NOTÍCIA, COM AS

As linhas representam movimentos rápidos dos olhos. Os círculos indicam onde eles se fixaram, e seus diâmetros são proporcionais ao tempo em que ficaram fixos ali.

Quando informações escritas e visuais estão separadas, os olhos seguem da chamada direto para os gráficos sem examinar nenhuma linha do texto.



Reorganizando as mesmas imagens e os textos, articulando visualmente os gráficos com os trechos escritos com os quais têm relação semântica, a leitura muda radicalmente. O leitor explora os textos antes ignorados e busca ativamente suas relações com outros elementos da página.



O DESENVOLVIMENTO GRÁFICO REFLETE OS OBJETIVOS DO EMISSOR

Para descrever estruturas e características físicas ou referir um evento específico real, os infográficos utilizam representações pictóricas.

Visualizações abstratas podem explicar processos, mostrar redes de relacionamento e revelar padrões de forma limpa e sintética.

ABSTRAÇÃO

comentar
Infográficos mais icônicos são excelentes formas de descrever objetos reais.

comparar
5 m
10 m

localizar

numerar
1.
2.

organizar

medir

contextualizar

relacionar

analisar
1999
2000
2001
2002

comentar
Infográficos mais icônicos são excelentes formas de descrever objetos reais.

comparar
5 m
10 m

localizar

numerar
1.
2.

organizar

medir

contextualizar

relacionar

analisar
1999
2000
2001
2002

comentar
Infográficos mais icônicos são excelentes formas de descrever objetos reais.

comparar
5 m
10 m

localizar

numerar
1.
2.

organizar

medir

contextualizar

relacionar

analisar
1999
2000
2001
2002

MESMAS PALAVRAS E GRÁFICOS, PORÉM ORGANIZADOS DE MANEIRAS DIFERENTES.

A LEITURA DE UM INFOGRÁFICO É UM PROCESSO DINÂMICO

- “O movimento dos olhos alterna-se entre partes semanticamente relacionadas de textos e imagens.”
- “Quando leitores interagem com mensagens complexas, eles têm de ler o texto, explorar a imagem, processá-las para obter seu sentido, buscar referências e integrar os conteúdos mentalmente.”

Holsanova, Holmberg e Holmqvist, 2008.

INFOGRÁFICOS DESENVOLVEM HABILIDADES DE LEITURA NÃO LINEAR

A multimodalidade dos infográficos torna-os excelentes recursos para exercícios de tratamento e leitura da informação e sua articulação com imagens, que são formas de expressão cada vez mais importantes atualmente.

FONTES: Holsanova, J.; Holmberg, N. & Holmqvist, K. (2008). Reading Information Graphics: The Role of Spatial Contiguity and Dual. Attentional Guidance. Wiley Interscience, John Wiley & Sons. Kress, G. & van Leeuwen, T. (1996). Reading Images: The Grammar of Visual Design. Londres: Routledge. Rangel, E. O. & Rojo, R. H. R. (coord.) (2010). Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação.

SOMOS TODOS CURADORES

“Para sobreviver no futuro, cada um de nós vai ter que ser um curador”, dizem os especialistas em educação e comunicação Gilberto Dimenstein e Mario Sergio Cortella. A revista *Educatrix* mostra como se adequar a essa nova realidade.

POR Gabriela Dias e Ivonete Lucírio

O QUE acontece em 60 segundos? Você pode pensar que “não muito”, mas, em um minuto, cerca de 300 horas de vídeo vão parar no YouTube, 56 mil fotos são publicadas no Instagram e mais de 3 milhões de posts acontecem no Facebook – e isso é apenas uma fração de tudo o que acontece na internet nesse curto espaço de tempo.

Dados como esses dão uma amostra da sobrecarga de informação a que estamos submetidos todos os dias em um ambiente digital. Nesse contexto, surge a preocupação: como não se perder em meio a esse monte de coisas? Como se manter atualizado frente a todas elas?

Uma das soluções possíveis para esse dilema do século XXI atende pelo nome de “curadoria”. Segundo Mario Sergio Cortella e Gilberto Dimenstein, na “era da curadoria” surge “a necessidade de saber selecionar no meio do caos aquilo que, de fato, tem relevância e credibilidade”. Para eles, agora “o que importa é saber o que importa”.

Nessa realidade, o papel do professor se torna ainda mais fundamental. Cabe ao docente não apenas conseguir realizar uma curadoria própria, mas também orientar os alunos para que saibam extrair, desse emaranhado de conteúdo, o que é importante em determinado contexto – de modo a propiciar aprendizagem, em vez de somente acúmulo de dados.

“Não adianta o aluno ter acesso a um mundo de informações se não tiver sólidos critérios para selecioná-las e articulá-las”, diz Paula Furtado, cofundadora do portal de cursos *on-line* Mupi. “Informação é diferente de conhecimento, e me atrevo a dizer que a quantidade excessiva de informações pode inclusive atrapalhar a construção do conhecimento”, argumenta ela.

Como lembra a postagem de Helena Mendonça, coordenadora de tecnologias da Escola da Vila, na plataforma digital Storify, essa importância foi enfatizada já em 2008 por Carles Monereo e Marta Fuentes no livro “Psicologia da Educação Virtual”. “Formar os estudantes em estratégias e competências de busca de informação em ambientes virtuais é (...) uma necessidade iniludível”, afirmam os pesquisadores.

CURADORIA E PLANEJAMENTO

Mas como conseguir selecionar o que é relevante em meio à rotina corrida de um educador? Em que momento ele ou ela pode realizar essa tarefa? Antes de mais nada, é preciso que o professor reconheça que já vem desempenhando o papel de curador há tempos, sempre que escolhe um texto, imagem, atividade ou qualquer outro recurso adicional para suas aulas.

A diferença é que, na curadoria, esse trabalho de busca e seleção de conteúdos se torna sistemático, além de ser feito com ferramentas digitais que possibilitam o armazenamento e o compartilhamento daquelas referências como os alunos, outros educadores e até com o resto da comunidade escolar. »

WHATS APP

44.000.000
de mensagens processadas

486.000
fotos compartilhadas

70.000
vídeos enviados



YOUTUBE

Mais de
2.700.000
visualizações de vídeos

Mais de
300 HORAS
de vídeo postadas



GOOGLE

Mais de
2.315.000
buscas



FACEBOOK

Mais de
3.000.000
de itens
compartilhados

3.125.000
curtidas



SNAPCHAT

Mais de 280.000
snapchats enviados



INSTAGRAM

Cerca de
56.000
fotos
postadas



LINKEDIN

120
novas
contas



IPHONE

mais de
48.000
aplicativos
baixados



ANDROID

Mais de
95.000
aplicativos
baixados



REDDIT

Mais de
140
postagens no Reddit*

* rede social que permite
divulgar materiais para serem
votados e comentados



SPOTIFY

Mais de
39.300
horas de música ouvidas

14 novas
músicas adicionadas



NETFLIX

Mais de
69.500
horas de vídeo
assistidas



WEB
Mais de 100
domínios
registrados



PINTEREST
9.800
itens
marcados



TWITTER
Mais de
430.000
tuítes



E-MAILS

Mais de
150.000.000
enviados

EM APENAS
60
segundos

...milhares de conteúdos são postados ou
compartilhados on-line. Veja os números
impressionantes de um levantamento
feito pela Go-Globe, empresa
internacional de
webdesign.

8 ETAPAS PARA SE TORNAR UM EDUCADOR-CURADOR

O processo não é muito diferente do que você já faz hoje para preparar suas aulas. Os professores Corinne Weisgerber e Shannam Butler, da Universidade Saint Edwards, no Texas (EUA), definiram oito etapas para sistematizar esse trabalho.

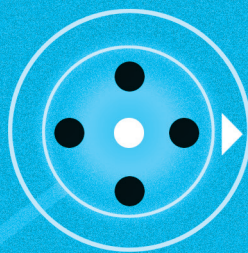




1

ENCONTRE

conteúdos relevantes sobre um determinado assunto dentre seus colegas, fontes e autores favoritos. Faça um apanhado do que descobrir.



2

SELECIONE

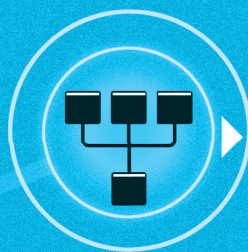
Filtre o conteúdo pesquisado levando em conta a qualidade, a relevância e a originalidade.



3

EDITORIALIZE

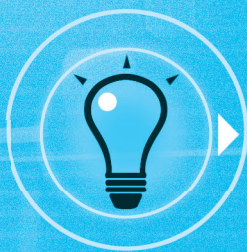
Contextualize a seleção, criando elementos como introdução e resumo, além de adicionar sua própria perspectiva.



4

ORGANIZE

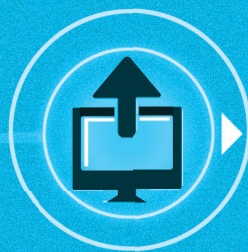
Classifique, elabore rankings e hierarquize as informações, estruturando-as visualmente.



5

CRIE

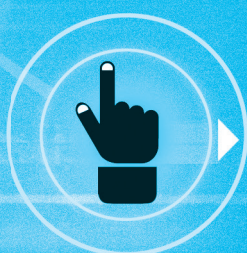
Defina o formato em que sua curadoria será publicada. Pode ser por meio de ferramentas on-line como o Scoop.it; Storify; Pinterest.



6

COMPARTILHE

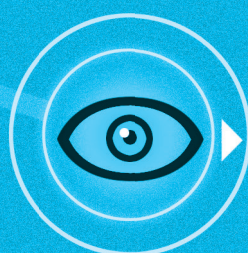
A curadoria pode servir como fonte de pesquisa própria, mas ganha outra magnitude ao ser compartilhada com alunos e outros educadores.



7

INTERAJA

Convide outras pessoas para interagir com a sua curadoria, abrindo espaço para comentários, pedindo opiniões e gerando trocas.



8

MONITORE

Acompanhe a qualidade da discussão e o número de comentários e compartilhamentos que o conteúdo gera. Use esses dados para ir ajustando e melhorando sua curadoria aos poucos.

INFOGRAFIA LUIZ IRIA

Fonte: Traduzido e adaptado de *Re-envisioning Pedagogy - Educators as Curators*, de Corinne Weisperber e Shannan Butler, disponível em [mod.ik/w4caw](http://mod.ik.w4caw) (Acesso em 12.08.2016).

» Trata-se, portanto, muito mais de refinar uma prática já existente do que de inserir uma atividade nova no dia a dia.

Para Solange Petrosino, gerente de Serviços Educacionais da Editora Moderna, é natural que “discussões sobre a organização de tempo do docente ressurgam com força por conta das novas tecnologias educacionais”. Segundo ela, a “disponibilidade para selecionar e validar conteúdos dispersos na Biblioteca de Alexandria que é a web é mesmo um desafio”.

Uma das dicas que Solange dá é encaixar a prática da curadoria na fase de planejamento. “A curadoria pode otimizar essa etapa do trabalho, facilitando tanto o acúmulo de referências atualizadas sobre temas curriculares quanto o replanejamento ao longo do ano”.

CURADORIA NA PRÁTICA

Para começo de conversa, é preciso definir os objetivos e critérios que vão orientar cada curadoria, partindo das necessidades do docente, da disciplina e da escola.

Se um professor de Química deseja, por exemplo, achar uma maneira dinâmica de introduzir o conceito de ligação iônica, e a escola onde ele trabalha possui computadores ou *tablets*, um bom caminho podem ser recursos interativos dedicados a esse tema. Já se uma professora de História quiser ajudar os alunos a entender melhor o islamismo, uma possibilidade seria usar a rede para procurar materiais de fontes diversas sobre essa religião, de modo a apresentar pontos de vista diversificados, que ampliem a visão tradicional exposta na mídia e nos livros.

A curadoria não precisa ficar só no âmbito docente. Utilizando a técnica, um coordenador pedagógico pode selecionar materiais para projetos interdisciplinares ou para sugerir aos professores da escola conteúdos com um tema importante – por exemplo, Olimpíadas.

Parece fácil, mas achar bons recursos em meio ao mar de informação da internet requer técnica. Uma boa referência nesse sentido é o “modelo psicoeducacional de busca estratégica” de Marta Fuentes, também citado por Helena Mendonça em seu Storify. Ele apresenta seis



DICAS PARA UMA BOA CURADORIA

NO CURSO “Curadoria on-line: estratégias de busca e redes de colaboração”, a especialista em inovação educacional, Claudia Rossi, recomenda algumas práticas para embasar uma curadoria:

- Toda curadoria implica um recorte;
- Curadoria consiste em formar algo novo e original, que carregue o olhar do curador;
- A curadoria deve ser crítica: não se trata apenas de juntar conteúdos, mas de ter uma visão crítica sobre eles;
- É fundamental escolher fontes confiáveis, além de deixá-las sempre visíveis;
- Ao mesmo tempo, deve-se limitar o número de conteúdos de uma mesma fonte.

Uma dica da Educatrix é escolher a ferramenta adequada para fazer o compartilhamento da sua curadoria com outros usuários. Há opções específicas, como Pinterest (para conteúdos cujo foco é a imagem) ou Scoop.it (mais propício ao compartilhamento de textos), mas também é possível publicar os conteúdos da sua curadoria nas redes sociais.

No Facebook, a dica é usar os Grupos, que permitem melhor organização. No Twitter, existe o recurso de Lista para curadoria de usuários (não de conteúdos). Mesmo no WhatsApp, criar um grupo pode ser uma boa para compartilhar indicações, seja com alunos ou com outros professores. O fundamental é saber onde está seu público – e disponibilizar sua curadoria lá.

Há quem vá ainda mais longe. Os educadores Corinne Weisgerber e Shannan Butler, da *St. Edward's University* (Texas), propõem uma metodologia que começa na busca, passa por um filtro (de qualidade, relevância e originalidade), segue com a contextualização, organização e compartilhamento dos resultados (via ferramentas como Pinterest ou Scoop.it) e termina com interagir com os usuários e acompanhar os comentários deles em torno da curadoria.

UMA COMPETÊNCIA PARA O SÉCULO XXI

Independente do modelo a ser seguido, é importante lembrar que, ao incorporar o hábito da curadoria, o docente e o aluno não estão apenas se inserindo na realidade do século XXI. Eles estão também exercitando habilidades associadas ao Enem e ao Pisa, como mostra Paula Furtado, cofundadora do Mupi: “Dois dos cinco eixos cognitivos comuns a todas as áreas de conhecimento do Enem – o III e o IV – têm relação com o conceito de curadoria, assim como as seis dimensões de como lidar com a informação propostas pelo Pisa”. O mesmo se dá em relação a alguns dos objetivos cognitivos da hierarquia conhecida como “taxonomia de Bloom”.



REPOSITÓRIOS E CURADORIAS NO BRASIL E NO MUNDO

NEM TODA curadoria precisa ser individual. Empresas e instituições também já se deram conta da necessidade de organizar as informações da rede – inclusive com foco em alunos e professores. A Amazon, por exemplo, acaba de estreiar a *Amazon Inspire*, uma plataforma que vai reunir e classificar recursos educacionais digitais. Em fase beta, ela permite que educadores busquem usando vários filtros (incluindo disciplina, série, tipo e formato) e atribuem cotação ou comentários a cada recurso, além de criar curadorias e de subir conteúdos próprios.

No Brasil, o MEC foi pioneiro na inauguração de repositórios desse tipo de conteúdo. Em 2008, foram inaugurados tanto o Portal do Professor quanto o Banco Internacional de Objetos Educacionais, ambos em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia. As duas ferramentas não têm a funcionalidade de curadoria, mas podem ser uma fonte interessante.

Mais recentemente, em 2013, surgiu a Escola Digital, plataforma gratuita que reúne mais de 5 mil objetos digitais de aprendizagem voltados para professores, alunos, pais e redes de ensino. Além de buscar, favoritar e comentar cada recurso, os educadores cadastrados podem sugerir outros objetos para serem agregados à curadoria da ferramenta, que abarca vídeos, animações, jogos, aulas digitais, aplicativos e infográficos, entre outros recursos. O trabalho é bancado pelos institutos Inspirare e Natura e pela Fundação Telefônica Vivo.

No mesmo ano, surgiu também o canal YouTube Edu, no qual professores podem submeter videoaulas para publicação ou escolher aulas já prontas para utilizar com seus alunos. Os conteúdos são gratuitos e em português, com curadoria assinada por professores coordenados pela Fundação Lemann – que apoia o projeto, em parceria com o Google.

Já na Moderna, essa tendência se traduziu na Filtropédia, lançada este ano no portal da coleção Moderna Plus. A ferramenta estreou com cerca de 2 mil itens selecionados por mais de 60 especialistas – sempre articulados com os capítulos da coleção e acompanhados por orientações de uso para professor e aluno. Entre outras funcionalidades, é possível recomendar itens para turmas, guardar favoritos e buscar conteúdos interdisciplinares. Há recursos tanto para uso em sala de aula quanto para a formação continuada do professor.

Na opinião de Solange Petrosino, gerente de Serviços Educacionais da editora, “a curadoria de qualidade, como a do Moderna Plus, é um facilitador do trabalho docente. Ao oferecer materiais de fácil acesso aliados a sugestões de aplicação, a ferramenta potencializa a ação do professor como mediador, orientador e inspirador da aprendizagem, sem causar impacto significativo em sua organização de tempo”.

etapas básicas, que vão da análise e planejamento da pesquisa à exploração do seu resultado.

Mas será que buscar e reunir *links* é suficiente para fazer uma curadoria? Para Claudia Rossi, especialista em inovação em educação e em comunicação digital, “a curadoria deve ser crítica; não se trata apenas de juntar conteúdos, mas de ter uma visão crítica sobre eles”. Segundo ela, curadoria implica também “organizar, dentro de uma determinada lógica, o que se quer mostrar de um determinado assunto” (veja mais dicas de Claudia no box).

SAIBA MAIS

- ↘ **COLL, César; MONEREO, Carles.** *Psicologia da Educação Virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação.* Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ↘ **CORTELLA, Mario Sergio; DIMENSTEIN, Gilberto.** *A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!* Campinas: Papirus/7 Mares, 2015.
- ↘ **CORTELLA, Mario Sergio.** *“A Era da Curadoria - O Que Importa É saber O Que Importa!”.* Palestra no Café Filosófico. Disponível em: goo.gl/oAZQcX. Acesso em: 28 jul.
- ↘ **FURTADO, Paula.** *“A curadoria na educação e os desafios no papel do professor”.* Disponível em: goo.gl/CCdJlq. Acesso em: 28 jul.
- ↘ **LEVITIN, Daniel J.** *A mente organizada: como pensar com clareza na era da sobrecarga de informação.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- ↘ **MENDONÇA, HELENA A.** *“Estratégias de busca e seleção de informação digital”.* Disponível em: goo.gl/QC40m3. Acesso em: 28 jul.
- ↘ **WEISGERBER, Corinne; BUTLER, Shannan.** *Re-envisioning pedagogy: educators as curators.* Disponível em: goo.gl/PXoThj. Acesso em: 28 jul.

**MODERNA
PLUS**



..... O CICLO DE INOVAÇÃO DO
Ensino Médio

O Moderna Plus alia a tradição de conteúdos didáticos de alta performance com o pioneirismo em tecnologia. Partindo de uma proposta completa e integrada, o projeto dialoga com as demandas atuais do Ensino Médio, preparando o adolescente para ser bem-sucedido em sua trajetória pessoal e profissional.

PORTAL EDUCACIONAL

Totalmente reformulado, o portal traz soluções digitais que irão potencializar o ensino e a aprendizagem:



SuperProva
Banca de questões interativo



AprovaMax
Simulador de testes



Diário de Estudos
Protagonismo na aprendizagem



FiltroPÉDIA
Curadoria de conteúdos



Tradição e pioneirismo que você conhece

moderna.com.br [0800 17 2002](tel:0800172002) [/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)

www.moderna.com.br/modernaplus



EDUCAÇÃO PARA A



UM CAMINHO POSSÍVEL



Famoso grafite do artista Banksy, feito em 2012, em Bristol (Reino Unido), que retrata um homem em posição de combate, lançando flores como símbolo de paz. A cidade de Bristol é reconhecida pela participação política e pela arte de rua.

Num mundo conflagrado,
a Educação para a Paz pode
significar um caminho na direção
da plena realização do indivíduo
e do papel social da escola.

POR *Eduardo Amos*

A CRESCENTE complexidade da vida em sociedade tem colocado desafios enormes para a educação brasileira. Chega muito atrasada a proposta de renovação através da Base Nacional Comum Curricular. Sem dizer que algumas questões estão, há décadas, pedindo espaço na escola. Áreas como Educação Financeira e Educação para o Trânsito são alguns exemplos de temas ainda distantes da prática pedagógica no Brasil.

Existe, contudo, uma questão que, do nosso ponto de vista, é anterior a essas citadas porque diz respeito à existência de todos os que se encontram envolvidos no cotidiano escolar. Referimo-nos à Educação para a Paz.

Minha atuação, nos últimos 35 anos, como autor de livros didáticos para o ensino de Língua Inglesa para escolas brasileiras de educação básica tem me proporcionado um contato direto e intenso com a realidade escolar.

Sabemos que a escola é uma instituição conflituosa por excelência, em que interesses diversos e, muitas vezes, antagônicos se entrecruzam e se chocam. Ao longo do tempo, o que era um simples confronto de ideias, visões de mundo diferentes e posturas que levavam à reflexão, à discussão e ao crescimento, cedeu lugar ao acirramento de posições cada vez mais intolerantes em relação à diversidade e ao pensar diferente, de tal modo que hoje encontramos um ambiente social literalmente conflagrado. Assim, o que vemos hoje é a escola sendo transformada em palco de intolerância e violência. Isso, porém, não ocorre apenas dentro da escola, mas na sociedade como um todo.

É nesse ambiente que a Educação para a Paz se constitui hoje uma prioridade ainda não percebida e, por vezes, desqualificada nos debates relacionados à educação no Brasil. »

» O CONCEITO DE PAZ NEGATIVA E DE PAZ POSITIVA

Inicialmente, é necessário esclarecer que quando falamos ou escrevemos, o fazemos a partir de um ponto de vista ocidental, isto é, de uma visão hegemônica de mundo. Nesse sentido, ao nos referirmos a termos como sociedade, escola etc., temos em mente a sociedade ocidental cujos fundamentos encontram-se na tradição greco-romana.

O conceito de paz, tal como aparece difundido em nosso meio social, tem sua origem na paz grega (*eirene*) e na paz romana (*pax*) e é, segundo o sociólogo Johan Galtung (1967), essencialmente um conceito negativo uma vez que sua definição se dá como ausência de conflito – ou o não conflito.

Entende-se pelo termo *eirene* a busca da perfeição na harmonia e na tranquilidade interior. Para os gregos, esse estado de coisas era caracterizado pela ausência de hostilidades e conflitos violentos, ou seja, o oposto à guerra. Essa condição, contudo, só se aplicava a grupos e relações especificamente gregas e jamais fazia referência às relações entre gregos e não gregos.

O conceito de paz como ausência de conflito também está implícito na *pax* romana que estava ligada à ideia de manter e respeitar a lei e a ordem estabelecida. Contudo, o conceito de paz romana foi construído com o objetivo de privilegiar Roma como centro da estrutura política uma vez que a lei e a ordem eram por lá estabelecidas. Assim, as leis se impõem como benefício de poucos, ou seja, para aqueles que as definem, as aplicam e as mantêm, em detrimento de outros que devem se submeter a ela. Segundo Lederach (1984), “a *pax* romana foi uma definição de paz no sentido de ausência de violência segundo a lei, mas não no sentido de justiça, prosperidade, reciprocidade e igualdade para todos.”

Como se pode perceber, ambos os conceitos de paz tem um caráter negativo marcado pela ausência. Isso chegou até os nossos dias e se faz notar em várias expressões usadas coloquialmente e que deixam transparecer a visão tradicional de paz.

É por isso que é muito comum ouvirmos expressões como:

– “Que paz!” – para fazer referência a um momento de silêncio, de quietude, de ausência de barulhos desagradáveis;

– “Estar em paz.” – quando se quer definir um sentimento de tranquilidade interior, de preferência quando se está sozinho;

– “Me deixe em paz.” – que evidencia a paz como um estado de tranquilidade, de isolamento, longe das outras pessoas, dos problemas e dos conflitos.

No âmbito da sociedade, a concepção negativa de paz tem um caráter restritivo. Algum tempo atrás, uma reportagem televisiva mostrou um morador de um condomínio fechado que explicava as razões que o tinham levado a escolher morar num lugar daqueles. “É porque aqui eu tenho paz”, foi a resposta dada ao repórter. “Ter paz” para o morador do condomínio significa estar isolado do mundo e das pessoas.

A paz, tal como a vemos disseminada no meio social, limita-se quase exclusivamente, ao estabelecimento de pactos que mantenham a ordem. Essa concepção tem desenvolvido uma imagem passiva da paz, percebida como um ideal utópico e inatingível, carente de significação própria e derivada de fatores externos a ela.

Foi somente por volta de 1969, a partir dos estudos de Galtung, que o conceito positivo de paz começou a se delinear. O sociólogo norueguês apresentou os conceitos de violência direta e violência estrutural. Para ele, a violência direta é o tipo de violência na qual existe um ator que pratica o ato violento, e a violência estrutural é aquela na qual não há um ator específico.

Assim, a violência direta é aquela que sofremos na rua, por exemplo, ao sermos assaltados por alguém, quando temos nosso carro roubado ou quando sofremos qualquer tipo de violência, física ou não, praticados por um determinado indivíduo ou por um grupo de indivíduos.

Por sua vez, a violência estrutural se manifesta na distribuição desigual dos recursos públicos, como ocorre quando o governo não consegue atender a demanda de crianças e adolescentes para a alfabetização/educação ou quando os serviços médicos existentes em determinadas zonas são apenas para certos grupos etc. Acima de tudo, ocorre quando o poder de decisão acerca da distribuição da renda e dos recursos não é igualitária.

O fator chave que determina a passagem de um contexto de paz negativa para um contexto de paz positiva é, precisamente, a igualdade e a reciprocidade nas relações entre os indivíduos envolvidos.

“A paz se cria e se constrói com a superação das realidades sociais perversas. A paz se cria e se constrói com a edificação incessante da justiça social.”

Paulo Freire (1986)

Não é possível, portanto, falar de paz positiva num contexto de desigualdade ou de injustiça, ainda que não haja um conflito aberto.

Definitivamente, uma concepção positiva de paz implica um processo dinâmico orientado não só para a ausência das condições e circunstâncias indesejadas, mas para a presença das condições e circunstâncias desejadas. A paz converte-se, assim, num dos valores máximos da existência humana e, como tal, afeta todas as dimensões da vida: interpessoal, intergrupar, nacional, internacional e mundial. Ela deixa de ser uma utopia irrealizável, um ideal inalcançável, para converter-se num processo contínuo e acessível, baseado na justiça, em que a cooperação, o mútuo entendimento e a

confiança em todos os níveis assentem as bases das relações. Deixa, em definitivo, de ser uma questão de Estado, para converter-se em um fato social do qual todos podemos participar e ao qual todos podemos contribuir.

Federico Mayor, ex-diretor geral da UNESCO, define com precisão a cultura de paz como sendo “a paz em ação; é o respeito aos direitos humanos no dia-a-dia; é um poder gerado por um triângulo interativo de paz, desenvolvimento e democracia. Enquanto cultura de vida trata-se de tornar diferentes indivíduos capazes de viver juntos, de criar um novo sentido de compartilhar, ouvir e zelar uns pelos outros, e de assumir responsabilidade por sua participação numa sociedade democrática que luta contra a pobreza e a exclusão; ao mesmo tempo em que garante igualdade política, equidade social e diversidade cultural.” »

cultura tradicional

(PAZ NEGATIVA)

A paz define-se como **ausência de guerras e de violência** direta.

A paz limita-se às relações nacionais e internacionais e sua manutenção **depende unicamente dos Estados**.

A paz é um fim, uma meta a que se tende e que nunca se alcança plenamente.

O fim justifica os meios.
É, portanto, justificável o uso da violência para alcançar e garantir a paz.

A paz é um **ideal utópico e inalcançável**, carente de significação própria e derivado de fatores externos a ela.

O conflito é visto como algo **negativo**.

É preciso **evitar os conflitos**.

cultura de paz

(PAZ POSITIVA)

A paz define-se como **ausência de todo tipo de violência** (direta e estrutural) e como **presença de justiça social** e das condições necessárias para que exista.

A paz abrange todos os âmbitos da vida, inclusive o pessoal e o interpessoal e é, portanto, **responsabilidade individual e coletiva**.

A paz é um **processo contínuo e permanente**.

Ao considerar a paz como processo contínuo e não como um fim, não é justificável o uso de meios que não sejam coerentes com o que se persegue. **A violência não é, portanto, justificável em nenhum caso**.

A paz converte-se num processo contínuo e acessível em que a **cooperação, o mútuo entendimento e a confiança em todos os níveis** assentam as bases das relações interpessoais e intergrupais.

O conflito é independente das consequências derivadas de sua regulação. O negativo não é o conflito se **não recorrer à violência** para regulá-lo.

O conflito é necessário. **É preciso manifestar os conflitos latentes e regulá-los**, sem recorrer à violência.

» DA RESOLUÇÃO DO CONFLITO PARA A TRANSFORMAÇÃO DO CONFLITO

Por muito tempo os processos e ações voltados para a construção da paz foram descritos como sendo “resolução de conflito”. Lederach (1995) tem um entendimento crítico a esse respeito uma vez que resolução de conflito pressupõe que o conflito é indesejável e, portanto, deve ser eliminado sempre que possível. Além disso, o termo não reconhece a natureza dinâmica das relações pessoais nem leva em consideração os aspectos e as diferenças culturais onde os conflitos ocorrem.

Mais recentemente, o conceito de transformação do conflito tem ganhado relevância e vem substituindo a resolução de conflito por vários motivos. Em primeiro lugar porque a palavra transformação capta a natureza dialética do conflito e reflete uma abordagem holística para a compreensão de seus processos. Em segundo lugar, falar em transformação é reconhecer o potencial positivo dos conflitos e a visão de que estes podem transformar as relações pessoais e a organização social.

Essa mudança não pode ser vista apenas como semântica, ou de uma palavra por outra. É preciso compreender que os efeitos transformativos do conflito podem produzir mudanças positivas onde eles se manifestam. Em outras palavras, transformar os conflitos pode contribuir para criar um ambiente em que todos os indivíduos envolvidos possam crescer e se desenvolver.

A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ E TOLERÂNCIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Xesús R. Jares em sua obra “Educação para a Paz”, afirma que “(...)o cotidiano dos conflitos é um processo e uma das características centrais e definidoras das escolas: conflitos entre professores; conflitos entre professores e alunos; conflitos entre professores e pais de alunos; conflitos entre professores e a direção da escola; conflitos entre alunos; conflitos entre pais; conflitos entre a escola como tal, ou seus órgãos colegiados e a administração educativa ou municipal; etc. constituem uma pequena amostra das múltiplas situações de conflitos que todos vivemos de alguma maneira em nossas escolas e que, inevitavelmente, provam a evidência empírica

da natureza conflituosa de tais instituições.”

As palavras de Jares expõem, de maneira cristalina, como a realidade da instituição escolar se estrutura a partir dos seus conflitos. No caso do Brasil, isso pode ser constatado num rápido olhar pela mídia impressa e televisiva que nos mostram como existem escolas que vivem uma verdadeira realidade conflagrada. O que mais surpreende ao espectador ou leitor, porém, é que, na maioria das vezes, os episódios de violência recebem apenas um tratamento policial.

Nesse sentido, não se tem notícia de programas de abrangência nacional que tenham por objetivo abordar a questão da Educação para a Paz e a tolerância de modo sistêmico, isto é, a partir da própria instituição e que atinja todas as suas instâncias. Durante a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) foram incorporados aos elementos norteadores da educação básica nacional o conceito de temas transversais. Contudo, a Educação para a Paz e a Tolerância ficou de fora daquele documento, numa clara evidência de como esse tema ainda não fazia parte do olhar institucional oficial.

Apesar de Jares (2007) afirmar que “a educação por si mesma não pode erradicar as violências estruturais que negam a paz e que afetam a própria sobrevivência da espécie humana” e que “a paz não chegará pela via escolar, mas mediante a ação social e política”, temos uma crença muito forte na capacidade da escola contribuir de modo decisivo no processo de construção de uma cultura de paz e de tolerância. Nossa crença se baseia no fato de que na escola encontramos cidadãos mobilizados divididos por faixas etárias, que passam juntos pelo menos quatro horas de seus dias. Além disso, a maneira como a escola está estruturada por áreas de conhecimento, horários para cada aula, materiais didáticos específicos para cada faixa etária, tem muito a contribuir para o desenvolvimento de ações que caminhem na construção de um ambiente de paz e tolerância.

Reconhecemos, outrossim, que um único professor não consegue caminhar sozinho mais do que meia dúzia de passos nessa longa caminhada. Tampouco o livro didático de uma única disciplina tem o poder de promover grandes transformações no cotidiano de uma escola. Contudo, por menor que seja o alcance de suas ações, um professor e um material didático, juntos, podem fazer muita diferença.

A nosso ver, qualquer tentativa de implementação da Educação para a Paz no contexto escolar só fará sentido se vista a partir do conceito de tema transversal e trabalhado tanto vertical (dentro de

EDUARDO AMOS

Estudou na Escola de Comunicações e Artes da USP e na Faculdade de Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Língua Inglesa no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. É autor de livros didáticos e paradidáticos de língua inglesa e membro do GEEPAZ – Grupo de Estudos de Educação para a Paz e Tolerância do Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da UNICAMP.

cada disciplina) como horizontalmente (nos vários segmentos da educação básica).

Nesse sentido, o trabalho pedagógico, além de atender aos preceitos e objetivos específicos de cada disciplina escolar, deveria também procurar trazer para a sala de aula questões que colocam em evidência o reconhecimento e a valorização do outro, a aceitação do diferente e dar ênfase à coexistência de valores culturais diversos.

ESCOLA E A NECESSIDADE DE INSTÂNCIAS DEMOCRÁTICAS

Um dos elementos fundamentais ao se analisar a instituição escolar como local de aprendizagem é o seu espaço. A respeito disso, Viñao Frago (2001) afirma que o espaço escolar não é uma dimensão neutra na educação, uma vez que determina aprendizados sensoriais, motores culturais e ideológicos. Em outras palavras, a própria maneira como o espaço escolar se organiza revela muito do funcionamento da instituição.

Entendemos que já é passada a hora para que mudanças ocorram no espaço escolar, com o intuito de estabelecer um mínimo de sintonia entre a escola e o seu contexto social. Assim sendo, é muito proveitoso que a própria geografia da sala de aula possa, em alguns momentos, permitir que os alunos fiquem dispostos em círculo ou semicírculo e abandonem a tradicional disposição em fileiras em que o aluno só enxerga as nuças dos colegas.

O olho no olho, o compartilhar de expressões e o diálogo mais direto são fundamentais para uma educação que se propõe inclusiva, acolhedora, permeada pela afetividade e que contribua para a construção de uma cultura de paz. É óbvio que isso não é suficiente, mas pode contribuir significativamente para esse objetivo.

Essa questão não passou despercebida pelos documentos oficiais. Tanto é assim que as “Orientações Gerais para o Ensino Fundamental de Nove Anos” (MEC, 2010) afirma, de maneira muito contundente, que:

(...) a organização espacial das escolas (assim como qualquer espaço social) tem levado a determinadas formas de agrupamento em seu interior; seja de alunos, seja de professores, que mais dificultam do que favorecem uma ação comunicativa construtiva. Assim, põe-se uma questão de fundo: qual a finalidade dessa organização? Será que esse espaço escolar, da forma como usualmente tem sido organizado, promove um agrupamento dos alunos favorável à dinamização das ações pedagógicas? Ao convívio com a comunidade? À relação dos professores? Exis-

tiriam outros modos de estruturar o espaço da escola que possibilitassem a interação das crianças e adolescente em conformidade com suas fases de socialização?”

Por outro lado, outro importante documento oficial balizador da educação brasileira já preconizava em 1998:

(...) numa sala de aula, a simples disposição das carteiras pode facilitar o trabalho em grupo, o diálogo e a cooperação; armários não trancafiados podem ajudar a desenvolver a autonomia do aluno, como também favorecer o aprendizado da preservação do bem coletivo.” (Parâmetros Curriculares Nacionais, Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. p. 95.)

Da mesma forma, partimos do pressuposto de que o espaço de aprendizagem não se limita à sala de aula e de que o aluno precisa se apropriar de outros espaços da escola. Assim, espaços como murais, estandartes, plataformas, em que os alunos possam compartilhar suas produções de sala de aula com o restante da comunidade escolar e se manifestarem em relação a tudo o que diz respeito à sua vida, podem contribuir significativamente. Afinal, o aprendizado só se concretiza no social.

Porém, nada disso poderá ser feito sem que haja formas de participação ativa do aluno no ambiente escolar, seja por meio de instâncias de representação e expressão de suas necessidades e expectativas, seja por meio de mecanismos como um jornal ou uma rádio escolar que permitam dar voz ao aluno.

Uma proposta de Educação para a Paz no ambiente escolar não se efetivará sem que seja garantido aos alunos um espaço democrático mínimo. Questões como indisciplina e violência podem ser mais bem equacionadas num ambiente em que existam instâncias democráticas ou canais para que os alunos possam se sentir parte integrante do cotidiano escolar. Afinal, como afirma Schilling (2004), “o silêncio é a gramática da violência”.

PARA SABER MAIS

- FREIRE, P. 1986: *Ano Mundial da Paz. El Correo de la Unesco, dez. 1986. p. 46.*
- GALTUNG, J. *Theories of Peace - A Synthetic Approach to Peace Thinking - goo.gl/bc30rm*
- JARES, X. R. *Educação para a Paz: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 152.*
- LEDERACH, J.P. *Educar para la paz. Barcelona: Fontamara, 1984, pg. 19.*
- LEDERACH, J.P. *A Framework for Building Peace. Syracuse: Syracuse University Press, 1995. p.3-23.*
- LEDERACH, J.P. SCHILLING, F. *A sociedade da insegurança e a violência na escola. São Paulo: Moderna, 2004. P. 31.*
- LEDERACH, J.P. VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 32.*

ENSINO FUNDAMENTAL II

Students for PEACE

Eduardo Amos

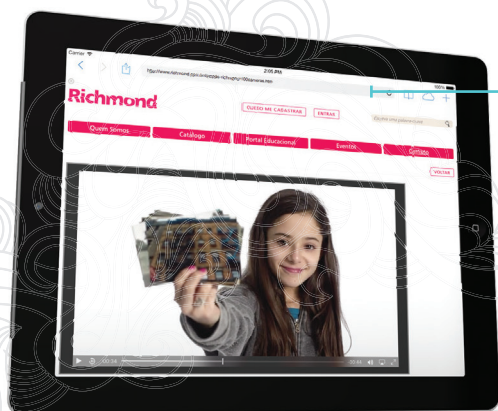


Enfoque na educação para a paz.

Através do trabalho com variados gêneros textuais e recursos digitais diferenciados, a coleção **Students for Peace** busca a tolerância, o respeito à diversidade, a empatia e a cooperação no ambiente da sala de aula.



Os Recursos Didáticos incluem materiais digitais totalmente integrados aos materiais impressos, com o objetivo de facilitar a aprendizagem, desenvolvendo a autonomia do aluno.



Livro Digital interativo

Conteúdos do livro impresso enriquecidos com recursos digitais. Preparado para acesso em tablets e desktops.



MultiROM

Atividades extras, objetos educacionais digitais e áudios do livro.



QR Codes

Trabalho com recursos audiovisuais.



Portal Educacional Richmond

Recursos suplementares para professores e alunos, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem.



Plataforma social interativa Students for Peace

www.studentsforpeace.com.br

Permite que os alunos que estudam com a coleção compartilhem suas produções das atividades sugeridas no livro.



0800 771 8181



richmond.com.br

Richmond

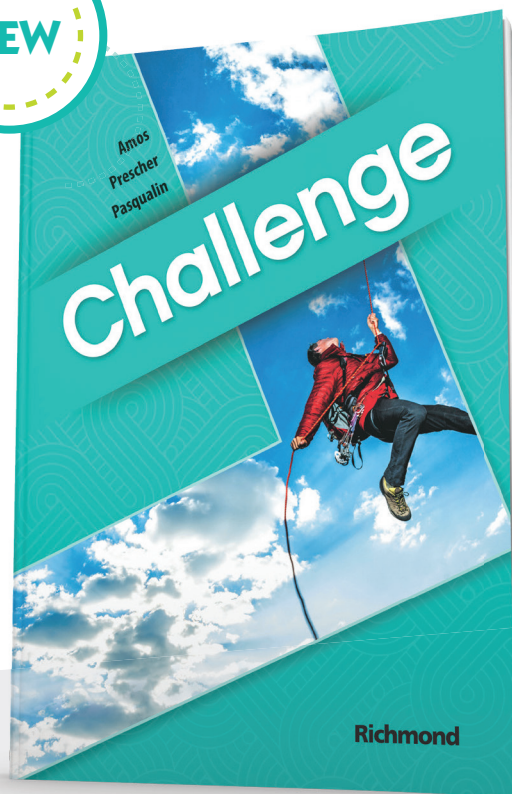
ENSINO MÉDIO

NEW

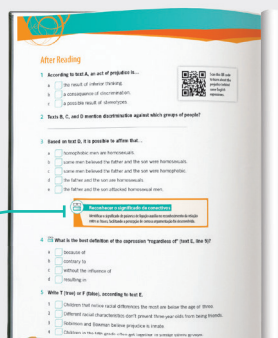
Challenge

Eduardo Amos, Elisabeth Prescher e Ernesto Pasqualin

Totalmente reformulada para atender às atuais demandas do Ensino Médio.

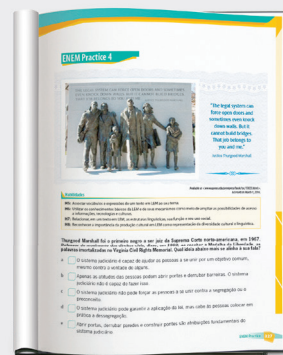


Algumas das novidades da terceira edição:



Reconhecer o significado de conectivos

Identificar o significado de palavras de ligação auxilia no reconhecimento da relação entre as frases, facilitando a percepção de como a argumentação foi desenvolvida.



Nova seção **ENEM Practice** com 24 simulados do ENEM.

Simulador de Testes: ferramenta digital e interativa para realização de simulados. Permite ao aluno selecionar questões sobre um tema ou habilidade específica testados no ENEM e no Vestibular.

Novo box com **estratégias de leitura** e atividades correspondentes em cada unidade.

Our Way

Eduardo Amos, Elisabeth Prescher
e Ernesto Pasqualin

A coleção de inglês
mais adotada no ensino
fundamental II, em nova edição!

Our Way atende às mais diferentes
realidades escolares, especialmente
salas numerosas e heterogêneas.



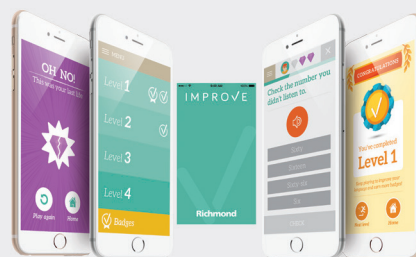
Algumas das novidades da oitava edição:

+ **Novos readers**
acompanham a coleção.



The Flood – vol 1, *Swallow Valley* – vol 2,
Grandpa – vol 3, *The Web* – vol 4.

+ Aplicativo **Improve**:
possui quatro níveis de
dificuldade com atividades
diversas que possibilitam
aos alunos ampliarem seus
conhecimentos gramaticais e
lexicais na língua inglesa de
forma dinâmica e divertida.



+ Novo recurso pedagógico
visual. **Pôsteres dupla face**
que acompanham o livro do
professor no volume 4.





Diversas e inovadoras respostas a esta pergunta vem tomando forma em inúmeras iniciativas pelo mundo, mostrando que as ferramentas e estratégias para preparar crianças e jovens para os desafios do século XXI demandam escolas e educadores dispostos a repensar suas práticas. E inovar!

POR Ana Claudia Ferrari

TECNOLÓGICA, personalizada, colaborativa, relevante, divertida, multimodal e para mentes abertas. Estas são as 7 grandes definições (ou temas) da educação contemporânea mapeadas pelo Young Digital Planet em “*The book of trends in Education*”. O livro, que em português se chama “Educação no século 21 - Tendências, ferramentas e projetos para inspirar”, acaba de ser publicado em parceria pelo SmartLab e Editora Moderna, com apoio da Fundação Santillana e do Google. Leia a seguir trechos adaptados, extraídos deste rico panorama das abordagens educacionais da atualidade escritos, a partir da experiência de educadores que decidiram dar novo significado aos verbos aprender e ensinar.



A EDUCAÇÃO MODERNA É PERSONALIZADA

Já FAZ algum tempo que a personalização começou a gerar grande interesse no mundo da educação. Muitos anteciparam que ela afetará o futuro dos sistemas educacionais e dará um novo direcionamento à publicação de conteúdos. A personalização está intimamente vinculada a habilidades de aprendizagem altamente desenvolvidas, em uma abordagem com base em processos que respeitam o ritmo de aprendizagem de cada aluno.

Enriquecidos com conquistas tecnológicas como a aprendizagem móvel, o ensino adaptativo, o *Big Data* e a personalização podem mudar a educação que conhecemos hoje. Principalmente porque colocam o estudante no centro do universo educacional e lhe proporciona liberdade para decidir o que, como e quando aprender. Embora seja justa, essa suposição ainda causa preocupações. É preciso lembrar que, ao contrário do que pode parecer, a personalização não diminui a importância do professor. Na verdade, acontece exatamente o contrário. Os professores têm mais responsabilidades do que antes e, graças ao seu trabalho, os alunos não apenas aprendem muito mais, mas também se tornam mais independentes e felizes.

A primeira menção à personalização foi feita por volta de 1905, quando a educadora norte-americana Helen Parkhurst criou o Plano Dalton. Em certo momento de sua vida, ela aceitou o desafio de trabalhar como professora de várias turmas ao mesmo tempo. Para se organizar, dividiu as turmas em pequenos grupos, e propôs que cada um deles se dedicasse a estudar determinadas disciplinas. A partir daquele momento, as crianças poderiam estudar na escola de acordo com seu ritmo, sempre trabalhando em

cooperação com os colegas. Helen apresentou os princípios de uma abordagem individual para a avaliação de resultados. Além disso, fez uma pergunta muito importante que assenta as bases da ideia contemporânea de personalização: “O que podemos fazer para encorajar as crianças a apreender as iniciativas educacionais?”.

O conceito de personalização tornou-se popular em 1970 com o pedagogo espanhol Víctor García Hoz. A partir dessa data, a palavra ganhou inúmeras definições. Algumas delas são focadas na ideia de ajustar o conteúdo às necessidades individuais do estudante.

Às vezes, a personalização é confundida com outros conceitos e essa simplificação pode contribuir com a falta de uma definição clara e bem estabelecida. A personalização pressupõe que os próprios alunos podem criar, vivenciar e modificar o processo educacional. É a criança quem decide o caminho a percorrer e não faz diferença se ela seguirá o currículo adotado ou não. Assim, o conceito está ligado à consciência educacional, à habilidade de aprender sozinho e à seleção do que se deseja aprender. A educação personalizada não termina na escola e vai além do sistema educacional em seu sentido mais amplo. Ela tem a ver com nossas paixões, vida social, experiências e desenvolvimento pessoal. É a única maneira de explorar ao máximo o potencial de cada aluno.

O professor é essencial nesse processo. É ele quem apresenta as ferramentas, ajuda os alunos a desenvolver a autoconsciência, dá dicas e mostra o caminho correto [caso o aluno se perca]. Mas o âmago da personalização está dentro de cada um. Somos os únicos que podemos transformar nossa educação – ninguém pode fazê-lo por nós. ■



» **QUEM JÁ** teve a oportunidade de observar crianças sabe que, para elas, assumir um novo desafio é uma alegria. Dar os primeiros passos. Subir em um sofá. Amarrar o cadarço pela primeira vez. Andar de bicicleta. Avançar num jogo.

Gostamos de superar obstáculos, chegar mais alto, fazer pontos, explorar o mundo e ir além de nossos limites. Ignoramos a palavra impossível, tentamos de todas as maneiras, fazemos testes, analisamos e procuramos novas soluções para ir ainda mais longe.

Por que a escola acaba com a curiosidade natural e inata e destrói a alegria de aprender coisas novas? E mais ainda: por que aprender não pode ser tão divertido quanto jogar? A resposta é: claro que pode. É preciso apenas perceber que a distância entre um e outro não é tão grande quanto se acredita.

Há pouquíssimo tempo, os jogos eram considerados antieducativos. Os pais pensavam que o tempo que seus filhos passavam jogando era um desperdício do ponto de vista educacional. O tempo passou, começou-se a enxergar os jogos com cuidado e descobriu-se que, ao contrário do que possa parecer, aprende-se constantemente enquanto se joga: como jogar, qual a estratégia a adotar e, finalmente, o que fazer para ganhar. Descobriu-se que os jogos são um tipo de entretenimento que não pode ser vivenciado passivamente. Para ser capaz de tirar algum prazer do jogo, é preciso adquirir diversos conhe-

cimentos e dominar certas habilidades.

Os jogos despertaram o interesse dos pesquisadores, que notaram certa diferença entre a relação dos jogadores com o *game* e a relação dos alunos com o aprendizado. Ao contrário desse último, os *games* engajam os jogadores e ensinam a resolver problemas. Isso acontece principalmente por conta do *feedback* imediato que é dado ao usuário e pelo fato de que, ao jogar, ele experimenta o chamado *flow* (de acordo com a teoria desenvolvida por Mihaly Csikszentmihalyi), em que os desafios correspondem estreitamente às habilidades dos jogadores. Especialistas em Educação estão tentando introduzir esse potencial motivador dos jogos na escola. Os *games* incorporam muitos aspectos importantes da aprendizagem, como interação, tomada de riscos, ajustes, desafios e consolidação, apresentando informações necessárias no momento certo e sob demanda, bem como colocando o jogador em um contexto e situação adequados (James Paul Gee Divers).

O principal objetivo da utilização de jogos na educação é aumentar o envolvimento e a motivação dos alunos, mas é importante ter consciência de que não resolverão todos os problemas de alunos e professores. São apenas elementos que devem ser integrados a outros métodos, embora, considerando a especificidade dos jogos, sua importância na educação irá crescer.



A HISTÓRIA da educação está familiarizada com mudanças implementadas com base em resultados de pesquisas isoladas, por exemplo, em relação ao tamanho das classes. Graças à neurociência, sabe-se mais do que nunca sobre o cérebro. Compreendemos melhor como é complexo o processo de aprendizagem e – talvez esta seja a redescoberta mais importante – como o ato de aprender continua sendo individual, apesar dos esforços de padronização dos sistemas educacionais. A maneira como ele se dá depende do equilíbrio entre a biologia do cérebro, o ambiente, aspectos sociais, culturais e psicológicos, questões acadêmicas relacionadas a problemas ou desafios e muito mais. Considerando tudo isso, parece impossível estruturar um modelo único em um país inteiro e esperar resultados positivos. Os indicadores educacionais estão longe de ser satisfatórios em muitas nações.

A opinião pública está se tornando cada vez mais crítica à medida que se divulgam os problemas das abordagens uniformizadas. Assim, é preciso agir com cautela e recordar o que está sendo tratado: o processo de aprendizagem é extremamente complexo e não deve ser alterado de modo radical com base apenas em resultados de pesquisas. Mui-

tos estudos são conduzidos em um ambiente específico e transferi-los para diferentes situações pode não trazer os mesmos resultados. O que parece ser mais importante é mostrar aos indivíduos como se dá a própria aquisição de conhecimento, proporcionando-lhes uma compreensão de suas características e permitindo-lhes fazer escolhas particulares, pelo menos em alguma medida. De acordo com pesquisas recentes, a formação de professores é uma questão bastante relevante. Os docentes apresentam dificuldades de planejar ações a partir das circunstâncias com as quais se deparam em sala de aula.

No entanto, devemos estar cientes de que o sistema escolar se adapta às necessidades de muitos alunos (alguns dizem que cerca de 40% dos estudantes são bem-sucedidos na escola). É preciso lembrar, ainda, que o sistema educacional teve sua origem pautada pelas necessidades do Estado, do Exército e da Igreja. O mundo mudou desde então, assim como o cérebro dos jovens. Precisamos de um novo conjunto de opções para eles.

E já existem muitos exemplos de abordagens alternativas para a educação.

O RÁPIDO e constante desenvolvimento tecnológico está criando grandes oportunidades e ótimos desafios para as escolas e para todo o sistema educacional.

Mas a tecnologia é algo de que as escolas realmente precisam? Essa não é uma pergunta fácil, mas tem resposta. Levemos em conta as vantagens e as desvantagens do uso de tecnologia na educação. As vantagens incluem o acesso a conteúdos multimídia interativos que podem ser facilmente encontrados na internet, a ampla gama de cursos *on-line* úteis que não estariam disponíveis de outra maneira e as novas maneiras de ensinar, como robôs, hologramas e impressões 3D. Além disso, as tecnologias móveis criam novas oportunidades de forma que a aprendizagem não se limita mais aos muros da escola e os alunos podem aprender em qualquer lugar durante a realização de atividades cotidianas.

A tecnologia também permite que os estudantes participem de eventos educacionais em todo o mundo de maneira fácil e praticamente sem custo – a telepresença holográfica proporciona uma das experiências mais completas e realistas com esse fim.

No limiar de uma próxima revolução industrial e da proliferação de escolas do tipo “cultura faça você mesmo 2.0”, não se pode ignorar o mercado de trabalho do futuro. Os alunos querem aprender conteúdos relevantes e ainda se tornar capazes de fazer um trabalho que tenha valor real fora da instituição. A internet é um meio perfeito para isso e pode proporcionar um grande público para as produções. A tecnologia os conecta com o mundo e oferece novas fontes de inspiração que, muitas vezes, são imediatas.

Entretanto, existem desafios significativos para as escolas, pois muitas vezes são bastiões do tradicionalismo em meio ao mundo digital que nos cerca. Os desafios relacionados à necessidade de modernizar a infraestrutura são cruciais, mas não os mais importantes. O desafio principal é demonstrar a todos os envolvidos na educação de crianças e jovens a adequação do uso da tecnologia. Educadores e pais precisam ser convencidos de que as soluções tecnológicas ajudarão a incrementar a velocidade e a eficácia da aprendizagem e do ensino, para que os estudantes alcancem melhores resultados. »



A
EDUCAÇÃO MODERNA
E
Colaborativa

ATUALMENTE, é crucial que as pessoas tenham a capacidade de cooperar e interagir umas com as outras. A colaboração não é apenas uma forte tendência educacional, mas também uma característica que qualquer profissional ou empresa moderna deve desenvolver. No entanto, não se trata apenas de uma tendência; fazer parte de um grupo é uma necessidade fundamental. Por isso, a interação e a cooperação são tão naturais e, ao mesmo tempo, tão benéficas.

As pesquisas mostram que, ao trabalhar junto, cada um de nós contribui com uma parte de nossos conhecimentos, habilidades, experiências, ideias, personalidade, talentos, maneiras de pensar, e também com a utilização excepcional dos sentidos. Ao combinar nossa participação com a de outras pessoas, criamos uma única "inteligência coletiva".

Como consequência, o trabalho em equipe apresenta soluções mais eficazes para os proble-



A
EDUCAÇÃO MODERNA
E
RELEVANTE

UMA SITUAÇÃO alarmante tem sido observada recentemente: cada vez mais jovens estão se formando nas escolas sem habilidades, conhecimentos e competências críticas para uma vida bem-sucedida, tanto pessoal como profissional, diante da realidade em constante mudança na era digital. Pessoas de todo o mundo migram à procura de novas oportunidades de emprego, pois não há vagas para elas em suas comunidades locais. A razão é que as habilidades e os conhecimentos que os alunos adquirem nas escolas não são mais relevantes.

A escola não pode ser diferente do mundo real. Os estudantes querem saber se o conteúdo que devem aprender foi intencionalmente estruturado e tem um propósito em suas vidas. Por isso, é essencial que eles também aprendam em um ambiente parecido com o que vivem no dia a dia. A educação oferecida a eles precisa ser, antes de tudo, relevante para suas necessi-

mas, e qualquer projeto ou objetivo podem ser realizados de maneira mais eficiente, ou seja, de forma mais rápida e com melhores resultados. Dessa forma, o processo de aprendizagem é mais bem aproveitado – os membros de uma equipe aprendem entre si. Eles descobrem como lidar uns com os outros na realização de uma tarefa. As habilidades sociais são desenvolvidas naturalmente no processo – respeito mútuo, apoio, compreensão, resolução de conflitos, adaptação a variados estilos de trabalho, respeito por pensamentos e comportamentos diferentes.

Tudo acontece conforme surge a oportunidade. A colaboração permite ir da escassez de uma ação individual para a abundância do trabalho em grupo. Há várias formas de cooperação na área educacional: as mídias sociais, a sala de aula invertida, a aprendizagem em pares, a aprendizagem baseada em projetos, a aprendizagem com códigos abertos, a educação interdisciplinar e várias outras.

Entender o que é realmente importante no processo de aprendizagem é crucial para a implementação de quaisquer mudanças, pois a área da educação é muito delicada

e nela não há espaço para experimentações despreocupadas. Os problemas não podem ser resolvidos com um único método. Não existem respostas rápidas. As pessoas tendem a pensar que iniciativas que fizeram sucesso em um lugar podem ser facilmente reproduzidas em outro, da mesma maneira, em ocasiões completamente distintas. Não acreditamos que isso seja possível. Não é possível transformar qualquer país em uma Finlândia. No entanto, você pode entender quais foram os fatores que levaram a Finlândia ao sucesso na área educacional, filtrá-los para que se adaptem a suas condições e, então, começar a trabalhar a partir desse ponto. A solução perfeita será uma mistura de várias tendências e abordagens que se adaptam a um ambiente em particular, a necessidades e pessoas específicas.

Entretanto, para alcançá-la, você precisa de conhecimento. Esperamos que a educação no século XXI auxilie a busca de respostas corretas em diferentes lugares do mundo e que proporcione o espaço e a orientação necessários para a construção de seu próprio caminho, além das condições para um processo de ensino e aprendizado de sucesso.

dades, em segundo lugar, para as exigências do mercado de trabalho e, finalmente, segundo a realidade de sua cultura.

Uma educação que ensine habilidades necessárias para a vida real, promovendo o STEM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e a formação profissional, é vital para o bem-estar e o progresso não só dos indivíduos, mas também de toda a sociedade. Deve prover habilidades transferíveis, incentivar o pensamento crítico e a inovação e apoiar a individualidade e os talentos do jovem.

Descobrir a conexão entre o conteúdo educacional, a experiência dos alunos e o conteúdo previamente aprendido tem enorme influência sobre o interesse e a motivação para aprender e alcançar objetivos. É muito importante utilizar referências culturais para que os estudantes adquiram competências, atitudes e conhecimentos, pois elas criam uma ponte entre a casa e a escola. ●

PARA SABER MAIS

- ↘ Institute for Information Technologies in Education – *material sobre Educação personalizada*: goo.gl/ZFR4vp
- ↘ Pathways to Personalized Learning. *Relatório de pesquisa do centro de Educação digital*: goo.gl/Q3d08T
- ↘ *Estudo sobre ensino personalizado com abordagens utilizadas pelas escolas University of Cambridge*: goo.gl/szZqwj
- ↘ www.personalisingeducation.org
- ↘ *Hole in the wall*, de Sugata Mitra: hole-in-the-wall.com
- ↘ *Relatório da OECD sobre ensino profissionalizante*: goo.gl/CnQww0
- ↘ *Educação no século 21*: goo.gl/h3wRE4

A ESCOLA DO FUTURO É A SUA!

O SmartLab projeta sua escola para o futuro, hoje!

BAIXE O MEDIACODE E CONHEÇA NOSSOS LABS!



Google for Education
Partner



PLATAFORMA DE CONTEÚDO

COM O SMARTLAB A ESCOLA DÁ UM SALTO PARA O FUTURO, PERMITINDO O ACESSO DE SEUS ALUNOS A CONTEÚDOS EDUCACIONAIS DIGITAIS E INTERATIVOS DE ALTA QUALIDADE. SÃO INÚMERAS PLATAFORMAS INTEGRADAS PARA CONSOLIDAR O APRENDIZADO DE PORTUGUÊS, MATEMÁTICA, CIDADANIA DIGITAL, INGLÊS, LITERATURA, ROBÓTICA, PROGRAMAÇÃO E MUITO MAIS.



FORMAÇÃO CONTÍNUA

O SMARTLAB ACOMPANHA PROFESSORES E TUTORES DE SUA ESCOLA AO LONGO DE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTÍNUA, ENTREGANDO A ELES RECURSOS PARA MAXIMIZAR AS OPORTUNIDADES DE APRENDIZADO E CRIAR EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS PARA ALUNOS DO FUNDAMENTAL I AO MÉDIO.



AMBIENTE COLABORATIVO

OS ESPAÇOS SMARTLAB PROMOVEM O TRABALHO COLABORATIVO EM UM AMBIENTE COM DESIGN EXCLUSIVO DE COWORKING E AJUDAM A ESTIMULAR A CRIATIVIDADE, A AUTONOMIA E O EMPREENDEDORISMO DOS ALUNOS.



smartlab

www.smartlab.me

CIDADANIA GLOBAL

DESAFIOS DO SÉCULO XXI

Os próximos passos para uma educação baseada no respeito às diferenças estão em uma abordagem holística e humanista que valorize a pluralidade do mundo.

POR *Rebeca Otero*





OS DESAFIOS do século XXI ultrapassam fronteiras e exigem uma nova postura de cidadãos no mundo inteiro. Despertar a consciência de que compartilhamos o mesmo planeta já não basta: é preciso mudar atitudes e comportamentos. Mais que nunca, ganha força a ideia de que a educação deve ir além dos conteúdos tradicionais e dos próprios muros da escola.

A chamada educação para a cidadania global pode contribuir – e muito – para a solução de problemas mundiais. Cidadãos globais nutrem o sentimento de pertencer a uma sociedade mais ampla que seu próprio país. E têm consciência de que suas ações provocam consequências na vida de outras pessoas.

A educação para a cidadania global está entre os principais objetivos educacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A ideia é promover valores e atitudes de respeito mútuo e coexistência pacífica. Nada mais desafiador e necessário num momento de crescente intolerância religiosa, étnica e cultural.

Como deve ser a educação para a cidadania global? Não se trata de abrir mão da aprendizagem de conteúdos tradicionais. Pelo contrário. A proposta é dar ênfase às habilidades cognitivas, como saber ler e escrever, realizar operações matemáticas e aprofundar o conhecimento sobre ciências naturais e humanas. É por meio de habilidades cognitivas que os alunos conhecem a realidade, desenvolvem raciocínio crítico e compreendem múltiplas abordagens e diferentes perspectivas.

As habilidades cognitivas, contudo, são apenas parte de um tripé educacional. Do ponto de vista da educação para a cidadania global, a formação dos estu-

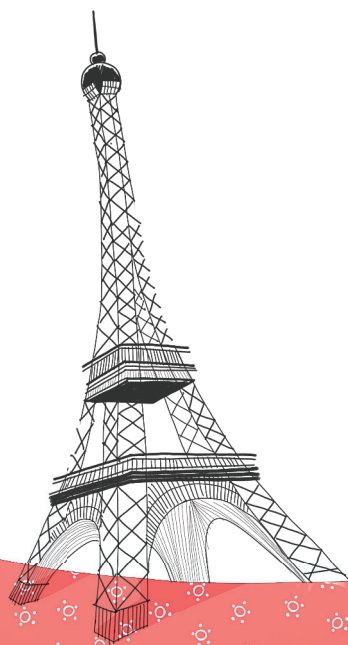
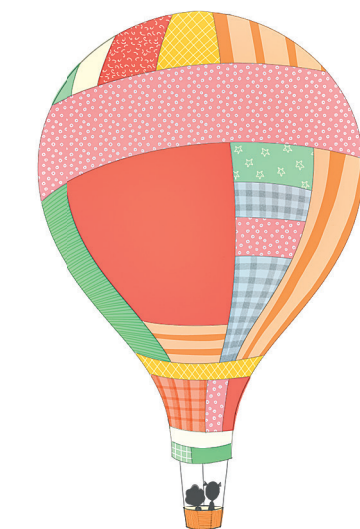
dantes só se completa e ganha sentido com o desenvolvimento de outros dois conjuntos de habilidades: socioemocionais e comportamentais.

Por habilidades socioemocionais, por exemplo, entende-se o desenvolvimento da autoestima – tão necessária para a aprendizagem e para o relacionamento interpessoal –, bem como da capacidade de sentir e demonstrar empatia, solidariedade e respeito pelas diferenças. Habilidades socioemocionais também podem dar aos alunos o sentimento de pertencer a uma humanidade que é comum a todos, com direitos, responsabilidades e valores compartilhados.

Já as habilidades comportamentais dizem respeito à maneira como os estudantes agem e se comportam na escola, em casa e no mundo. Ou seja, se adotam atitudes colaborativas, se são responsáveis, se sabem trabalhar em equipe.

Eis aqui um desafio e tanto para o Brasil, onde o foco da educação costuma privilegiar as habilidades cognitivas. No caso brasileiro, o que torna a situação ainda mais preocupante é o fato de que a prioridade dada às habilidades cognitivas tropeça ainda na baixa qualidade do ensino. Em geral, portanto, há um duplo problema: baixa aprendizagem (apesar do foco nas habilidades cognitivas) e pouca ou nenhuma atenção à formação cidadã (habilidades socioemocionais e comportamentais).

A educação para a cidadania global vem na esteira de outras iniciativas que marcaram época e que continuam servindo de referência. Em 1972, o Relatório Faure, cujo título era “Aprendendo a ser: o mundo da educação hoje e amanhã”, tratou dos conceitos de sociedade de aprendizagem e educação ao longo da vida. Com base no pressuposto de que a aprendizagem de uma criança e de um adolescente, na escola regular, não seria o bastante para sua inserção social e carreira profissional, o documento defendia o direito de todo indivíduo continuar aprendendo.



Em 1996, o Relatório Delors, intitulado “Educação: um tesouro a descobrir”, abordou o conceito dos quatro pilares da educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos). A ideia era orientar a formulação de políticas educacionais, enfatizando que as escolhas relacionadas à área do ensino refletiam o tipo de sociedade em que se queria viver.

Os quatro pilares permanecem mais válidos que nunca e norteiam a educação para a cidadania global. **Aprender a viver** juntos remete aos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. Dialoga com a diversidade, ao permitir o desenvolvimento de projetos comuns e o gerenciamento de conflitos inevitáveis. **Aprender a fazer** compreende mais que meramente aprender a realizar uma tarefa. Abrange, de maneira ampla, a aquisição de competências que permitam aos indivíduos tanto lidar com uma grande variedade de situações, muitas das quais imprevisíveis, quanto trabalhar em grupo, colocando em prática seus conhecimentos. **Aprender a ser** trata da necessidade de que o indivíduo desenvolva o pleno conhecimento de si e de que a educação considere todos os aspectos do potencial individual humano. **Aprender a conhecer**, por fim, que diz respeito à capacidade de descobrir o mundo. É um processo que nunca termina e que se enriquece, à medida que o indivíduo adquire novas experiências.

O desafio é grande. Ainda mais num século marcado por tamanhas contradições e



Somente acesso não é suficiente; precisamos de um novo enfoque na qualidade da educação e na relevância da aprendizagem, por meio do qual crianças, jovens e adultos realmente aprendam”

IRINA BOKOVA,
diretora-geral da UNESCO.

complexidades. De um lado, nunca tivemos uma geração tão conectada e com acesso a tanta informação. De outro, a intolerância atravessa fronteiras na velocidade de um clique, deixando rastros de destruição, morte e terror. O próprio crescimento econômico – chave para erradicar a pobreza – pode levar à destruição do planeta, se não for sustentável.

A tecnologia e as redes sociais aproximam pessoas, dão voz a multidões e aceleram mudanças. Se o mundo é multifacetado, a educação deve dialogar com a diversidade. A crença, equivocada, em verdades únicas impede a aceitação de que o pluralismo seja uma característica humana. A diversidade deve não só ser respeitada, enquanto manifestação da vida humana, mas também percebida como fonte de criatividade. Portanto, como um repertório de soluções para os desafios contemporâneos.

Não há consenso sobre o significado de cidadania global. A palavra cidadania costuma ser usada para designar direitos e deveres dentro de cada Estado-nação, isto é, em cada país. Em 2013, a UNESCO promoveu dois eventos para discutir o tema. Para a Organização, cidadãos globais “são indivíduos que pensam e agem para um mundo mais justo, pacífico e sustentável”. O texto “Educação para a cidade global – a abordagem da UNESCO” cita o “sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla, além de fronteiras nacionais, que enfatiza nossa humanidade comum e faz uso da interconectividade entre o local e o global, o nacional e o internacional”.

A cidadania global é um dos três conceitos-chave da Iniciativa Global Educação em Primeiro Lugar (Gefi, na sigla em inglês). Lançada em 2012 por Ban Kimoon, »



» atual secretário-geral da ONU, a iniciativa busca mobilizar os países em torno de três grandes objetivos relacionados à educação:

- 1 Matricular todas as crianças na escola;
- 2 Melhorar a qualidade da aprendizagem;
- 3 Fomentar a cidadania global.

A UNESCO lançou neste ano o guia pedagógico “Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem”, com orientações aos Estados-membros sobre como integrar, aos sistemas de ensino, a nova visão. Isso pode ocorrer, dependendo do país e de como o sistema de ensino se organiza, de três formas: como tema transversal, mediante integração a disciplinas específicas ou como disciplina autônoma. Em tese, as três modalidades não são excludentes e cada uma pode complementar a outra.

O guia propõe nove tópicos e lista 36 objetivos de aprendizagem relacionados à educação para a cidadania global, com temas para quatro faixas etárias distintas. Veja abaixo exemplos de objetivos para cada uma, no tópico sobre comportamento eticamente responsável:

- **5 A 9 ANOS:** discutir como nossas escolhas e ações afetam outras pessoas e o planeta, bem como adotar um comportamento responsável.
- **9 A 12 ANOS:** compreender os conceitos de justiça social e responsabilidade ética e aprender a aplicá-los na vida diária.
- **12 A 15 ANOS:** analisar os desafios e os dilemas relacionados com a justiça social e a responsabilidade ética, além de considerar as implicações para a ação individual e coletiva.
- **15 A 18 ANOS:** avaliar criticamente as questões de justiça social e responsabilidade ética e agir para combater a discriminação e a desigualdade.



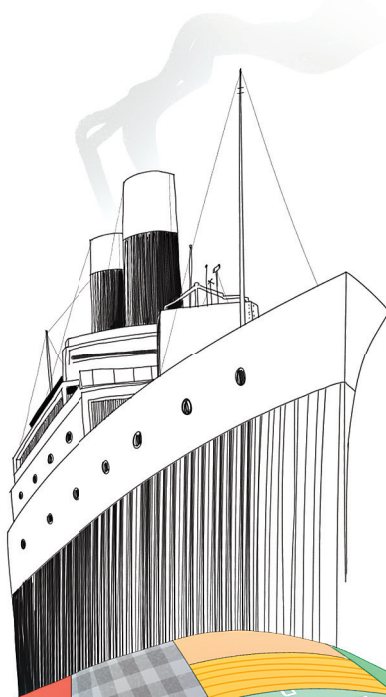
A diversidade deve ser respeitada como manifestação da vida humana, percebida como fonte de criatividade e vista como um repertório de soluções para os desafios contemporâneos.

EDUCAÇÃO: UMA RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

Agenda mais atual que nunca, a educação para a cidadania global tem pela frente o desafio de virar realidade, em meio à escalada mundial de intolerância étnica, cultural e religiosa. O foco é a defesa dos direitos humanos, da diversidade e da cultura de paz, partindo da premissa de que todo cidadão, independentemente do lugar onde mora, tem direito à vida, à liberdade e ao desenvolvimento. O livro “Repensar a Educação – Rumo a um bem comum mundial?”, lançado pela UNESCO neste ano, acrescenta outras reflexões ao tema.

Logo no prefácio, a diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, indaga: “De qual educação precisamos para o século XXI?” Em seguida, ela acrescenta outras duas perguntas: “Qual o propósito da educação no atual contexto de grandes transformações da sociedade? Como organizar a aprendizagem?”

Nesta segunda década do século XXI, a humanidade encara um novo momento histórico. A implantação da agenda de educação para a cidadania global coincide com a adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015. Dos 17 objetivos, um é dedicado exclusivamente à educação, com foco na busca pela qualidade do ensino. Trata-se do ODS de número 4, que menciona a educação para a cidadania global. Alinhado às metas da Agenda 2030 da UNESCO, esse objetivo



lista ações necessárias ao avanço da educação no planeta, no período 2016-2030.

Em 1990, a UNESCO liderou um movimento internacional pela promoção do direito à educação, com a realização da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia. Dez anos depois, em 2000, a Conferência de Dakar, no Senegal, lançou o compromisso de Educação para Todos (EPT), com metas até 2015.

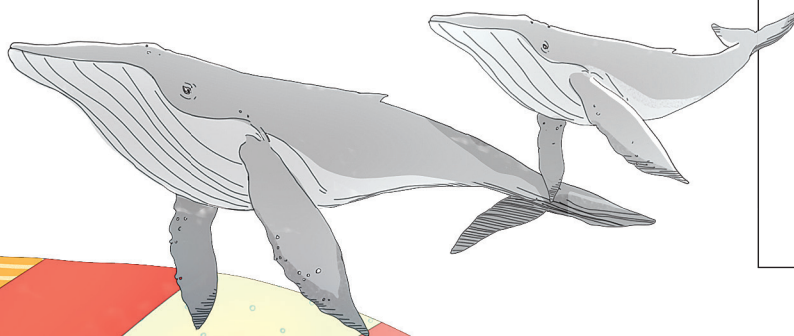
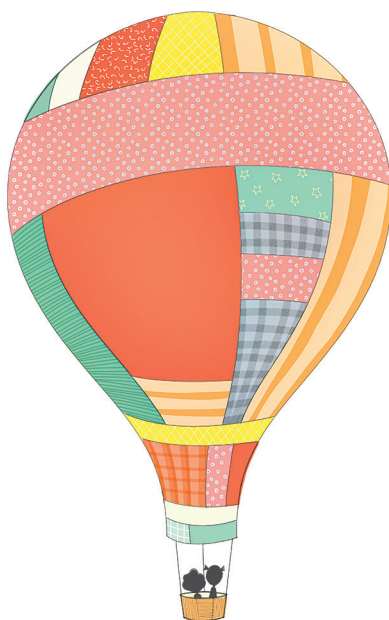
Recente balanço dos esforços do Educação para Todos mostrou avanços, como o aumento do acesso à escola, maiores índices de alfabetização de jovens e menores disparidades de gênero. Ainda assim, de acordo com o recém-lançado relatório “Repensar a Educação”, cerca de 130 milhões de crianças e adolescentes seguem sem estudar no mundo e quase 775 milhões de adultos são analfabetos. Pelo menos 250 milhões de crianças continuam incapazes de ler, escrever ou contar com desenvoltura, após quatro anos ou mais na escola.

Eis uma síntese dos desafios do século XXI: enquanto as metas de cobertura e atendimento escolar do século anterior ainda não foram mundialmente atingidas, as atenções se voltam para a busca da qualidade e de repensar o significado da aprendizagem. “Somente acesso não é suficiente; precisamos de um novo enfoque na qualidade da educação e na relevância da aprendizagem, por meio do qual crianças, jovens e adultos realmente aprendam. A escolarização e a educação formal são essenciais, mas precisamos ampliar nosso ângulo de visão a fim de estimular a aprendizagem ao longo da vida”, assinala Irina Bokova, no mesmo prefácio.

Para a UNESCO, está claro que a educação deve orientar-se pelo respeito à vida e à dignidade humana, pela igualdade de direitos, pela justiça social, pela diversi-

dade cultural, pela solidariedade internacional e pela responsabilidade compartilhada, tendo em vista a construção de um futuro sustentável. Não faltam, porém, obstáculos. Do ponto de vista econômico, o crescimento das últimas décadas reduziu as taxas de pobreza em escala planetária. Mas, em contrapartida, houve aumento da desigualdade, da exclusão e da violência não só dentro dos países, como também entre diferentes países. Ou seja, a distância entre ricos e pobres aumentou.

Ainda de acordo com o livro “Repensar a educação”, a globalização produziu baixo crescimento econômico e elevação do desemprego, especialmente entre jovens. “Isoladamente, a educação não pode esperar resolver todos os desafios relacionados ao desenvolvimento, mas uma abordagem humanista e holística da educação pode e deve contribuir para alcançar um novo modelo de desenvolvimento”, diz o texto. É o que pretende a educação para a cidadania global: contribuir para que cada um faça a sua parte e que a humanidade pavimente um caminho de desenvolvimento sustentável e cultura de paz. ●



REBECA OTERO

- ▼ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UNB), com especialização em Saúde Pública pela Universidade de Campinas (UNICAMP).
- ▼ Atua desde 2012 como coordenadora de Educação da UNESCO no Brasil. Já trabalhou em projetos de Educação, direcionados para as áreas de Educação Profissional, Educação em Saúde e Educação Preventiva em HIV/AIDS. Também implementou projetos em parceria com o Escritório Regional da UNESCO para Educação na África (BREDA) em países de língua portuguesa.



O DICIONÁRIO DO SÉCULO XXI para todas as idades

Os dicionários **Houaiss** foram pensados para estar sempre ao lado do **aluno**, na **escola** e na **vida**. Respeitando as características de cada faixa etária, cada obra preza pela segurança, clareza e precisão das definições. Assim, crianças e adolescentes podem contar com um apoio sólido para conceituar o mundo ao seu redor.

INCLUI
CÓDIGO DE ACESSO AO
DICIONÁRIO
DIGITAL



Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa



- Mais de 32.000 verbetes de palavras e locuções.
- Vocabulário técnico e científico classificados por áreas como biologia, matemática etc.
- Dedicar uma parte do seu conteúdo à gramática: estrutura das orações, classes de palavras, crase, pontuação, modelos de conjugação verbal.
- Além disso, oferece uma pequena enciclopédia com mais de 2.200 entradas de informações sobre personalidades, cenas da história, dados geográficos e de cultura em geral.

Indicação: Ensino Fundamental II e Médio • **Medidas:** 21 x 14,4 cm • **1ª edição**

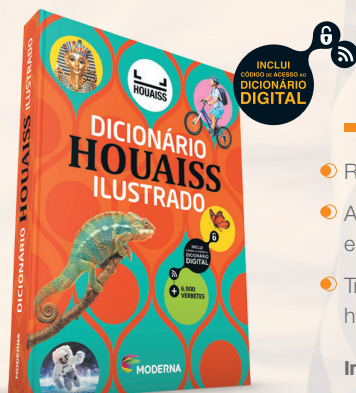
Brincando de Ler - Dicionário Ilustrado Houaiss de Alfabetização



- Definições em frases completas, adequadas para a faixa etária das crianças mostram como as palavras devem ser utilizadas.
- Auxilia no processo de alfabetização de maneira lúdica e simples.
- Ilustrações de dinossauros e outros animais, partes do corpo, localização espacial, formas geométricas, cores, divisão do tempo, sinais de pontuação, mapa do Brasil etc.

Indicação: Primeiros anos do Ensino Fundamental I • **Medidas:** 21 x 27,5 cm • **1ª edição**


Dicionário Houaiss Ilustrado



- Reúne em suas definições frases usadas pelas próprias crianças!
- Apresenta 6.682 entradas, 379 locuções, 860 palavras cognatas, 174 origens das palavras e 169 informações curiosas e sugestões de pesquisa na internet!
- Trabalha páginas temáticas sobre espaço urbano, espaço rural, biomas brasileiros, corpo humano, instrumentos musicais etc.

Indicação: Ensino Fundamental I • **Medidas:** 17 x 23,5 cm • **2ª edição**

PRESENÇA NAS REDES SOCIAIS

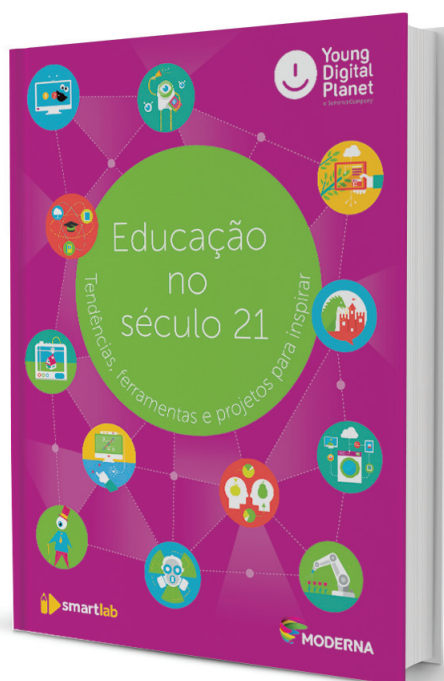
 /editoramoderna

FALE CONOSCO

 www.moderna.com.br



Livros



EDUCAÇÃO NO SÉCULO 21

POR SmartLab, Editora Moderna e Young Digital Planet

Como escolas e educadores no mundo todo estão repensando suas práticas, procurando inovar e aproximar suas salas de aula da sociedade contemporânea? Esta publicação discute a educação dentro do contexto brasileiro e traz iniciativas e projetos desenvolvidos no Brasil pelo Google for Education para inspirar as instituições de ensino que querem transformar suas práticas pedagógicas, a partir da formação de seus alunos e professores.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito disponível em goo.gl/16cPkP.



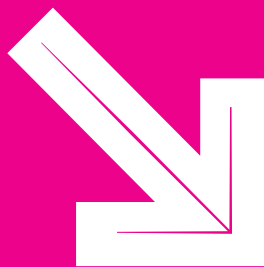
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL

POR Editora Moderna, Fundação Santillana e Todos Pela Educação

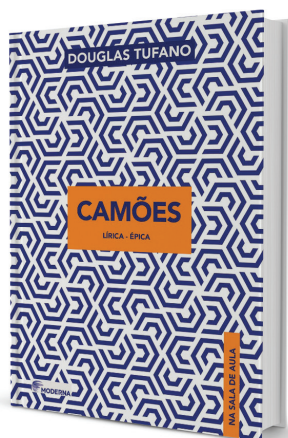
COORDENADO POR Fernando Luiz Abrucio

Baseado em um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas em 2015 com 55 especialistas, este material tem como objetivo contribuir para avanços em políticas públicas para a formação de professores. A coordenação da pesquisa e da publicação foi realizada pelo professor Fernando Luiz Abrucio e estabelece um diagnóstico do cenário atual da formação docente e estratégias a serem aplicadas para assegurar mudanças efetivas no contexto escolar.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito e versão para download disponíveis em goo.gl/16cPkP.



PUBLICAÇÕES QUE **POTENCIALIZAM** O DIA A DIA DO **PROFESSOR**

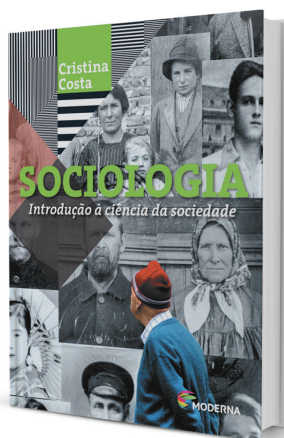


SÉRIE NA SALA DE AULA

POR Douglas Tufano

Nesta coleção, os professores podem aprofundar seus conhecimentos e conhecer curiosidades sobre grandes nomes da literatura brasileira e portuguesa como Machado de Assis, Eça de Queirós e Mario de Andrade. Com comentários de Douglas Tufano, as obras também podem ser aplicadas com os alunos para apresentar os clássicos literários e promover debates interessantes em sala de aula, colaborando para a compreensão de diversos gêneros (romance, crônica, poesia etc.) e para a preparação para o vestibular.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.

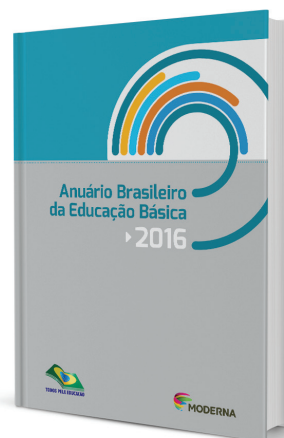


SOCIOLOGIA: INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA SOCIEDADE

POR Cristina Costa

Uma das obras mais adotadas em edição reformulada pensada a partir das experiências de professores de todo o Brasil. Diversas inovações, um projeto gráfico dinâmico e atrativo e novas propostas de debate para que os seus alunos se sintam motivados a atuar em sociedade.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



ANUÁRIO BRASILEIRO 2016

POR Editora Moderna
e Todos Pela Educação

Referência em números da educação no Brasil, o Anuário Brasileiro da Educação Básica chega a sua quinta edição e traz análises e projeções sobre o cenário educacional do país. O material é enriquecido com detalhes das modalidades de ensino, contextos regionais e socioeconômicos e artigos de especialistas nas diversas áreas da educação com o propósito de contribuir para o acompanhamento das metas de melhoria da qualidade da Educação.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito e versão para download disponíveis em goo.gl/16cPkP.

NEILL

LIBERDADE PARA APRENDER: UTOPIA OU REALIDADE?

Alguns nomes se tornam menos conhecidos do que as obras que realizaram. Para muitos, Alexander Neill é desconhecido. Mas quando se fala da escola *Summerhill*, ou de *educação democrática*, poucos sabem que foi este escocês, nascido em 1883, que plantou as primeiras sementes deste movimento.

POR Cauê Cardoso Polla

CRIADO em uma pequena cidade da Escócia, no seio de uma família calvinista, Alexander Neill conheceu de perto os métodos escolares que mais tarde repudiaria. Seu pai, diretor de escola, utilizava métodos tradicionais coercitivos de ensino, inclusive com o uso da palmatória. Aos 25 anos, Alexander matriculou-se na Universidade de Edimburgo para cursar Agronomia, mas logo migrou para a área de Língua Inglesa. Durante seu período universitário, escreveu diversos artigos para jornais estudantis nos quais falava, entre outros assuntos, sobre o tédio causado pelo ensino tradicional, criticava a aplicação de avaliações em formato de testes, sempre deixando claro suas opiniões rebeldes.

Em 1921, Neill funda a *Summerhill School*, instituição que se tornou referência absoluta de ensino democrático. Já com poucos anos de existência, passou a ser alvo de críticas, pois seus métodos nada convencionais chocavam as concepções pedagógicas e mesmo morais da época. Quase um século depois as críticas continuam. Por quê?

Falta de disciplina e autoridade, liberdade incondicional, pouco conteúdo... são as ideias que povoam o imaginário de grande parte das críticas, embora sejam quase sempre infundadas. Neill acreditava que a aprendizagem só poderia acontecer se a vontade de aprender, que é natural na criança, tenha condições de se desenvolver. Em outras palavras: a criança só pode ganhar autonomia sendo autônoma. Embora esta seja associada a uma liberdade incondicional, o ensino

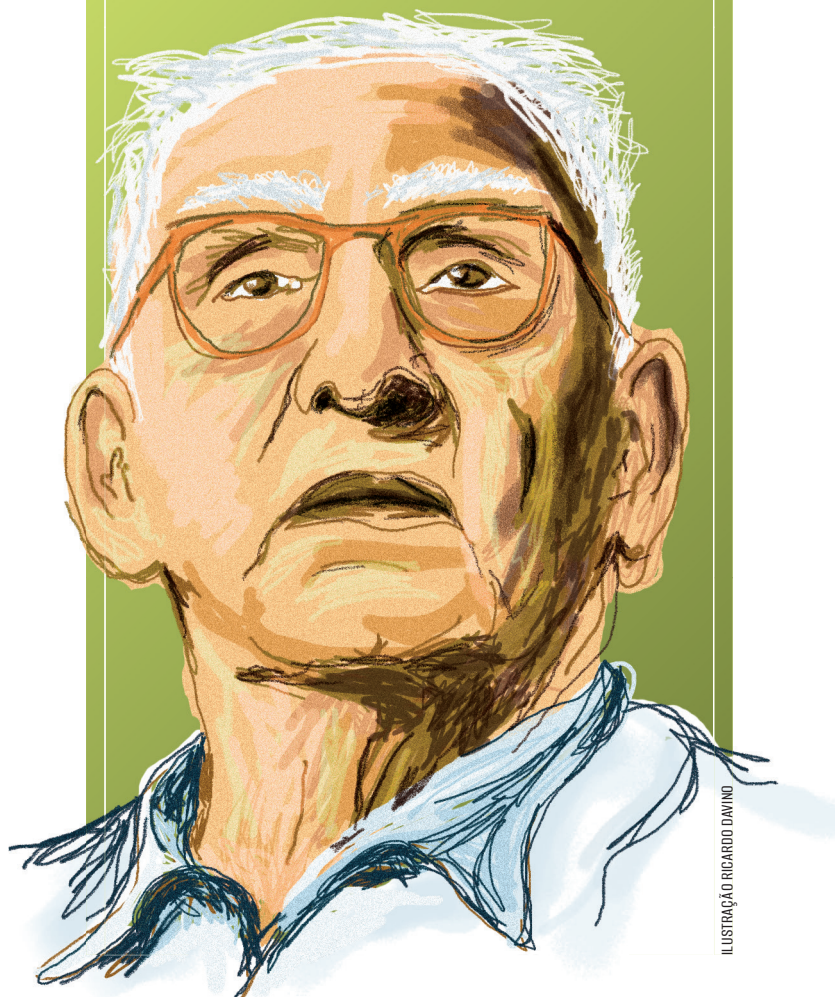


ILUSTRAÇÃO RICARDO DAVINO

democrático não é um “vale-tudo”. É verdade que a coerção e a proibição estão praticamente ausentes, mas existem regras. Embora escolham as “matérias” que desejam estudar, as crianças – para os mais velhos, há obrigatoriedade de algumas disciplinas – têm horários a seguir, e não podem fazer simplesmente o que querem o tempo todo. Outro ponto fundamental é que a educação é democrática não somente na perspectiva do aluno, mas também do professor, que tem autonomia para escolha dos métodos de ensino mais adequados, em comum acordo com a classe.

Ao falecer, em 1973, deixou um legado inestimável para a história da educação. A escola que criou décadas atrás continua ativa até hoje. Mas, escolas assim são viáveis? Muitos se perguntam se esse tipo de educação democrática não está criando futuros adultos mimados, despreparados para o “mercado de trabalho”, utópicos sonhadores. Escolas chamadas tradicionais tampouco dão conta de criar esse adulto ideal. O movimento das escolas democráticas alerta para o fato de que a educação acontece em uma multiplicidade e esperar uma fórmula ideal, um método perfeito, é uma ilusão. As gerações mudam, se transformam, criam novas realidades. Talvez a escola democrática chame atenção para essa realidade em transformação justamente por não fixar conteúdos ideais e métodos rígidos.

Visionários, em suas realizações, questionam o mundo. A *Summerhill School* nos faz questionar a educação. ●

EDUCAÇÃO E **CULTURA** A FAVOR **DA** **CIDADANIA**

Somos o braço de responsabilidade social da Editora Moderna, fomentando ações que contribuem para o desenvolvimento da educação e da cultura, além de incentivar a formação continuada e a inclusão social.



INCLUSÃO SOCIAL



GESTÃO E
AVALIAÇÃO



FORMAÇÃO E
VALORIZAÇÃO
DO PROFESSOR



INCENTIVO
À LEITURA



ARARIBÁ PLUS

Um projeto didático inovador,
conectado com as necessidades
reais da educação brasileira



O *Araribá Plus* é o projeto didático testado e aprovado para potencializar a aprendizagem dos alunos do século XXI.

A combinação pioneira entre a história pessoal e social dos alunos e o desenvolvimento das competências leitoras e socioemocionais torna o *Araribá Plus* único na formação integral dos alunos.

CONHEÇA NOSSOS DIFERENCIAIS EM
www.moderna.com.br/araribaplus



Tradição e pioneirismo que você conhece